

LARA CARVALHO MIRANDA

**AS CONSTRUÇÕES CONCESSIVAS DE POLARIDADE NEGATIVA NO
PORTUGUÊS DO BRASIL**

Juiz de Fora
2008

LARA CARVALHO MIRANDA

AS CONSTRUÇÕES CONCESSIVAS DE POLARIDADE NEGATIVA NO
PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora
2008
LARA CARVALHO MIRANDA

AS CONSTRUÇÕES CONCESSIVAS DE POLARIDADE NEGATIVA NO
PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito à obtenção do título de Mestre em
Linguística e aprovada pela seguinte banca.

Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda – Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Mariângela Rios de Oliveira – Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora
2008

À minha mãe.

AGRADECIMENTO

À professora Neusa Salim, minha orientadora, pela oportunidade de conviver de perto com sua presença tutora, inteligência, dinamismo e dedicação ao ensino, assim como por, ao reconhecer em mim uma “lingüista co-específica”, partilhar tão generosamente seu conhecimento.

À Dani, pelo empenho, competência, companheirismo e paciência.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFJF, pelo ensino de qualidade. Em especial à professora Maria Cristina Name, pela sensibilidade e por saber enxergar o aluno além dessa nomenclatura.

À minha mãe – A inefável dádiva da minha vida.

À minha vó Nina, presença ausente, que me ensinou a não ser galinha, estimulando minha natureza de águia a alçar vôos cada vez maiores e mais ousados.

À minha família, por serem os meus modelos cognitivos idealizados de amor, afeição, segurança, determinação, competência e retidão:

À ala ascendente (tios e tias): minhas bases pré-conceptuais: guias, conselheiros de minha formação e domínios base para minhas projeções.

À ala descendente (Ciro-Vitor, Bri-Bebela): projeções metafóricas e metonímicas, que me inspiram a cada dia pelo caráter, coragem, amor, empreendedorismo.

Ao Tu, pela constante presença vigilante e pelo olhar que só um verdadeiro pai é capaz de ter.

À Tété e ao Dé, padrinhos-pais, sempre dispostos a darem o melhor de si para que encontrasse e construísse o melhor de mim.

À irretocável dupla Formiga e Cigarra:

À minha pequena notável coordenadora, Érika, encarnação do paradoxo mais é menos, que, em sua natureza de formiga, entendeu minha natureza semi-cigarra e desculpou minhas ausências.

À Lu cuja natureza doce e afável tenho o privilégio de conhecer.

Ao Ale, pela constante presença, atenção e companhia. Por ter me motivado nas horas em que pensei não dar conta e por ter agüentado minhas variações de humor.

Aos amigos, por entenderem as minhas ausências e respeitarem esse momento.

Ao meu pai, pelos amparos noturnos.

À Academia, onde aprendi as primeiras letras e para cujas salas tive oportunidade de voltar pelas mãos da Beth.

RESUMO

Este estudo tem como objeto as, aqui nomeadas, **Construções Concessivas de Polaridade Negativa** (CCPNs) de dois tipos [**P nem que Q** – “*Tento estar presente, nem que seja por mensagens de texto*”(Revista Veja)] e [**~P nem que Q** - *E daqui não saio, nem que me empurrem (Corpora NILC)*] e, para desenvolvê-lo, lançou-se mão, principalmente, dos constructos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1999; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SALOMÃO 1997-2002; MIRANDA, 2000) e da Gramática das Construções ((LAKOFF, 1987; GOLDEBERG, 1995; SALOMÃO, 1997-2002; MIRANDA, 2000, 2002, 2006). Tendo a Linguística de Corpus como metodologia (SARDINHA, 2004; ALUÍSIO, ALMEIDA, 2006), constituiu-se um corpus com ocorrências do português do Brasil, colhidas, através de métodos de busca *online*, de *blogs*, revistas em versão *online* da Editora Abril e do *corpora* NILC, totalizando 300 dados com o conectivo concessivo *nem que*. A análise dos dados, apoiada nos fundamentos da Pragmática da Polaridade (ISRAEL, 2004), levou à verificação da existência de dois tipos de CCPN, cuja prototipicidade foi determinada pela distribuição dos itens de polaridade: (1) nucleares afirmativas selecionam condições mínimas como Itens de Polaridade Positiva (IPP) (*Recorra à aromaterapia para relaxar, nem que seja por 15 minutos (Revista Cláudia)*), enquanto que (2) nucleares negativas selecionam as condições máximas, por vezes, hiperbólicas, como seus Itens de Polaridade Negativa (IPN) (*o empresário não vai querer a estrada nem que o Estado implore (Revista Exame)*). A maioria das construções do corpus são as do tipo afirmativo (230 ou 77,97%). A baixa ocorrência das negativas (22,3%) deve-se à complexidade cognitiva e às exigências discursivas envolvidas em uma negação. Além desse achado, promoveu-se a descrição das pluridimensões da CCPN. Na conceptual, foram mostrados os esquemas imagéticos (ELO, CENTRO- PERIFERIA, ESCALA, FORÇA e DINÂMICA DAS FORÇAS) e as metáforas (MAIS É PARA CIMA- MENOS É PARA BAIXO, CAUSA É FORÇA FÍSICA, DISCUSSÃO É GUERRA) que permeiam a elaboração cognitiva das CCPNs, bem como foi apresentado o processo metonímico PARTE PELO TODO presente na base da CCPN Hiperbólica (*Não largo, nem que a vaca tussa*). Na dimensão pragmática, foi apresentada a configuração das CCPN enquanto atos de fala e o papel do contexto como desambigüizador da interpretação do ato ilocucionário no uso de tais construções. As análises evidenciaram ainda a

não sinonímia semântico-pragmática das CCPNs em relação às demais construções da rede de concessivas do PB, pontuando sua distribuição discursiva (contextos mais informais) e sua especificidade semântica de polaridade negativa marcada pela locução conjuntiva *nem que* que preserva o significado lexical de negação adverbial do *nem*. Na dimensão morfossintática, foram apresentados os padrões modotemporais e os de ordenação sintática em seu entrelaçamento com os modos de significação semântico-pragmático da construção em tela. Por fim, foi elaborada uma rede parcial, radialmente organizada por relações de herança, exibindo o nó formado pela Construção Concessiva de Polaridade Negativa e suas duas construções herdeiras. As análises empreendidas consolidam a hipótese de que as CCPNs se constituem como um padrão construcional específico dentro da rede de construções concessivas do PB.

ABSTRACT

This paper focuses on Concessive Constructions of Negative Polarity (CCNPs) of two kinds [*P even if Q* - “*Tento estar presente, **nem que** seja por mensagens de texto* [I try to be present, even if it is through text messages] *Veja magazine*] and [*~ P even if Q* - *E daqui não saio, **nem que** me empurrem* [And I don’t leave here, even if they push me] *Corpus NILC*] and, in order to develop it, we use ,mainly, theoretical constructs of Cognitive Linguistics (LAKOFF, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1999; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SALOMÃO 1997-2002; MIRANDA, 2000) and Construction Grammar (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995; SALOMÃO, 1997-2002; MIRANDA, 2000, 2002, 2006). Having Corpus Linguistics as methodology (SARDINHA, 2004; ALUÍSIO, AMEIDA, 2006), a corpus was built with examples assembled through online search methods, blogs, online magazines of Editora Abril and corpus NILC, totalling 300 pieces of data with the connector *even if*. The analysis of data, with support from principles of *The Pragmatics of Polarity* (ISRAEL, 2004), led to the evidence of the existence of two kinds of CCNPs whose prototypicality was determined by the distribution of the items of polarity: (1) affirmative main clauses select minimal conditions as Positive Polarity Items (PPI) (*Recorra à aromaterapia para relaxar, **nem que** seja por 15 minutos* [Make use of aromatherapy to relax, even if it is for 15 minutes] *Cláudia magazine*), whereas (2) negative main clauses select maximum conditions, sometimes hyperbolic, as their Negative Polarity Items (NPI) (*o empresário não vai querer a estrada **nem que** o Estado implore* [the entrepreneur won’t want the road even if the Government begs] *Exame magazine*). Most constructions of the corpus are of the affirmative type (230 or 7,97%). The low occurrence of negatives – 22,3% - is due to the cognitive complexity and discursive demands involved in a negation. Besides this finding, the pluridimensions of CCNPs were described. In the conceptual dimension, image schemas were shown (LINK, CENTRE-PERIPHERY, SCALE, FORCE and FORCE DYNAMIC) and the metaphors (MORE IS UP – LESS IS DOWN, CAUSE IS PHYSICAL FORCE, ARGUMENT IS WAR) which interpose the cognitive elaboration of CCNPs, as well as the metonymic process PART FOR WHOLE present on the basis of the Hyperbolic CCNP were presented (*não largo, **nem que** a vaca tussa* [I don’t let go, even if pigs fly]). In the pragmatic dimension, the configuration of the CCNPs as speech acts and the role of the context as a way of avoiding ambiguous interpretation of the illocutionary act in

the use of those constructions were presented. Our analysis showed also the non-synonymy semantic-pragmatic of the CCNPs compared to the other constructions of the concessive net of Brazilian Portuguese (BP), focusing on their discursive distribution (more informal contexts) and their semantic specificity of negative polarity marked by the connector *even if* which preserves the lexical meaning of adverbial negation of *even*. In the morphosyntactic dimension, the mood-temporal and syntactic arrangement standards in their connection with the semantic-pragmatic meaning moods of this paper were presented. Finally, we created a partial net radially organized by inheritance relationships showing the knot made by the Concessive Constructions of Negative Polarity and their two heir constructions. Our analysis consolidate the hypothesis that the CCNPs are a specific construction standard in the concessive construction of BP net.

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?"*

Carlos Drummond de Andrade"

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Esquema de Dinâmica das Forças - Antagonista mais forte	38
FIGURA 2 – Esquema de Dinâmica das Forças - Agonista mais forte	39
FIGURA 3 – O <i>continuum</i> entre as noções de causa-condição-concessão	62
FIGURA 4 – Exemplo de palavra buscada no <i>WordSmith Tools</i>	78
FIGURA 5 – Exemplo de agrupamentos lexicais mostrados pelo <i>WordSmith</i>	78
FIGURA 6 – Diagrama de Dinâmica das Forças - Agonista mais forte em repouso	87
FIGURA 7– Diagrama de Dinâmica das Forças - Agonista mais forte em movimento	88
FIGURA 8 – Exemplo de indefinição do resultado na Dinâmica das Forças	90
FIGURA 9 – Dinâmica das Forças – Agonista mais forte no ato assertivo	102
FIGURA 10 – Indefinição do resultado na Dinâmica das Forças no ato diretivo	103
FIGURA 11 – Rede das Construções Concessivas de Polaridade Negativa	125

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição dos Itens de Polaridade	93
TABELA 2 – Ordenação sintática das concessivas em relação à nuclear	104

TABELA 3 – Padrão modo temporal nuclear - concessiva	108
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM.....	19

2.1 O COGNITIVISMO LINGÜÍSTICO.....	20
2.1.1 Os fundamentos da Lingüística Cognitiva.....	22
2.1.2 A contribuição de outros campos científicos para os estudos do uso lingüístico.....	25
2.2 PROCESSOS SOCIOCOGNITIVOS DE CATEGORIZAÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÃO.....	29
2.2.1 Esquemas Imagéticos e Categorias de Nível Básico.....	32
2.2.2 Domínios conceptuais.....	40
2.2.3 Domínios em ação: <i>inputs</i> na construção do sentido.....	41
2.2.4 Processos de Integração Conceptual: a projeção e a mesclagem.....	42
2.2.5 Teorias da Metáfora e da Metonímia	44
2.2.5.1 A <i>Metáfora</i>	44
2.2.5.2 A <i>Metonímia</i>	50
2.3 GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES.....	52
3 A CONCESSÃO.....	57
3.1 ABORDAGEM GRAMATICAL TRADICIONALISTA.....	57
3.2 ABORDAGEM FUNCIONALISTA.....	59
3.3 ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA.....	67
4 A CONSTRUÇÃO CONCESSIVA DE POLARIDADE NEGATIVA.....	71
4.1 METODOLOGIA.....	74
4.1.1 A formação do corpus e o panorama analítico traçado.....	75
4.2 O PROCESSO INVESTIGATIVO.....	79
4.3 AS MULTIDIMENSÕES DA REDE CONSTRUCIONAL CONCESSIVA	82
4.3.1 A motivação conceptual da rede construcional concessiva.....	82
4.3.1.1 O esquema imagético <i>CENTRO-PERIFERIA</i>	83
4.3.1.2 O Modelo da Dinâmica das Forças.....	86
4.3.1.3 O entrelaçamento semântico-pragmático entre polaridade e escalas.....	91
4.3.1.3.1 Escala e Verticalidade – duas bases conceptuais integradas	95
4.3.2 A dimensão pragmática da Construção Concessiva de Polaridade Negativa.....	96
4.3.2.1 As concessivas como atos de fala.....	96
4.3.2.2 A ambigüidade pragmática.....	101
4.3.3 A dimensão morfossintática.....	103
4.3.3.1 O padrão de ordenação da CCPN.....	104
4.3.3.2 Padrão modo-temporal.....	107
4.4 A NÃO-SINONÍMIA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO CONCESSIVA DE POLARIDADE NEGATIVA E SEU PROCESSO DE CONVENCIONALIZAÇÃO.....	110
4.4.1 O ambiente discursivo da CCPN.....	111
4.4.2 O grau de idiomatização da CCPN.....	114
4.5 A FREQUÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES CONCESSIVAS DE POLARIDADE NEGATIVA DO TIPO [<i>~ P NEM QUE Q</i>].....	118
4.5.1 As Construções Concessivas de Polaridade Negativa Hiperbólicas.....	120
4.6 AS RELAÇÕES DE HERANÇA.....	124
4.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126

5 CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	132
ANEXO(S).....	135

1 INTRODUÇÃO

Durante os anos escolares, *nem que eu lesse mil vezes a gramática normativa culta, nem que ouvisse 10 mil vezes a explicação da professora, nem que perguntasse todas as vezes em que tinha dúvidas, eu conseguia entender realmente no que consistiam as relações denominadas concessivas*, mais especificamente as orações subordinadas adverbiais concessivas.

Como todo falante nativo, compreendia a significação do todo enunciado, entendia o que “a frase queria dizer”, mas não percebia o vínculo existente entre o nome concessiva e aquela relação complexa veiculada. Não compreendia também porque as demais relações pareciam ser mais facilmente assimiladas. Por que os “porques”, os “ses”, os “para ques” mostravam-se tão próximos de minha realidade e, às vezes, tão desnecessários de serem explicados?

Entretanto, quando surgiam os “emboras”, os “conquantos”, os “posto ques”, sentia aquelas palavras como pertencentes a outro idioma. *Eu não percebia claramente o que acontecia nem que a vaca explodisse de tanto tossir.*

Hoje, na frente das carteiras, deparei-me várias vezes com as mesmas indagações, agora, feitas pelos meus alunos, e percebo como quão fácil é a assimilação das demais adverbiais se comparadas às concessivas. Situação semelhante à que acontecia comigo.

Sei que, por mais que minha(s) professora(s) se esforçasse(m) para me explicar o que se passava por trás daquela nomenclatura, a militância da suficiência da forma, a que ela e todos de sua geração estavam submetidos, não lhe(s) fornecia os aportes teóricos necessários para iluminar minhas dúvidas.

Hoje, por mais que o mito ainda esteja presente, por ser essa visão parte integrante do pensamento cultural de nossa sociedade, o fortalecimento da Linguística Cognitiva e seu impulsionamento nos meios acadêmicos lingüísticos permitem a tomada de novos rumos investigativos e, conseqüentemente, uma nova visão que lança luz sobre as relações entre forma e sentido.

O presente trabalho, diante disso, pretende ser uma fagulha no céu dos estudos lingüísticos, *contribuindo, nem que seja limitada e timidamente, para esclarecer* as complexas relações concessivas e os processos cognitivos silenciosos que subjazem à sua elaboração.

Para tal empreendimento, estudaremos especialmente as construções concessivas introduzidas pela locução conjuntiva *nem que* de dois tipos - *Dê uma volta, **nem que** seja no quarteirão* (*Revista Boa Forma*) - [*P nem que Q*] e - ***Não** vou*

mudar por ninguém. Nem que isso custe uma grande perda (<http://mundorosadave.blogspot.com/>) - [*~P nem que Q*], por nós nomeadas Construções Concessivas de Polaridade Negativa (CCPNs).

Este estudo, ligado ao macro-projeto Construções Superlativas no Português do Brasil (MIRANDA, 2007), postula a CCPN como um padrão construcional específico dentro da rede de Construções Concessivas do PB. De modo a evidenciar tal postulação, propõe-se uma descrição sincrônica que contemple, de modo integrado, os níveis formal, semântico e pragmático das construções referidas,

Essa perspectiva analítica integradora será orientada pelos constructos teóricos da Lingüística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1980[2002], 1999; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2000; CROFT, CRUSE, 2004), da Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDEBERG, 1995; SALOMÃO, 1997-2002; MIRANDA, 2000, 2002, 2006), bem como se beneficia das teorias dos Atos de Fala (AUSTIN, SEARLE, apud GOUVEIA 1996), da Pragmática da Polaridade (Michael Israel, 2004), dos Usos da Linguagem (CLARK, 1996), da Antropologia Evolucionista (TOMASELLO, 2003) e do Funcionalismo Lingüístico (NEVES, 2000, 2006, 2008; MARTELOTTA, 1998).

Essa escolha deveu-se ao reconhecimento da sofisticação e riqueza da Lingüística Cognitiva no tratamento corporificado da significação, ao ventilar o elo entre razão, emoção e imaginação no pensamento humano. De igual modo, instituiu-se, nesse viés teórico, a dimensão social e cultural dos processos de significação.

De posse do escopo teórico da Lingüística Cognitiva, assumindo o papel do contexto na construção da significação e, assim, corroborando com a tendência atual dos estudos lingüísticos em analisar a linguagem a partir de suas manifestações reais no discurso, partimos para uma parceria teórico-metodológica com a Lingüística de Corpus (SARDINHA, 2004; ALUÍSIO, ALMEIDA, 2006). Nessa direção, o primeiro passo foi constituir um corpus específico que permitisse visualizar o comportamento das CCPNs; o que foi realizado a partir da coleta de ocorrências, através de mecanismos de busca eletrônicos, em blogs, revistas com conteúdo online da Editora Abril e no corpora NILC.

Postas essas considerações, passamos a apresentar a organização da presente dissertação:

O segundo capítulo discorre resumidamente sobre os diferentes paradigmas cognitivistas do século XX; apresenta, posteriormente, de modo sucinto, na voz da Hipótese Sociocognitiva, os pressupostos nucleares da Lingüística Cognitiva: os processos sociocognitivos de categorização e conceptualização (LAKOFF, JOHNSON, 1987, 1999); os processos de integração conceptual (LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SALOMÃO, 1999, MIRANDA, 2000) e a Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDEBERG, 1995; SALOMÃO, 1997-2002). Também são abordadas teorias de outros autores de campos científicos diversos que contribuem para o estudo lingüístico, tais como Austin e Searle (1962-1979), Clark (1996), Tomasello (2003). Anunciam-se, ao longo do capítulo, os olhares e os pontos teóricos, alicerces do desenvolvimento analítico e de sua compreensão.

O terceiro capítulo versa sobre aspectos formais e semântico-pragmáticos das construções concessivas genéricas já atestados em estudos anteriores, principalmente os de Neves (2000, 2006, 2008), a fim de fornecer maiores detalhes acerca da natureza das construções concessivas.

O capítulo quatro, coração do trabalho, tendo sempre por fio condutor o viés sociocognitivista, apresenta a análise das multidimensões da CCPN, a saber conceptual, semântico-pragmático, morfossintático, e a postulação de serem tais construções um nóculo construcional específico da rede das concessivas do PB, formado por construções de dois tipos – uma afirmativa e outra negativa. Para fundamentar essa proposta, identificamos características das CCPNs que as distinguem das demais estruturas lingüísticas complexas da rede e delineamos seus vínculos de motivação e herança.

Por fim, na conclusão, apresentamos os principais ganhos teóricos e analíticos possibilitados pela imersão cognitiva exigida pelo estudo em tela.

Destarte, o presente trabalho buscou, através da análise localizada de um nóculo da rede das Construções Concessivas, evidenciar o complexo sistema conceitual que subjaz à estruturação do pensamento e da linguagem, bem como os processos projetivos de integração conceptual que conduzem para a constatação de que a forma aponta para/ e constitui uma pista do intrincado e complexo poder criativo e elaborativo da mente humana.

2 UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM

A perspectiva lingüística que abraçamos, enfeixada pelo rótulo de **Lingüística Cognitiva**, compromete-se com uma análise da linguagem em consonância com as experiências humanas. Considerando experiência, nos termos de Johnson (1987), o conjunto das dimensões perceptuais, motoras, emocionais, históricas, sociais e lingüísticas, a Lingüística Cognitiva propõe uma agenda investigativa, legitimando a linguagem como um modo de cognição, que funciona entrelaçado com outras capacidades cognitivas.

Este capítulo apresenta uma revisão dos aportes teóricos que guiam o nosso olhar na análise das construções concessivas, abordando a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem (SALOMÃO, 1999), que une os pressupostos da Lingüística Cognitiva (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1980[2002], 1999; SILVA, 1997, 2004; CROFT, CRUSE, 2004; FAUCONNIER, TURNER, 2002) e da Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDEBERG, 1995; SALOMÃO, 1997-2002; MIRANDA, 2000, 2002, 2007). Constructos teóricos derivados da Pragmática (AUSTIN, SEARLE, apud GOUVEIA 1996), da Psicologia (CLARK, 1996, apud MIRANDA, 2002) e da Antropologia Evolucionista (TOMASELLO, 1999[2003]) servirão de endosso ao viés interacional e cultural da cognição e da linguagem imposto pelo sociocognitivismo.

Iniciaremos por uma breve consideração sobre os distintos paradigmas cognitivistas do século XX (seção 2.1) para, em seguida, nos determos nos fundamentos da Lingüística Cognitiva (seção 2.1.1), apresentando-a como uma teoria lingüística humanista e encarnada (LAKOFF, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1999, 1980[2002]; SILVA, 1997, SALOMÃO1999), bem como enfocaremos a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem (SALOMÃO, 1999), que ressalta o papel do contexto discursivo real no processo significativo. Dentro desse panorama expositivo, discutiremos sobre teorias (seção 2.1.2) que demonstram como o sentido constrói-se a partir do compartilhamento de ações e intenções no discurso (CLARK, 1996) e como as estruturas cognitivas e a identidade individual necessitam do **outro** para que se emergirem/construam (TOMASELLO, 1999[2003]). Abordaremos, a seguir, os processos de categorização e conceptualização (seção 2.2), apresentando nossas “formas de raciocínio invisíveis”, que ocorrem em um plano pré-conceptual– esquemas imagéticos e categorias de nível básico (seção 2.2.1) (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1980[2002], 1999;

SILVA, 1997, o modo como organizamos coerentemente nossas experiências através de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) (seção 2.2.2), e a maneira como esses domínios do conhecimento inter cruzam-se no discurso para construir o conhecimento e o sentido (seção 2.2.3 e 2.2.4) CROFT, CRUSE, 2004; FAUCONNIER, TURNER, 2002). Os fenômenos cognitivos da Metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], 1999; LAKOFF, 1987) e da Metonímia (LAKOFF, 1980[2002]; BARCELONA, 2003; SILVA, 2003) serão apresentados, respectivamente, nas seções 2.2.5.1 e 2.2.5.2. Por fim, apresentaremos a teoria da Gramática das Construções (seção 2.3) (LAKOFF, 1987; GOLDEBERG, 1995; SALOMÃO, 1997-2002; MIRANDA, 2000, 2002, 2006), percorrendo seus escopos teóricos.

2.1 O COGNITIVISMO LINGÜÍSTICO

Apesar de a perspectiva cognitiva sobre a linguagem não ser nova, remontando à “hermeneia” (interpretação do pensamento) aristotélica, foi apenas na segunda metade do século XX que tal abordagem constituiu-se como paradigma científico dentro da Lingüística. A partir daí, dois modelos teóricos cognitivistas vêm se desenvolvendo (a Gramática Gerativa e a Lingüística Cognitiva), integrando o rol das Ciências Cognitivas ao lado de outras ciências, como a Psicologia Cognitiva, a Neurolingüística, a Inteligência Artificial.

Os primeiros cognitivistas, com sua fundamentação racionalista, buscavam explicar o funcionamento mecânico da mente, através de padrões lógico-matemáticos, acreditando ser possível a reprodução de todos os elementos envolvidos no processo do fenômeno mental, a partir da sua descrição através de símbolos e palavras. Esse pensamento motivou a investigação da mente como um sistema de manipulação simbólica a partir de um modelo computacional. A partir da segunda metade do século XX, várias áreas como a Neurociência, a Psicologia e a Lingüística, inclusive, com seu modelo gerativo proposto por Chomsky, foram influenciadas por essa corrente.

Dentro deste viés teórico, a tradição gerativista concebe a existência de uma faculdade da linguagem, considerada como um componente autônomo e

específico e, em princípio, independente de outras faculdades mentais, sendo, pois, o conhecimento da linguagem independente de outros tipos de conhecimento. Chomsky reconhece a presença de um sujeito cognitivo no jogo lingüístico, que tem uma capacidade criativa de gerar formas infinitas através de meios finitos. O falante-ouvinte do gerativismo, entretanto, é um sujeito equipado geneticamente com um módulo cognitivo autônomo, ativado pelo uso, que independe das experiências sensório-motoras do indivíduo, bem como do contexto sócio-histórico. Com isso, há, para essa teoria da linguagem, um indivíduo desencarnado portador de um módulo específico para a linguagem, que independe tanto de outras habilidades cognitivas bem como de outros processos mentais.

Para o cognitivismo clássico, portanto, mente e corpo são duas entidades distintas. A razão é vista como o ponto central do conhecimento, e as experiências tanto físicas quanto sociais são periféricas na aquisição do conhecimento lingüístico.

Tal posicionamento racionalista é diametralmente oposto ao panorama traçado pelo paradigma nomeado, nas últimas décadas do século XX, como Lingüística Cognitiva. Como explica Geeraerts apud Silva (1997), o gerativismo, por interessar-se pelo conhecimento *da* linguagem, vê a linguagem como o objeto a ser estudado. Já a Lingüística Cognitiva, interessando-se pelo conhecimento *através da* linguagem, a vê como meio de conhecimento.

Nessa direção, a Lingüística Cognitiva considera **a experiência** como fundamento essencial ao pensamento e à linguagem e erige **o sentido** como ponto central de sua agenda investigativa, optando pela análise semântica na busca da compreensão dos fenômenos cognitivos, que estão na base da produção e interpretação de significados. Nos termos de Silva (1997), o significado, dentro deste modelo teórico, tem uma natureza enciclopédica e perspectivante, o que levaria à impossibilidade de separação da informação lingüística e o conhecimento de mundo, visto ser pela linguagem que se categoriza o mundo. Já a questão perspectivadora revela-se na medida em que a categorização realizada pela linguagem não reflete objetivamente a realidade, já que essa é uma construção da maneira como concebemos e interpretamos o mundo.

Considerando que a escolha teórica do presente estudo recai, conforme já anunciado, sobre a Lingüística Cognitiva, é sobre a agenda programática deste modelo teórico que passamos a nos debruçar nas próximas seções e em todo o capítulo.

2.1.1 Os fundamentos da Lingüística Cognitiva

Para a Lingüística Cognitiva contemporânea, surgida, em fins do século XX, como uma clara dissidência ao cognitivismo chomskiano, a mente é essencialmente corporificada, sendo nossa cognição o resultado das nossas ações no mundo bem como de nossas capacidades sensório-motoras. Portanto, é da nossa constante interação com o mundo que os conceitos emergem e se desenvolvem, havendo uma conexão inseparável entre mente corpo. Essa concepção de que o pensamento é encarnado é a perspectiva filosófica conhecida como **Experiencialismo** ou Realismo corporificado (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1999, 1980[2002]).

Nesse viés, as experiências individual e coletiva ganham relevo na compreensão do pensamento e, como é visto por outro ângulo, as relações entre pensamento, realidade e linguagem assumem outra configuração. A realidade é percebida com base em nossas contingências biológica, social e cultural. A maneira como a realidade é apreendida pelas experiências sensório-motoras e sócio-culturais fará emergir conceitos, que constroem o nosso entendimento do mundo e de nós mesmos (seções 2.2.1 e 2.2.2).

Dentro desse ambiente de resgate e valorização de aspectos humanos, tais como emoção, imaginação, corpo, percepção, entre outros, a razão humana adquire um elo indiscutível com as bases de conhecimento corporificadas. A “autonomia” da linguagem e a modularidade da mente, sustentadas pelo gerativismo, por sua vez, caem por terra diante da visão que concebe a cognição humana como um conjunto de sistemas ou modos, operando conjuntamente, e a linguagem, como um dos modos deste sistema.

Nessa perspectiva, portanto, a linguagem passa a ser dimensionada em um trabalho integrado com outras capacidades cognitivas, como a percepção e as emoções humanas; e as realizações lingüísticas passam a ser estudadas como manifestações de capacidades gerais de cognição, que compreendem princípios de categorização, organização e integração conceptual, bem como experiências socioculturais.

Assim, para os cognitivistas, um dos princípios fundamentais da cognição e, portanto, da compreensão dos processos de significação em linguagem é a *gestalt*. O pensamento apresenta propriedades *gestálticas* e, dessa forma, o todo se configura cognitivamente como sendo mais simples do que as partes e, nesse passo, o pensamento enseja mais do que uma simples combinação de símbolos. Essa idéia encampa outra diferença no que diz respeito à previsibilidade do pensamento, antes tido como literal e previsível. Lakoff e Johnson (1999) enunciam ser o pensamento inconsciente majoritário, por corresponder a 95% de todos os processamentos.

O poder imaginativo, criativo e pouco previsível da capacidade cognitiva humana é revelado a partir da proposição pelos cognitivistas contemporâneos dos três *Is* da cognição: *identidade*, a capacidade de elaborar referências, apenas possibilitada pela capacidade de nossa mente de realizar a *integração* de domínios, através da *imaginação*. Essas operações complexas e dinâmicas estão na base da construção da significação, inclusive, nas formas mais simples, de acordo com Fauconnier e Turner (2002)

Assim dimensionada, a Lingüística Cognitiva assume um compromisso com os processos de significação, abrindo, em sua agenda programática, um espaço de relevo para a Semântica e deixando de lado a visão gerativista centrada na Sintaxe. Como pontua Silva (2004, p.5), essa teoria assume e desenvolve uma concepção **inteiramente contextualizada da construção do significado**. Nas palavras de Salomão (1999, p. 12), tal perspectiva salienta-se:

A linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, predizer o futuro, planejar ações.

Afirmando ser a *significação uma construção mental produzida pelos sujeitos cognitivos no curso de sua interação comunicativa* (SALOMÃO, 1997, p. 26), Salomão realça o papel do contexto no processo de significação. É com esta preocupação que a autora (1999, p. 12), ao atestar o caráter incompleto da forma lingüística fora de uma análise que também contemple o contexto, propõe uma hipótese que visa uma “ênfase equilibrada em todas as fontes de conhecimento disponíveis – gramática, esquemas conceptuais, molduras comunicativas – rotulando-a de **Hipótese Sociocognitiva**. A idéia defendida por esta hipótese é a de

que a Lingüística Cognitiva una os avanços das **teorias da significação** no campo da integração conceptual (semântica e pragmática) com uma **teoria da gramática**, que visa demonstrar a união da forma (gramática e léxico) e do sentido (semântico-pragmático), tendo em foco o discurso efetivamente atestado. A autora (1999) identifica dois princípios fundamentais na agenda investigativa da Hipótese Sociocognitiva: a escassez do significante e o dinamismo da determinação contextual.

O **Princípio da escassez do significante** se contrapõe à visão da linguagem propugnada pela “metáfora do conduto” (REDDY, 1993). Tal visão pauta-se na idéia de que as formas lingüísticas podem conduzir o significado do emissor para o receptor, sendo a linguagem, dessa forma, um conduto por onde se passam pensamentos de uma pessoa para outra.

Assim, o princípio anunciado filia-se ao pensamento de Fauconnier (1994, x) que aponta para a subdeterminação do significante, ao afirmar que “*a linguagem não porta o sentido, mas o guia*”. Entende-se, portanto, que o sinal verbal não dá conta de transmitir, isoladamente, todo o conteúdo semântico-cognitivo-social da linguagem, mas é uma pista desse conteúdo. Com isso, Salomão defende o papel configurador do contexto na cognição humana.

Nesses termos, a Hipótese Sociocognitiva diverge de uma semântica composicional, na medida em que nega um sentido pétreo e previsível configurado de modo linear pelo significante fora da cena interacional.

O **Princípio do dinamismo da determinação contextual** é anunciado em sintonia com a visão de que os atos da vida não ocorrem destituídos de um contexto e, assim, todas as ações são construídas socialmente, sustentadas interativamente e temporalmente delimitadas (SALOMÃO, 1999, p. 26). A dinâmica das construções cognitivas, com isso, é determinada pelo contexto interacional, e as possibilidades de se construir o sentido, assim, necessariamente, sofrem cerceamento pelos aspectos envolvidos na interação. Dessa forma, o contexto é entendido como a relação entre os participantes (papéis sociais e discursivos), o propósito comunicativo e o evento discursivo em foco (entrevista, palestra, reunião, apresentação).

Dada a relevância da dimensão do USO para os estudos sociocognitivos da significação e, em especial, para o presente trabalho, abrimos, na próxima seção, um espaço para apresentar, ainda que de modo sucinto, as contribuições teóricas de

outros campos científicos fundamentais para o entendimento desta questão lingüística.

2.1.2 A contribuição de outros campos científicos para os estudos do uso lingüístico

A primeira tradição que, em meados do século XX, insere o **uso** na ciranda dos estudos lingüísticos são os estudos pragmáticos de Austin e Searle (apud GOUVEIA, 1996) e, em especial, a Teoria dos Atos de Fala que injeta novo olhar sobre a linguagem ao afirmá-la como uma forma de ação ("Todo dizer é um fazer").

A partir dessa teoria, começa-se a dar importância ao falante no âmbito das produções de sentido, por se considerar que as ações por ele desempenhadas no ato de fala representam sua intenção ao comunicar-se. Assim, passa-se a refletir sobre os diversos tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem.

Austin, ao perceber que todos os enunciados, ao ocorrerem, realizam algum tipo de ação, identifica três dimensões simultânea em cada ato/enunciado: i) o ato locucionário (ato de dizer cada um dos elementos lingüísticos que compõem o enunciado); ii) o ato ilocucionário (intenção do falante ao dizer) ; iii) o ato perlocucionário (reação do ouvinte frente ao que foi dito). Em relação ao ato ilocucionário, o autor propõe uma tipologia nos seguintes termos:

- (i) Representativos ou Assertivos: mostram a crença do falante quanto à verdade da proposição expressa: afirmar, asseverar, dizer.
- (ii) Diretivos: tentam levar o ouvinte a fazer algo: ordenar, pedir, mandar, sugerir, aconselhar, avisar.
- (iii) Comissivos ou Compromissivos: comprometem o falante com uma ação futura: prometer, garantir, ameaçar, oferecer.
- (iv) Expressivos: expressam sentimentos e estados psicológicos: desculpar-se, agradecer, dar boas vindas, parabenizar
- (v) Declarativos: produzem uma situação externa nova, efetuando mudanças no estado de coisas: batizar, demitir, condenar, declarar guerra. (GOUVEIA, 1996, p. 392; MIRANDA, 2000, p. 38)

Dentro deste enquadre teórico, considera-se, no entanto, que não basta proferir um enunciado, para que se garanta a realização da intenção-ação nele expressa. Para que a ação designada no ato performativo seja bem-sucedida, é preciso que as circunstâncias sejam adequadas, isto é, que os aspectos contextuais licenciem o ato e o legitimem. Dessa forma, um enunciado performativo, pronunciado em circunstâncias inadequadas, é tido como nulo, sem efeito, simplesmente fracassa. Por exemplo, se um funcionário, que não é presidente da Câmara, diz *Declaro aberta a sessão*¹, a ação não se realizará - a sessão não se abre -, porque o funcionário não tem poder ou autoridade para abrir a sessão. O enunciado é, portanto, nulo, sem efeito, ou, "infeliz" (apud GOUVEIA, 1996, p. 386).

Dessa maneira, Austin (apud GOUVEIA, 1996, p. 387) denominou "condições de felicidade" aos critérios que precisam ser satisfeitos para que um enunciado performativo seja bem-sucedido, sendo as principais: i) falante deve ter autoridade para executar o ato, ou seja, o papel social por ele desempenhado dado o contexto interacional em que está inserido lhe permite enunciar tal proposição; ii) as circunstâncias contextuais em que as palavras são ditas devem ser apropriadas; por exemplo, se o presidente da câmara declara aberta a sessão, sozinho, em uma praça, o performativo não se realiza, porque não está sendo enunciado nas circunstâncias apropriadas; iii) o reconhecimento pelo ouvinte da força ilocucionária, ou seja, o tipo de ato veiculado pelo respectivo enunciado.

A Teoria dos Atos de Fala, na perspectiva acima apresentada, representa, sem dúvida, um novo caminho para os estudos lingüísticos, ao abordar o estudo do uso e ao reconhecer o papel do sujeito nas ações de linguagem. Entretanto, uma crítica contemporânea a tal perspectiva está no dimensionamento reducionista dessa ação, centrada apenas no locutor. Outro ponto observado é que os autores operam com exemplos de atos de fala isolados, não colhidos de uma situação real, atestada, de comunicação, operando com uma idealização do **uso**. Desta forma, reduz grandemente a força da dimensão interativa e de prática social que a perspectiva de linguagem-como-ação deve contemplar. (MIRANDA, 2000)

Esse equívoco analítico, entretanto, não desqualifica a teoria dos Atos de Fala, posto que, como corrobora Clark (apud MIRANDA, 2000, p. 64), "a linguagem é usada para se fazerem coisas". Destaca, entretanto, que a caracterização da ação,

¹ Exemplo colhido de Gustavo Adolfo da Silva, Teoria dos Atos de Fala – UERJ. (www.filologia.org.br/viiiifelin/41.htm)

isto é, a identificação da natureza do ato ilocucionário se verificará nas situações de interação reais, em que interlocutores agem conjuntamente. Na interação real, falante e ouvinte agem com vistas a alcançar um objetivo, que, como salientado anteriormente, é a construção da significação nos múltiplos contextos comunicativos. Para alcançar essa meta, os interlocutores valem-se tanto do sinal lingüístico que direciona a ação da fala, quanto dos aspectos disponibilizados pelo contexto tais como a atitude do outro, a situação comunicativa – a cena.

Dessa forma, o ato comunicativo e a construção do sentido são realizados e dimensionam-se no uso contextualizado social, convergindo, para isso, a postura dos interlocutores que assumem implicitamente um pacto cooperativo. Nas palavras de Miranda (2002, p. 67), essa perspectiva do ato comunicativo como intenção conjunta e de caráter social ganha relevo:

Atos comunicativos são atos conjuntos e, assim como qualquer construção discursiva, não podem ser concebidos como atos isolados. Não há como conceber um sujeito autônomo, cuja vontade e intenção determinam o sentido do discurso. Em cada contexto interativo, um ato comunicativo tem o sentido ali construído, negociado, partilhado pelos interlocutores. Esse será o seu sentido, o seu valor interativo.

Nos termos de Clark (apud MIRANDA, 2002, p. 60), a linguagem é, pois, *ação conjunta*, que presume cooperação, consentimento. Destarte, é necessária a convergência das ações de modo que impliquem **atenção e intenções partilhadas**.

Isto posto, o ambiente sócio-cultural específico, onde os interlocutores inserem-se, partilhando atenção e intenção para que o sentido seja negociado, configura-se como uma moldura comunicativa que exige dos sujeitos posturas específicas. Entretanto, esses papéis não são estáticos, podendo o sujeito representar vários papéis, alterando, continuamente, a configuração discursiva. É, pois, nesse dinamismo que os sujeitos constituem e trabalham a **face** (MIRANDA, p. 69).

A face, em sua expressão individual, subdivide-se em “positiva” ou “externa” – aquela que se exercita-se socialmente e que se quer preservar, constituindo-se o modo como deseja-se ser visto; e a “negativa” ou “interna” – é o eu íntimo que não se quer que seja invadido (KOCH, 2003, p. 125).

As vicissitudes discursivas podem orientar os interlocutores a ter uma postura defensiva e/ou protetora da face externa. Na **defesa da face**, visa-se salvar

a própria imagem e, na **proteção da face**, salvar a imagem do outro. (MIRANDA, p. 69)

A Antropologia Evolucionista de Tomasello (1999 [2003]) também provê um respaldo teórico para tal questão, ao afirmar a dimensão interacional, social e cultural da cognição humana.

O antropólogo formula sua explicação sobre o salto evolutivo dos primatas para os humanos modernos, teorizando que a evolução cultural não é resultado apenas da capacidade criativa - em termos tecnológicos, industriais, bem como na elaboração de representações simbólicas e organização da sociedade - mas também da transmissão cultural do conhecimento. Os humanos, por uma transformação evolutiva, tornaram-se capazes de acumular os conhecimentos gerados pelas transformações sociais. A capacidade de compartilhar intenções e ações foi a adaptação necessária para que o aprendizado social ocorresse. Os indivíduos são como espelhos entre si, e o reflexo permite, pela identificação, o aprendizado.

A identidade individual surge, assim, de uma construção na “contra-face” do outro, ou seja, aprendemos *através* do outro. Esse processo de construção e aprendizagem ocorre, paulatinamente, quando o indivíduo vê no outro um padrão comportamental, qual seja um comportamento e uma estratégia de atenção pautados por objetivos, que seria o seu também. E, posteriormente, identifica-se como um *agente mental*, com crenças e pensamentos próprios e, às vezes, diferente (TOMASELLO, 2003, p.1-8).

A particularidade da cognição humana estaria, portanto, em seu aspecto cultural indissociável de seu caráter natural e biológico.

Ainda, guiando-nos pelos ensinamentos do Tomasello, para que o conhecimento humano social seja “armazenado” e “estabilizado”, é necessária a capacidade de inferir as motivações que conduziram à sua criação seja do artefato cultural (uso de ferramentas, por exemplo) seja da prática social (símbolos lingüísticos), ou seja, faz-se imperativa a percepção da relação de causalidade subjacente. (op. cit., p. 6-7). Tal compreensão engendra, ao mesmo tempo, o entendimento das relações antecedente-conseqüente entre os eventos externos sem envolvimento direto neles, e a percepção, muitas vezes inconsciente, das forças mediadoras, normalmente não observáveis de modo direto.

Segundo esse antropólogo (*idem*, p. 31), essa capacidade parece ser exclusivamente humana, permitindo que os indivíduos prevejam e expliquem o comportamento humano. Destarte, por razões filo e ontogenéticas, a causalidade é um conceito gestáltico básico e central na formação de cognição humana.

Isto posto, se nossa biologia, em interação com o OUTRO, promove a emergência das estruturas da cognição; se o OUTRO também colabora para que a identidade individual seja forjada bem como propicia o caminho para a transmissão do conhecimento social, há de se considerar que a significação também não prescinde do OUTRO para que se promova.

Na próxima seção, serão apresentados, de forma sucinta, os principais constructos teóricos e categorias analíticas da Lingüística Cognitiva relevantes para a análise que será empreendida no capítulo 4.

2.2 PROCESSOS SOCIOCÓGNITIVOS DE CATEGORIZAÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÃO

Para a Tradição Filosófica Ocidental, base do que Lakoff e Johnson denominam Semântica Objetivista (1999, p. 17), o que nos diferenciaria dos demais animais seria nossa capacidade de raciocínio autônoma. Através da razão, perceberíamos o mundo e depreenderíamos o significado por meio da referência e pela verdade – concebida com uma correspondência objetiva com o mundo, havendo apenas um meio de se associar símbolos e mundo.

A Semântica Cognitiva visa combater essa idéia, presente na perspectiva formalista, de que haveria uma ligação direta entre a linguagem e o mundo externo. A linguagem seria como uma etiqueta, afixada às coisas, que apenas se apresentariam à nossa percepção de maneira pronta e acabada, esperando para serem apenas nomeadas. Nessa visão, o mundo já se apresentaria categorizado.

A Lingüística Cognitiva aponta uma outra direção. O mundo não é categorizado; nós é que o concebemos assim, haja vista que a realidade não nos é passada diretamente aos sentidos (como se bastasse a nós apenas capturá-la), mas construída a partir de nossa constante interação física, sensória e cultural com o ambiente em que vivemos. Não se discute se a realidade existe em si, entretanto ela

depende de nossos corpos, de nossa experiência para ser apreendida. Assim, a realidade não é segmentada; o homem a segmenta por meio de um impulso natural e necessário de fazer o mundo adquirir sentido. Dessa maneira, o significado enquanto corpóreo, não é nem exclusiva e nem prioritariamente lingüístico, emergindo de dentro para fora, a partir do movimento de nossos corpos no mundo, sendo, pois, ao contrário do que enunciava Saussure, motivado por nossas experiências sensório-motoras e não, arbitrário.

A partir da descoberta da ciência cognitiva de que o “pensamento é majoritariamente inconsciente”, operando abaixo do nível da percepção consciente, e, portanto, inacessível para a consciência, a razão perde seu posto de idiosincrasia diferenciadora e passa a ser vista como uma das capacidades cognitivas. Nasce, dessa descoberta, o termo Inconsciente Cognitivo, uma ampla e intrincada estrutura, que está na base de nosso sistema conceptual inconsciente e inclui todas as nossas operações cognitivas automáticas bem como todos os nossos conhecimentos implícitos, e, dessa forma, molda a maneira como compreendemos automática e inconscientemente o que experimentamos. Com essas idéias, Lakoff e Johnson (1999) anunciaram que 95% do pensamento seria inconsciente, sendo a parte consciente comparada ao topo de um enorme *iceberg*.

É, pois, a partir dessa dimensão experiencialista que a Lingüística Cognitiva vai dimensionar seu modo de tratar os processos de conceptualização e categorização.

Um dos fundamentos essenciais nesta tarefa teórica é o conceito de **prototipicidade**. A antropóloga americana, Eleanor Rosch, inicia, na década de 70, estudos sobre a categorização, inscrevendo-a no círculo das capacidades cognitivas essenciais. Para ela, a categorização envolveria noções de tipicidade e prototipicidade, diferindo da perspectiva anteriormente defendida de que categorizar abrangeria a apreensão da realidade por meio de mecanismos racionais de análise, que levariam à separação das entidades presentes no mundo.

Essa visão opõe-se à visão aristotélica de que as categorias se formariam segundo critérios observáveis objetivamente. Esses mostrariam se uma entidade pertenceria ou não a uma categoria através da análise de propriedades individualmente necessárias e conjuntamente suficientes. A categorização, todavia, como indicou Lakoff, em *Philosophy in the Flesh* (1999), é, em sua grande parte, inconsciente; assim, não se poderia pretender categorizar o mundo apenas por meio

de padrões racionais-objetivos visto que, se a razão usa e emerge das capacidades corporais, ela é dependente e subjetiva.

Contrária à linha seguida pelo estruturalismo e pelo gerativismo, de base racionalista, a Linguística Cognitiva adota a concepção de Rosch (LAKOFF, 1987) que, construída no interior da Psicologia Cognitiva, desenvolve a noção de protótipo, segundo a qual o processo cognitivo de identificação, classificação e nomeação envolve efeitos prototípicos: haveria membros mais típicos e, portanto, mais representativos de uma categoria e outros mais periféricos. Por exemplo, ao falar de aves, um falante se lembrará primeiramente de um canário e não um pingüim ou avestruz.

As categorias também apresentam uma organização hierárquica entre seus membros de modo que há os que ocupam uma posição em nível básico, mais próximo da experiência – as Categorias de Nível Básico - e outros, um nível de maior abstração ou especialização. A posição mais básica corresponderia ao membro mais facilmente identificável como pertencente àquela categoria, como, por exemplo, “cadeira”, cuja imagem mental é mais fácil de ser “visualizada” e que permite representar toda a categoria. Já “móvel” seria uma categoria superordenada, que engloba vários e diversos objetos, e “cadeira de dentista”, mais específica, torna-se mais sub-ordenada na organização categorial.

Salomão (1999) distingue as categorias em simples – como a de flores, cores - e complexas, que envolvem os domínios conceptuais, quais sejam os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) ou *frames*

As Categorias de Nível Básico serão tratadas na seção 2.2.1 juntamente com os Esquemas Imagéticos, em virtude de ambos serem básicos experienciais, configurados de forma mais abstrata. Já as categorias complexas serão tratadas mais adiante na seção 2.2.2, quando da abordagem dos MCIs e *frames*.

2.2.1 Esquemas Imagéticos e Categorias de Nível Básico

Em *Philosophy in the Flesh* (1999) e *Women, Fire and Dangerous Things* (1987), Lakoff, em seus estudos sobre a categorização e a conceptualização humanas, afirma a existência de um *continuum* entre a percepção e a concepção e postula a existência de estruturas advindas da experiência, que seriam anteriores aos conceitos – os Esquemas Imagéticos e as Categorias de Nível Básico.

Dessa forma, as dimensões mais básicas e nucleares de nossa experiência, que fundamentarão o nosso sistema conceptual, surgem da constante movimentação corporal no espaço, da manipulação de objetos e das interações perspectivas. Assim, esses básicos experienciais são considerados como estruturas pré-conceptuais ou, segundo Johnson (1987), “estruturas abstratas de imagem”.

Os padrões recorrentes que surgem pelas experiências perceptuais e físico-sociais fazem emergir conceitos abstratos “primitivos” e espontâneos, que contribuirão para a compreensão, assim como guiarão o raciocínio. A recorrência dessas estruturas básicas, em construções lingüísticas, habilita a hipótese de que entendimento e raciocínio são possíveis pela conexão dos conceitos com as estruturas da experiência corporal.

A relação entre essas estruturas mentais pré-conceptuais e a significação ocorre na medida em que formam a base de nosso sistema de conceitos, que se expandem através de projeções na elaboração de novos conceitos, fazendo surgir, assim, novos significados.

A capacidade humana de categorizar manifesta-se na infância quando se entra em contato físico direto com o mundo. A partir de nossa percepção gestáltica, da manipulação direta de objetos e de nossa capacidade de formar imagens, surgem naturalmente sub-segmentações do mundo – as Categorias de Nível Básico. Essas categorias são a fonte de nossos conhecimentos mais estáveis, posto que apreendidas “primeiro”. Como postula Rosch, essas categorias, cognitivamente mais básicas, seriam aquelas que, postas em uma escala, corresponderiam às de nível médio e conteriam entidades mais exemplares e reveladoras da categoria – como cão, mesa e, posteriormente, por processos metonímicos, aprender-se-iam as categorias mais genéricas (animal e móvel) e as mais específicas (labrador e cadeira de balanço).

Lakoff (1999) descreve diferentes classes dessa categoria, tais como ações (nadar, andar); objetos/conceitos sociais (família, time); objetos naturais (carneiro, leão); objetos artefatos (carros, casas); objetos emocionais (tristeza, raiva). As referidas categorias estão no nível básico perceptual da natureza humana.

Além das categorias básicas, os esquemas-imagéticos são outra estrutura emergente das experiências humanas no ambiente, mais propriamente dos nossos movimentos repetidos no espaço (LAKOFF, JOHNSON, 1999, p. 31).

Esses esquemas seriam memórias inconscientes, constituídas através da recorrência e da sistematicidade de experiências sensoriais, físicas e sociais como engolir, subir, deslocar. Os esquemas podem ser representados por imagens estáticas (RECIPIENTE, ELO, CENTRO-PERIFERIA) ou dinâmicos (CAMINHO, IMPOSIÇÃO DE FORÇA, ESCALA).

Dentre os vários esquemas que ancoram o significado de expressões lingüísticas passamos a caracterizar alguns que serão mais centrais em nossa análise.

(i) Esquema do ELO (links)

Nosso estar no mundo e nossa vida em sociedade são mediados por relações tanto físicas quanto abstratas.

Após o rompimento do cordão umbilical – a primeira e talvez maior sensação de estarmos fisicamente ligados a alguém, iniciamos o processo de estabelecimento de conexões. A combinação das nossas capacidades perceptivas e das circunstâncias do ambiente perceptivo, no qual estamos, amplia o nosso complexo de relações. Assim, após experienciar que objetos físicos estão ligados por uma contigüidade espacial (a criança segura a mão dos pais, a luminária é ligada à tomada), a criança começa a perceber eventos temporais como “objetos ligados” por uma série de eventos temporalmente intercedentes, desenvolvendo, dessa maneira, a noção de RELAÇÕES TEMPORAIS.

Da elaboração da existência de relações temporais, surge a noção de conexão causal (causa-conseqüência), que permeia toda a nossa compreensão do mundo, como expresso por Johnson (1987, p. 118):

Nós entendemos o mundo como uma vastidão conectada e coerente mantida junta por redes de conexão causal. Uma rede (causal ou outra) nada mais é do que um conjunto de ligações (elos). (tradução nossa).

Dessa forma, os elos percebidos e estabelecidos em nossa experiência espacial e temporal compartilham uma estrutura esquemática comum em cuja manifestação mais simples haverá duas entidades relacionadas por uma estrutura de conexão.

(ii) **Esquema CENTRO-PERIFERIA**

Esse esquema determina a maneira como concebemos nossos corpos, bem como a maneira como olharemos/lidaremos com e “olharemos” o mundo.

Assim, percebemos nossos corpos como tendo centros (o tronco e os órgãos internos) e periferias (dedos, cabelo), sendo o centro mais importante do que a periferia, haja vista que ele fornece as características definidoras da identidade do indivíduo e lesões que o atingem são mais sérias do que as da periferia (LAKOFF, 1987, p. 274). Lakoff exemplifica esse papel atribuidor de identidade ao centro, citando o caso de alguém que pode perder os dedos ou cortar os cabelos, mas que continuará sendo a mesma pessoa. Essa visão é estendida para as coisas do mundo.

Também subjaz à nossa percepção e experimentação do mundo, a influência dessa experiência básica uma vez que são os nossos próprios corpos os centros perceptivos, a partir dos quais travaremos as relações e as experiências com o mundo. Tendo o corpo como ponto de referência, nosso espaço perceptual define a distância das coisas e, assim, focalizamos nossa atenção para aquilo que será principal (figura) ou não (fundo), em um determinado momento.

O que é central e periférico não é apenas uma questão de espaço perceptual, mas também de espaço experiencial. Com isso, transmitimos, metaforicamente, essa noção para a nossa vida e selecionamos, em um determinado tempo, eventos, pessoas, coisas como sendo mais centrais (importantes) e outras como mais periféricas. O CENTRO-PERIFERIA, portanto, é uma estrutura igualmente importante para o mundo social, econômico, político, religioso e filosófico.

A compreensão disponibilizada por esse esquema, aliada à de outros, viabilizará uma das capacidades cognitivas fundamentais – a categorização (cf. seção 2.2). Segundo Johnson (1987, p.125), o esquema aqui apresentado não é quase nunca experienciado de modo isolado ou independente, ao contrário, a ele sobrepõem-se outros, ajudando-nos a definir nossa orientação do mundo. Entre os

esquemas que se unem a ele, pode-se citar o PERTO-LONGE. Nesse entrelaçamento, estabelecido o que é o “perto” pelo contexto, uma ESCALA é definida para determinar a proximidade relativa ao centro.

Outro esquema imagético associável é o ESQUEMA DO ELO, explicado anteriormente, e cuja atuação em conjunto com o do CENTRO-PERIFERIA (cf. seção 2.3 sobre elos de herança, Goldberg) é visível quando propusermos a relação de herança da Construção Concessiva no cap. 4, seção 4.6

(iii) Esquema de ESCALA

O esquema da ESCALA é básico na nossa experiência em relação aos aspectos de quantidade e qualidade. “O mundo é experienciado parcialmente em termos de aumento, diminuição e igualdade. Pode-se ter mais, menos ou o mesmo *número* de objetos, *quantidade* de substância, *graus* de força, *intensidade* de sensação. O aspecto de “mais” ou “menos” da experiência humana é a base do esquema de ESCALA” (JOHNSON, 1987, p.122) e levou à possibilidade do estabelecimento de uma gradação numérica na escala. Essa noção escalar parece permear toda experiência humana, ainda que não seja possível estabelecer uma medida quantitativa precisa.

Esse esquema imagético é um tipo de correlação básica da nossa experiência que possibilita uma importante estruturação do nosso conceito de QUANTIA e que estará na base de metáforas como MAIS É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO (seção 2.2.5.1)

Dessa forma, esse “esquema que emerge na nossa experiência com entidades físicas, concretas é figurativamente ampliado para recobrir entidades abstratas de todos os tipos - números, propriedades, relações, estruturas geométricas, entidades em modelos econômicos”. (JOHNSON, 1987, p. 123)

(iv) Esquema da FORÇA e MODELO DA DINÂMICA DAS FORÇAS

Johnson (1987, p. 44) destaca como uma das principais afirmativas do seu livro *The Body in the Mind* que o sentido é sempre conduzido por estruturas gestálticas, como o esquema imagético de força.

Assim como a causalidade é uma estrutura gestáltica (LAKOFF, 1980 [2002], p. 144), a força também o é. O esquema-imagético da força, então, é um todo organizado que se forma em razão das experiências humanas repetidas

cotidianamente, constituindo um complexo de propriedades que ocorrem em conjunto, sendo que o todo é considerado mais básico e mais facilmente compreensível do que suas partes, se analisadas separadamente (*idem*, p. 46).

A força é uma das experiências humanas complexas e, por estar em todo lugar, não é usualmente percebida. Apenas notamos sua presença, quando está em desequilíbrio como, por exemplo, quando o vento transforma-se em um furacão ou impede o ato de caminhar normalmente. Do mesmo modo que não nos damos conta de que as forças estão em todos os lugares, tendemos a negligenciar a nossa força e a do nosso ambiente. Facilmente esquecemos que nossos corpos são *clusters* (grupamento, várias unidades) de força, como também não lembramos que em todo evento no qual somos uma parte consistente, ainda que minimamente, há forças em interação (JOHNSON, 1987, p. 42).

Por ser uma estrutura complexa, a força possui algumas características típicas que desempenham certos papéis em nosso senso de força e devem ser salientadas. Uma é o fato de ser sempre experienciada através da interação e, assim, ficamos cientes da força quando ela nos afeta ou atinge algum objeto no nosso campo perceptual. Dessa forma, não há esquema de força que não envolva interação ou interação potencial. Atada a essa questão, surge a característica de sempre haver uma estrutura ou seqüência de causalidade envolvida na interação de forças, por serem elas os meios pelos quais atingimos/realizamos interações causais. A terceira é a gradação ou intensidade da força, já que, havendo uma força, existirá a possibilidade de medir sua intensidade (JOHNSON, 1987, p.43).

Johnson (1987, p. 45-46) descreve sete esquemas mais comuns de estruturas de força, que operam constantemente na nossa experiência. Dois deles são fundamentais na abordagem desse trabalho: o da imposição de força – ou obstáculo (*Blockage*) e o da remoção de barreiras (*Removal of restraint*). Essas estruturas pré-lingüísticas não formam apenas a base para que o sentido emergja, elas são parte do sentido e da compreensão, pois elas mesmas são estruturas dotadas de sentido. Dessa maneira, a significabilidade e a coerência da existência dependem de esquemas-imagéticos gestálticos definidos e altamente estruturados. (JOHNSON, 1987, p. 48)

O fato de a força sempre se manifestar em um ambiente interacional e não ser percebida já parte do fato de sempre haver duas forças em constante interação. Existem duas forças sempre presentes interagindo em nós: nossas forças

corporais e as forças interagindo com o mundo e as outras pessoas. Essas dinâmicas naturais, que se apresentam no cotidiano, remetem ao modelo de interação de forças proposto por Talmy.

Leonard Talmy (2000) definiu a Dinâmica das Forças como um modelo de como as entidades interagem em relação à força. Como esse modelo advém do reino físico, portanto das interações aí travadas, seus conceitos fundadores pertencem a esse domínio. A Dinâmica das Forças é, de fato, um modelo de um esquema imagético.

As características básicas do modelo de interação de forças proposto por Talmy são a presença de *duas entidades* exercendo uma força. Na linguagem, esses participantes são diferenciados pelos papéis semânticos que exercem. Assim, há um Agonista, foco da atenção que exerce uma força em virtude de ter uma tendência implícita para manifestá-la. A questão relevante na interação é saber se ele pode manifestar sua tendência de força ou não. O outro elemento, o Antagonista, é considerado a entidade de força que se opõe ao Agonista. Esses entes de força apresentam uma *tendência de força intrínseca* tanto para o repouso quanto para o movimento (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 95). A *oscilação das forças* aponta para a existência de uma entidade mais fraca ou mais forte do que a outra, bem como para a possibilidade de uma igualdade na intensidade das forças, o que levará ao *resultado* de equilíbrio, movimento ou descanso. Uma frase como *O vento abriu a porta* exhibe o padrão de Dinâmica de Força, nomeado de Padrão Causativo de Movimento (PIVA, 2004): aparentemente, a porta – Agonista - tem uma tendência para ficar em repouso; há, no entanto, uma outra entidade, o Antagonista – vento - impelindo-a a movimentar-se e abrir. O resultado é o movimento, ação contrária à tendência intrínseca do Agonista, já que o Antagonista é mais forte e desempenha uma força em oposição à do Agonista, mais fraco. Tal padrão pode ser representado pela figura (1) a seguir:

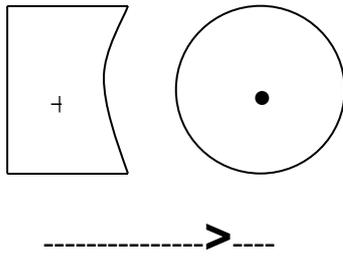


Figura 1 - Esquema de Dinâmica das Forças - Antagonista mais forte

O Agonista é representado pelo círculo cujo ponto (●), em seu interior, demonstra o estado em repouso; o Antagonista é representado pela figura convexa (ou côncava, dependendo estar o Agonista, respectivamente, em repouso ou movimento) cujo símbolo de mais (+) indica ser ele a entidade de maior força, e o tracejado com a seta (>) é a representação do resultado da interação entre as duas forças, que, nesse caso, é de movimento. Deve-se salientar que as entidades de força não são obrigatoriamente entidades animadas (JOHNSON, 1987) bem como o esquema, envolvendo forças em oposição, não opera somente no campo físico, sendo, portanto, a dinâmica das forças também aplicável a ambientes psicológicos. Isso é viável em razão de a análise de Talmy mostrar que a dinâmica das forças é uma categoria lingüística fundamental e, assim, atua como um domínio básico para transferências metafóricas, que permitem a projeção de aspectos do campo físico para o psicológico.

Dessa forma, uma sentença como *Pedro não conseguiu persuadir Juliana a ir à festa com ele* pode ser explicada com base na Dinâmica das forças: Juliana – Agonista – apresenta uma tendência a ficar em repouso, i.e., não ir à festa, e esse estado permanece inalterado apesar de uma entidade – o Antagonista –, no caso, Pedro, desempenhar uma força para fazê-la entrar em movimento – ir à festa com ele. Na frase em questão, a Agonista, representada pelo círculo, é mais forte (símbolo de +), uma vez que permanece em seu estado, a despeito de uma força contrária exercida sobre ela – a tentativa de persuasão –, indicada pela figura côncava. O resultado da dinâmica dessas forças é mostrada pela seta tracejada com o ponto negro, que indica a permanência em repouso de Juliana. Tal interação de forças pode ser representada pela figura (2) como:

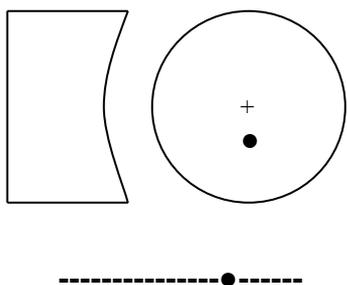


Figura 2 - Esquema de Dinâmica das Forças - Agonista mais forte

Talmy considera a Dinâmica das Forças uma categoria semântica negligenciada, que, entretanto, recobre mais campos semânticos do que a causalidade, noção a partir da qual iniciou seus estudos de forças em oposição (TALMY, 2000, p. 407). A causatividade, em seu esquema padrão, apresenta troca de forças entre um Antagonista mais forte e um Agonista mais fraco, como em *P porque Q*; todavia, podem ocorrer outras trocas de forças como, por exemplo, nas sentenças concessiva em que o Agonista é mais forte (TALMY, 2000, p. 415). Noções semânticas, como a modalidade, recebem do autor um tratamento em termos das forças como são experimentadas em nossas percepções e ações corporais (JOHNSON, 1987, p. 63). Sweetser (1990) se apropria dessa perspectiva, tomando o modelo de Talmy como motivador de distintos fenômenos lingüísticos com efeitos polissêmicos (cf. seção 4.3.2.2). É também nessa direção que emprestamos nosso trato semântico-pragmático às construções concessivas, nosso objeto de estudo.

Esse pensamento de Talmy sobre a origem da força demonstra sua compreensão e crença das bases corpóreas como construtoras (guias para a construção) do sentido. Isto posto, pode-se pensar em uma visão da dinâmica das forças em termos de um esquema-imagético, que emerge de nossas experiências corpóreas concretas, em um nível não-lingüístico ou pré-lingüístico (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p.308).

Johnson (1987, p. 44) afirma terem as *gestalts experienciais*, tais como os esquemas-imagéticos descritos, uma estrutura interna, que conecta aspectos da nossa experiência e conduz inferências no nosso sistema conceitual, através do qual pensamos e agimos fundamentalmente por meio de metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], p. 45), que surgem do entrelaçamento de domínios

conceptuais que organizam o nosso conhecimento. Dessa forma, os conceitos que ocorrem nas definições metafóricas correspondem aos tipos naturais de experiência.

2.2.2 Domínios conceptuais

Muitos rótulos têm sido empregados, em distintos campos das Ciências Cognitivas, para designar diferentes aspectos desta complexa organização de domínios do conhecimento tida como domínio conceptual. Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) e *frames* têm sido os rótulos mais veiculados pela Linguística Cognitiva que, hoje, parece optar mais fortemente para o último termo.

Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) é a denominação cunhada por Lakoff (1987) para referir-se às estruturas mentais que organizam o conhecimento humano. Essa organização, por sua vez, revela a categorização de conceitos. Dessa forma, os MCIs têm como subprodutos as estruturas de categorias e os efeitos de prototipia. Esses domínios são produzidos pela sociedade e estão culturalmente disponíveis. Esse conhecimento, organizado em estruturas, envolve modelos culturais e seqüências cotidianas tais como casamentos, dias da semana, aula, ida a um restaurante, entre outros.

Um MCI pode se estruturar de uma maneira complexa, derivando vários submodelos organizados conceitualmente de modo radial. Para tornar o conceito mais claro, utilizaremos o exemplo dado por Sampaio (2006) sobre o MCI de casamento.

Na nossa sociedade, temos, no MCI de casamento, elementos estruturais básicos tais como esposa, marido, filhos, fidelidade, coabitação, que nos fornecirão não apenas uma representação descritiva como também normativa de como deve ser um casamento (fidelidade, coabitação). Esse modelo mental, que organiza os conceitos e nos dá a concepção de casamento, leva à construção de categoria que tem como membro prototípico: *uma união civil e religiosa entre e homem e uma mulher, que fazem votos de fidelidade e união eterna, dividem a mesma casa e constituem uma família*. A representação prototípica pode não ser suficiente para conseguir abarcar todos os possíveis casos de casamento na nossa sociedade (como já ocorre); todavia será a estrutura básica que guia nossa compreensão, e a partir da qual serão irradiadas ou derivadas as demais representações. Em torno

dessa representação, se organizarão todas as demais possibilidades de relacionamento que possam ser consideradas casamentos pela sociedade: pessoas casadas legalmente que não coabitam; pessoas não casadas em termos legais, mas que moram juntas; uniões homossexuais. O caso será mais periférico quanto mais se diferenciar do protótipo. É, nesse viés, que Lakoff afirma serem os processos de categorização e os protótipos subprodutos dos MCIs.

Nesse ponto, cabe ressaltar que, na visão cognitivista, os casos não típicos ou mais periféricos não são tratados como uma categoria à parte, mas analisados como motivação dos casos mais prototípicos, constituindo, pois, radiações da categoria mais central. Daí emerge o conceito de **categoria radial**, de igual modo fundamental à compreensão dos processos de integração conceptual em linguagem, bem como da organização das redes na Gramática das Construções.

Partimos da idéia de que os MCIs são modelos estruturados mentalmente para interpretarmos a realidade (Lakoff, 1987), e de que, para Fillmore (1975, apud SAMPAIO, 2006), os *frames* semânticos são arquivos mentais que guardam representações de conceitos, práticas sociais, instituições, crenças, dentre outros que possibilitam uma base comum para interações em uma certa comunidade. A Linguística Cognitiva, conforme já sinalizamos, tem optado mais freqüentemente pelo termo *frame*. Exemplo disto são os estudos de Fauconnier e Turner (2002) sobre as redes de integração conceptual, instituídas a partir de *frames*.

O fato de esses domínios serem estáveis, mas não estáticos, permite que sejam integrados durante a interação, ordenando, assim, as experiências e construindo sentidos. Sobre isso tratará a seção seguinte

2.2.3 Domínios em ação: *inputs* na construção do sentido

Na atividade discursiva, tendo o contexto situacional e cultural como guias, os falantes, por meio de vários processos cognitivos, evocam, continuamente, os domínios do conhecimento estruturados. Salomão, *apud* Miranda (1999, p. 82), descreve a atividade mental envolvida nessa operação, configurando-se a seguinte hipótese acerca da cognição: “O princípio nuclear da cognição humana corresponde

à projeção entre domínios, desta forma operando produção, fracionamento da informação, transferência e processamento do sentido”

Essas bases-de-conhecimento podem ser estáveis ou locais. Os primeiros caracterizam-se por estarem presentes na memória de longo termo e correspondem às “estruturas de memória pessoal ou social” (MIRANDA, 2000, p.61). Esses seriam os *frames*. Já os locais, os chamados Espaços Mentais, surgem durante o fluxo discursivo, enquanto falamos ou pensamos.

Os espaços mentais são operações mentais forjadas durante o trabalho discursivo, instanciando-se a partir dos domínios conceptuais mais estáveis. São estruturas parciais de natureza dinâmica e estão na memória de curto prazo. Dessa forma, novos espaços são criados ao longo do pensamento e da interação, construindo-se uma rede complexa e hierárquica. O acionamento desses espaços se dá por estruturas lingüísticas, comparáveis a gatilhos, chamadas de construtores de espaços mentais ou *space builders*, que, com isso, podem abrir novos espaços ou mudar o foco entre aqueles que já foram instaurados na interação. (SALOMÃO 1999; MIRANDA, 2000, p.66).

Para o Sociocognitivismo, a significação é essencialmente processual, e apenas a postulação dos domínios cognitivos não é suficiente para explicar o complexo processo cognitivo de produzir e transmitir o conhecimento. Diante disso, surge a necessidade de se explicar como as bases estruturadas do conhecimento se entrecruzam. É essa operação cognitiva que será abordada a seguir. Embora o processo cognitivo da mesclagem/ *blending* seja, por excelência, o modo de integração de redes conceptuais (FAUCONNIER e TURNER, 2002), vamos tratá-lo de modo bastante aligeirado, dado que não tornaremos a ele, de modo aprofundado, em nossas análises. São os processos de projeção figurativa, fundamentais em nosso percurso analítico, que ocuparão nossa atenção mais detida, haja vista serem as metáforas centrais para o trabalho.

2.2.4 Processos de Integração Conceptual: a projeção e a mesclagem

O complexo processo de geração e difusão do conhecimento depende da nossa competência de integrar os diferentes domínios de conhecimento na atividade cognitiva.

A integração conceptual é, pois, um processamento cognitivo no qual as bases dos conhecimentos lingüístico, conceptual, pragmático se entrecruzam no processo discursivo.

Fauconnier (1994) desenvolve a Teoria dos Espaços Mentais para ancorar explicações plausíveis e consistentes sobre a questão do processamento da significação, visando desvelar a maneira como o conhecimento seria elaborado, dividido e transferido. Para isso, Fauconnier aproveita-se das noções de domínios conceptuais e acrescenta duas outras: a projeção e a mesclagem.

A mesclagem (*blending*) é uma operação cognitiva, imperceptível e rotineira, que realiza várias projeções e integra diferentes domínios sociais. Dessa forma, a nossa criatividade deve-se largamente a essa capacidade de lidar com redes de mapeamento ente domínios, fazendo emergir novas significações e conceitos.

Esse processo de compressão entre bases de conhecimento envolve dois domínios de conhecimento ou *frames* (*Inputs* 1 e 2), de onde sairão as informações que se entrecruzarão; um terceiro domínio, chamado *espaço genérico*, no qual está o que há de comum entre as estruturas dos *inputs* e um quarto domínio, o *espaço mescla*, que combina as propriedades dos domínios 1 e 2, bem como apresenta uma estrutura emergente (nova), que aloca propriedades originais e organização estrutural própria, por constituir-se o resultado, algo que não existia em nenhum dos dois domínios de input. (FAUCONNIER, 1997; MIRANDA, 2000, p. 71-75)

Os domínios ou *frames*, que servem como *inputs*, podem veicular *eventos* (festa, aula, velório), *atividades* (dormir, comprar, telefonar, enviar um e-mail), *papéis sociais* (médico, professor, jornalista), dentre outros. Esses domínios evocam cenas.

Dessa forma, ocorrida a enunciação, os domínios estáveis estarão na base do conhecimento sócio-cultural partilhado pelos falantes (representando a porção não verbalizada do discurso, mas compartilhada veladamente). A compreensão do processo comunicativo é, portanto, permeado pelo compartilhamento das estruturas dos domínios fonte, isto é, quando falante e ouvinte compartilham os mesmos *frames* e conseguem ativá-los conjuntamente.

Como a mescla é central na produção de significações a partir da irradiação de conceitos já existentes, sendo, por isso, habitual na prática de converter à escala humana domínios mais abstratos em termos daquelas cenas mais concretas para a experiência, sua relação com a metáfora é indissociável. Fauconnier e Turner (2002, *apud* SAMPAIO, 2006) pensam a metáfora conceptual como um caso especial de como é promovida a integração de diferentes domínios da experiência, representando assim um caso de projeção entre domínios. Dessa forma, os pressupostos fornecidos pela teoria da mesclagem podem auxiliar na melhor compreensão dos processos de significação metafóricos.

2.2.5 Teorias da Metáfora e da Metonímia

Por sua centralidade na elaboração do pensamento e pelo seu caráter facilitador da compreensão do mundo que nos envolve, a metáfora e a metonímia são importantes fenômenos cognitivos naturais, imperceptíveis e onipresentes, que influenciam, de modo decisivo, o nosso modo de pensar, falar e agir. Nesse passo, apresentaremos sucintamente a concepção da Linguística Cognitiva acerca da metáfora e da metonímia.

2.2.5.1 A Metáfora

O tratamento dispensado, pelo senso comum, à metáfora é o de um torneio lingüístico, uma figura de linguagem, um rococó literário utilizado consciente e deliberadamente para comparar uma coisa à outra, em afirmações do tipo “**A É B**” e sem a qual a comunicação humana ocorreria normalmente. Todavia, com a edificação da Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]; LAKOFF, 1987), pela Linguística Cognitiva Contemporânea, há uma mudança na maneira de se olhar para metáfora, e, conseqüentemente, o termo, passa a designar não apenas ornamentos lingüísticos, característicos da linguagem literária, mas principalmente instrumentos cognitivos inconscientes indispensáveis para a língua.

A metáfora, com isso, sai do campo restrito da “literatura” e vai para as “ruas”, uma vez que a linguagem cotidiana está repleta de expressões metafóricas, por vezes tão fortemente convencionalizadas, lexicalizadas, i.e., consagradas pelo uso que, por isso, chegam a ser impropriamente, qualificadas por “mortas”. Segundo Kövecses *apud* Sampaio (2006), essas metáforas estão tão vivas que governam nosso pensamento, sendo metáforas da vida cotidiana.

O confronto com a visão tradicional ocorreu com a publicação, em 1980, por Lakoff e Johnson, de *Metaphors we live by* (Metáforas da vida cotidiana, 2002). Nesse estudo pioneiro, os autores analisam expressões lingüísticas da língua inglesa e demonstraram, entre outros pontos, que conceitos básicos como quantidade, tempo, ação, são elaborados metaforicamente, inferindo, assim, que há um sistema conceptual metafórico, que permeia a linguagem, influenciando o nosso modo de pensar e de agir, visto que a compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos é perpassada por metáforas.

Um dos exemplos dos autores é que a vida é, de certa forma, compreendida como uma viagem², sendo o nascimento, o início da viagem, em que há obstáculos (as dificuldades), destinos (os propósitos), caminhos (os meios para realizarmos as metas, propósitos), entre outros, cujo fim é a morte (início de outra viagem também).

Como se pode observar nos exemplos³ abaixo:

Marília Pêra mencionou que o rosto maquiado, as jóias e paetês que Dercy usa no dia de seu velório relembram a brincadeira da comediante "até mesmo quando *a morte chega*". (chegou ao fim da vida, fim da viagem). (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u424276.shtml>)

Dercy nasceu muito antes da Primeira Guerra (1914-18), da Revolução Russa (1917) e da Gripe Espanhola (1918). Aliás, quando tudo isso aconteceu, ela já tinha idade para ler a respeito nos jornais. E, mais que adulta, foi contemporânea do massacre dos 18 do Forte de Copacabana (1922), da morte de Rodolfo Valentino (1926), do surgimento do cinema falado (1927), da inauguração do Cristo no Corcovado (1931). E tome polca. (A marcação dos acontecimentos históricos em comparação com a vida da atriz, demonstra a distância percorrida).

² O conceito de viagem guarda em si o esquema imagético do CAMINHO (ponto de partida – trajeto – ponto de chegada)

³ Esses exemplos não estão no corpus. Foram procurados através do Google (www.google.com.br), um site de busca, para ilustrar a ocorrência, em português, de enunciados que ilustrem a metáfora em questão.

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/ult10037u408121.shtml>)

espanhol "El País" destaca *trajetória* da atriz e comediante Dercy Gonçalves, que morreu no último sábado (19), aos 101 anos. (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u425733.shtml>)

Dessa forma, realizamos um **mapeamento sistemático e parcial entre domínios diferentes da experiência do sistema conceptual**. Nesse caso, a vida em termos do domínio viagem.

Esse mapeamento envolve uma analogia ordenada e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência- o **domínio-fonte** e o **domínio-alvo** (LAKOFF, 1980 [2002]). Essa projeção, que ocorre entre os domínios, normalmente é unidirecional, já que dimensionamos e criamos parcialmente o conceito de um domínio abstrato (o domínio-alvo) com base em domínios concretos e familiares (o domínio-fonte).

O caráter parcial ocorre em virtude de a projeção metafórica não conseguir conceptualizar todos os aspectos do domínio-alvo, com base apenas em um domínio-fonte. Assim, o conceito que temos de vida não é única e exclusivamente pautado na nossa experiência de viagens, bem como não é todo o nosso conhecimento sobre viagens que se projeta no domínio da vida. Dessa forma, o mapeamento é seletivo e nos dá subsídios para compreender alguns aspectos da vida, mas não todos. Já a sistematicidade advém da necessidade de as projeções preservarem a estrutura dos esquemas imagéticos (topologia cognitiva) e, por isso, há uma rigidez estrutural nos mapeamento em relação à correspondência entre as entidades dos domínios.

Desse modo, a Linguística Cognitiva assume a metáfora como uma *maneira de pensar* (LAKOFF, 1980, 1987, 1999), que governa nosso raciocínio e determina nossas ações, que têm por base esse raciocínio. Essa visão da metáfora também revela que conceptualizamos as categorias abstratas e novas realizações, em grande parte, com base nas experiências concretas cotidianas.

Dessa forma, os domínios que servem de *input* são os das experiências básicas, tanto representados pelas categorias de *nível básico* ou pelas suas categorias supeordenadas, cujos atributos proeminentes são os utilizados para estruturar o domínio-alvo, como, por exemplo, *casa, igreja e castelo* – espécies de edificações, que servirão de base na conceptualização de uma teoria; ou *guerra* e os

objetos e ações básicos que compõem essa *cena*, utilizados para se entender uma discussão; quanto os esquemas imagéticos, por exemplo, “pra cima” e “pra baixo”, na estruturação do conceito de quantidade.

Contemporaneamente, os estudos sobre a metáfora vêm ocupando a cena das ciências cognitivas e, baseados nestes avanços, Lakoff e Johnson (1999) propõem uma Teoria Integrada da Metáfora Primária, incorporando distintas contribuições neste campo.

As **metáforas primárias** seriam aquelas formadas na primeira fase da vida, quando experiências e julgamentos subjetivos estão atrelados arraigadamente às experiências sensório-motoras, de maneira que as associações entre domínios distintos emergem automaticamente, dada a impossibilidade de serem distinguidos (LAKOFF, 1999). Seria exemplo a metáfora Feliz é Pra Cima, em que a experiência pessoal de *felicidade* une-se à *orientação corporal* do domínio sensório-motor, resultando na experiência primária que entrelaça “sentir-se feliz” à “postura ereta, elevada, direcionada para cima”. Tal experiência é manifestada no campo lingüístico em construções como “Ela está tão pra cima hoje”

Lakoff e Johnson (1999, p. 56) enunciam que as metáforas primárias fazem “parte do inconsciente cognitivo”, haja vista que são adquiridas automática e inconscientemente.

Uma dessas metáforas utilizadas no nosso trabalho em virtude da noção escalar presente na construção das cláusulas concessivas é: **MAIS É PARA CIMA; MENOS É PRA BAIXO.**

Essas duas associações apontam para mapeamentos experientialmente básicos entre dois domínios diferentes: o da quantidade e o da verticalidade (LAKOFF, JOHNSON, 1987, 1999)

A quantidade (mais e menos), domínio-alvo, por um julgamento subjetivo, é compreendida em termos de verticalidade, uma experiência sensório-motora de orientação corporal que constitui o domínio-fonte. (*idem*)

A associação surge em virtude das experiências cotidianas normais como, por exemplo, colocar água em um copo e ver o nível do líquido subir. Nesse período em que a fusão entre esses dois domínios básicos ocorre, não é possível tê-lo como coisas distintas, e a conexão torna-se entrincheirada de modo que, mesmo quando já é possível percebê-los como diferentes, o mapeamento se mantém. Realizações lingüísticas como “A inflação subiu” e “Os preços caíram” são, segundo

Lakoff (idem, p. 49), manifestações secundárias do primeiro mapeamento entre os domínios.

Outra metáfora primária, utilizada em nossa análise, é a que articula força física e causa, brevemente explicada a seguir.

Há conceitos que emergem mais diretamente da nossa experiência sensório-motora tal como PARA CIMA-PARA BAIXO, PARA DENTRO- PARA FORA; outros, para serem compreendidos, serão metaforicamente elaborados. No entanto, mesmo sendo um conceito básico, a causalidade não se enquadra em nenhuma das duas hipóteses acima. Na verdade, ela é parcialmente emergente e parcialmente metafórica. (LAKOFF, 1980 [2002], p. 143)

Os esquemas imagéticos que acomodam a emergência de conceitos, tais como o da FORÇA e o do ELO, anteriormente explicados, permitem, através da postulação de seu entrelaçamento, formular o surgimento do conceito gestáltico da causalidade.

Apresentando em termos simplificados, a nossa interação com o mundo é mediada por nossos corpos de onde emana uma força. Assim, a manipulação direta de objetos que se realiza através de uma dinâmica de forças (entre a força realizada pelo objeto e a feita por mim) e o uso volitivo da força corpórea, para alterar alguma coisa pelo contato direto, leva à formulação do vínculo entre usar a força e perceber um resultado. Esse vislumbamento do *elo* existente entre a *força* desempenhada e o resultado atestado faz emergir a noção de causalidade.

De acordo com Lakoff e Johnson (1987, p. 177), o centro do conceito de causalidade é a interferência consciente e voluntária do homem através da força física. Essa nossa noção prototípica da causalidade, envolvendo a ação física, que resulta em uma mudança, levará à formulação da metáfora primária **CAUSA É FORÇA FÍSICA**.

Com isso, a união do julgamento de causa à experiência sensório-motora de força resulta na metáfora em questão, utilizada em casos de extensão radial do protótipo (quando a força física é perceptível, saliente), quando a causalidade abstrata é conceitualizada metaforicamente em termos da força física. (LAKOFF, JOHNSON, 1987, p. 178)

Lakoff compara as metáforas primárias a átomos que podem se unir para formar moléculas e, com isso, enuncia como essas metáforas resultantes da fusão

entre nossa experiência sensório-motora e nossos julgamentos pessoais formam *inputs* para a emergência das metáforas complexas.

Destarte, o processo de formação das **metáforas complexas** ocorreria através da integração de metáforas primárias, revelando a contribuição da Teoria Conceptual da Mesclagem de Fauconnier e Turner (2002) para a compreensão de como tais processos metafóricos complexos se constituem. (LAKOFF; JOHNSON, 1999)

Tendo em vista a faceta argumentativa das construções concessivas (cf. cap. 3), a metáfora complexa **DISCUSSÃO É GUERRA** é latente na análise dessas elaborações lingüísticas (cf. cp. 4).

Essa metáfora permeia a linguagem cotidiana e, por a vivenciarmos em nossa cultura, as ações que realizamos em uma discussão serão estruturadas com base em uma visão bélica. Mesmo que uma discussão seja moldada para adquirir contornos racionais e civilizados, tal como se dá em ambientes científicos e acadêmicos, ela será estruturada e desenvolvida inconscientemente em termos de guerra, acabando-se por demonstrar táticas como, intimidação, ameaça, apelo à autoridade bem como uma posição a ser defendida, um oponente a ser atacado, podendo-se perder ou vencer. E isso ocorre porque, por mais que se tente racionalizar uma discussão, a maneira como concebemos, desenvolvemos e descrevemos nossos argumentos fundamenta-se na metáfora em questão, por ela fazer parte do sistema conceptual da cultura em que vivemos (LAKOFF, 1987 [2002], p. 138)

De acordo com a associação presente nessa metáfora, conceptualizamos uma discussão em termos de nossa noção de guerra. Para isso, não é necessário que já tenhamos tido uma experiência pessoal com guerra, por ser possível, pela interação social e o conhecimento transmitido pela sociedade, sabermos o que é guerra e, assim, termos dela imagens mentais mais ricas. E, com base nessa noção, estabelecemos uma analogia estrutural entre os domínios:

- participantes de uma discussão → adversários em uma guerra
- diferenças de opinião → diferentes posições dos guerreadores
- fazer uma objeção → atacar
- manter a opinião → defender-se
- desistir da opinião → render-se

Não há que se pensar em uma analogia lógica ou racional entre discussão e guerra e, assim, compará-las literalmente, uma vez que discussão não é subcategoria de guerra bem como são ações e interações díspares – discurso verbal e conflito armado (LAKOFF, 1987 [2002], p. 48). A maneira, entretanto, de concebermos uma argumentação – conceito não claramente delimitado pela experiência – se dá pela forma como compreendemos e experienciamos uma guerra – conceito mais concreto para a experiência sensório-motora.

Tendo em vista essas bases experienciais do conceito complexo de guerra, pode-se postular que, subjacente a ele, está o esquema mais primário e mais básico da Dinâmica das Forças, uma vez que a concepção de guerra envolve o choque de duas forças contrárias que disputam uma questão. Esse embate também ocorre na Argumentação. Tal entrelaçamento será abordado mais apropriadamente no capítulo 4, no qual procedemos à análise das ocorrências.

2.2.5.2 A Metonímia

A **metonímia**, assim como metáfora, é um importante instrumento cognitivo que arquiteta tanto o pensamento quanto a linguagem e a ação, auxiliando-nos na compreensão do mundo e, conseqüentemente, na produção do conhecimento.

Na metonímia, o mapeamento conceptual de um domínio-fonte para um domínio-alvo se dá dentro de um mesmo domínio do conhecimento (conceitual). Desse modo, diferentemente da metáfora, que envolve dois domínios experienciais distintos, a metonímia trabalha dentro de um único. (BARCELONA, 2003)

Nos processos metonímicos, a referência a um conceito é realizada através de um aspecto mais relevante do próprio conceito, com isso, a metonímia exerce uma **função referencial**, haja vista que permite acessar um referente seja ele uma entidade cognitiva ou uma física, do mundo palpável. Essa característica dos processos cognitivos tão básicos quanto a metáfora, ou mais, segundo Barcelona (2003), está intimamente relacionada aos processos de categorização, haja vista que a organização categorial baseia-se em protótipos, que são, de mais perto, uma relação de PARTE PELO TODO. Dessa forma, uma categoria inteira

pode ser conhecida e identificada tendo como referência seu membro mais representativo.

Nas palavras de Lakoff (1980 [2002], p. 93), a função primordial da metáfora é a compreensão. Já a metonímia, apesar de também propiciar o conhecimento, tem principalmente uma função referencial, permite a utilização de uma entidade para representar outra.

Em outros termos, pode-se visualizar a metonímia pelo esquema **A ESTÁ POR B**, sendo A o (sub)domínio mais saliente, evocado para se referir a um outro menos saliente – B (SILVA, 2003, p. 27). Langacker (*idem*) denomina **A** como **ponto de referência** e, o (sub)domínio menos saliente, **B**, **zona ativa**.

Como exemplo elucidativo, podemos citar a reportagem de capa de *Veja*⁴: “O Palácio do Planalto investiga escuta clandestina na ante-sala de Lula”⁵. Nesse caso, as instituições (como a Casa Civil, a Secretaria-Geral e o Gabinete de Segurança Institucional), abrigadas no Palácio do Planalto, são ativadas mentalmente por meio do nome do lugar onde se situam. Faz-se, portanto, referência à(s) instituição(ões) pelo local onde ela(s) se localiza(m), sendo, pois, esse mais saliente do que a instituição. Esse exemplo demonstra uma das metonímias conceituais mais freqüentes: LUGAR PELA INSTITUIÇÃO – o lugar é Ponto de Referência e a instituição, Zona Ativa.

Assim, a Linguística Cognitiva, de posse de uma perspectiva encarnada e socioculturalmente situada, concebida do pensamento humano como um sistema conceptual influenciado por fatores emocionais, sociais e corpóreos, majoritariamente inconscientes e profusamente metafóricos e imaginativos, crê que a análise das estruturas lingüísticas faz emergir pistas que revelam o funcionamento de um intrincado sistema conceptual subjacente, que se reflete na linguagem. Dessa forma, procura postular uma maneira de estudar, compreender e explicar a forma como manifestação de mecanismos cognitivos complexos, sem se tornar formalista.

Toda a explicação da trajetória da construção do significado, desde a centralidade das experiências corporais, até a mescla de metáforas primárias na elaboração das metáforas complexas, precisa de um amparo teórico que demonstre a relação entre o sentido e a forma utilizada para expressá-lo. Essa necessidade de uma teoria que contemple uma explicação da forma, baseada no aspecto

⁴ Edição 2073, ano 41, nº32 de 13 de agosto de 2008

⁵ O exemplo não se encontra no *corpus*

corporificado do pensamento e, portanto, na percepção do sinal lingüístico como a instanciação de um significado, unido a uma forma, leva a Lingüística Cognitiva à proposição da Teoria **Gramática das Construções**.

2.3 GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

A Gramática das Construções (GC) surge como uma resposta da Lingüística Cognitiva ao pensamento da Gramática Gerativa acerca das estruturas lingüísticas serem passíveis de análise em termos composicionais, a partir da generalização das regras dos componentes gramaticais. Dito de outro modo, a GC nega que a relação entre a forma e o sentido, em muitas unidades lingüísticas complexas, seja passível de previsão a partir de cálculos combinatórios (SAMPAIO, 2006, p.44).

Dada a diversidade e a amplitude das teorias construcionais da gramática contemporânea, apresentamos as principais premissas que sustentarão nosso investimento na Gramática das Construções, no presente estudo (MIRANDA, 2007):

- (i) A gramática é uma rede de construções;
- (ii) Construções são um pareamento simbólico de forma-significado;
- (iii) Construções emergem como padrões de uso motivados cognitivamente (por *frames* conceptuais, esquemas primários (imagéticos); projeções figurativas) e pragmaticamente (necessidade comunicativas, dinâmica interacionais).
- (iv) Construções são multidimensionais, isto é, o pareamento de forma-significado implica informações morfossintáticas, fonológicas (não vamos tratar dessa dimensão), semânticas e pragmáticas;
- (v) Construções são padrões de diferentes ‘tamanhos’: morfemas, palavras, construções frasais, **construções de sentenças complexas** (é o nosso caso), construções discursivas.
- (vi) Construções não são uma lista aleatória; formam um inventário estruturado em cada língua – uma rede taxonômica de construções, sendo cada construção um nódulo.
- (vii) Nesses termos, a gramática é uma rede de construções conectadas por relações de herança.

Passemos, pois, ao detalhamento das premissas acima dispostas.

A GC, partindo da visão da Lingüística Cognitiva, que vê nos processos de significação sua questão central, propõe, como seu princípio fundador, uma **perspectiva simbólica da gramática**. A partir dessa concepção, erige-se a categoria da **Construção** como o escopo central, na tentativa de desvelar os mecanismos conceptuais que subjazem à forma e unem-se a ela.

As **construções são** vistas como **pareamentos de forma e sentido** e, como tal, são intimamente relacionadas à categorização, a processos imagéticos e a modelos cognitivos e culturais, assim como às metáforas e metonímias. Segundo Lakoff (1987, p. 467), a construção gramatical é “um par forma-sentido (F, S), em que F é um conjunto de condições da forma sintática e fonológica; S, um conjunto de condições de significado e uso”.

Assim, dados os dois pólos da construção, Salomão (no prelo, pp. 6-7), distingue duas dimensões para cada pólo. Para o da **forma**, há a dimensão do *significante* – expressão fônica – e a dimensão *morfossintática* – informações sobre a classe sintática dos constituintes e suas relações estruturais de hierarquia e dependência. Para o do **sentido**, reconhece a dimensão *conceptual*, acima citada, do vínculo com os processos pré e pós conceptuais; e a *discursiva* – ativação de espaços mentais, as molduras comunicativas, o *status* informacional, o registro sociolingüístico da construção e as informações relativas aos gêneros textuais.

Esse conceito de Construção é um dos pontos de consenso apontados por Salomão dentre as distintas versões contemporâneas da Gramática das Construções.

O segundo ponto de consenso, segundo a autora, constitui-se ante a constatação de que o todo não equivale à soma das partes, quando focalizamos expressões lingüísticas como objeto de análise. Assim, as construções passam a ser as unidades básicas da descrição lingüística ou unidades básicas da gramática, i.e., são as **unidades básicas do conhecimento lingüístico**.

Lakoff (1987), ao propor a existência de categorias radiais na gramática, evidenciando a motivação entre uma e outra construção, abre luz para o último ponto de acordo: **a gramática é uma rede de construções**, i.e., as unidades não estão “espalhadas” ou dispostas em lista, mas apóiam-se uma nas outras, relacionam-se entre si, formando redes.

Assim, se as construções são as unidades básicas da língua, e se as construções dispõem-se radialmente a partir de uma base construcional comum, formando uma rede, a gramática, ao manifestar o conhecimento lingüístico, será o conjunto de todas as Construções de uma língua, desde as que se apresentam em um nível mais “simples” até as mais complexas. (SALOMÃO, no prelo, p. 12). Assim um falante nativo, ao dominar a língua, demonstra a posse desse conjunto de pares forma-sentido radialmente esquematizado.

Croft e Cruise (2004), além de embasarem o fato de a gramática ser uma rede de construções, apresentam uma das três principais hipóteses da Lingüística Cognitiva: o fato de a gramática ser conceptualmente motivada Lakoff (1987, p. 539) já adiantava o aspecto motivacional da gramática, ao dizer que a motivação é a norma nas línguas naturais, constituindo um fenômeno central na cognição humana, haja vista ser mais fácil aprender, lembrar e usar um conhecimento motivado do que um arbitrário. O autor ainda estabelece a hipótese de que a eficiência cognitiva de um sistema gramatical é medida pelo grau de sua motivação em relação aos conceitos por ele expressos. A perspectiva de uma gramática conceptualmente motivada é um dos fatores que autorizam o pensamento de ser a gramática de uma língua uma rede de construções com significados interligados.

Croft (2004, p. 263) defende não serem as construções uma lista aleatoriamente introjetada pelo falante, mas padrões que formam um inventário estruturado em cada língua, constituindo uma rede taxonômica de construções, organizadas por relações de herança, em que cada construção é um nódulo, a partir do qual derivam outras estruturas. Sendo uma rede, diferentes níveis de esquematicidade e generalização estão envolvidos, podendo-se destacar três tipos de construções por graus de idiomaticidade, ou possibilidade de preenchimento aleatório (cf. cp. 4): i) **Construções abertas ou macro-construções** - estruturas complexas de possibilidades infinitas de preenchimento como as construções transitivas, as construções partitivas (e, no caso do presente estudo, as *concessivas*); ii) **Construções semi-abertas ou micro - construções** - um tipo particular de construção e suas várias possibilidades; são as construções específicas de um tipo(como *P nem que Q* e *~P nem que Q*); iii) **Construções cristalizadas** – são totalmente preenchidas, nela se encontram os ditados populares, por exemplo.

Croft (*op. cit*), com isso, remete-nos ao modo de organização das construções e mostra que as motivações das relações, tanto sintáticas quanto semântico-pragmáticas, podem ser capturadas a partir da identificação de “elos (*links*) de herança”, que permitirão determinar diferenças e semelhanças entre as construções que se relacionam, ou seja, entre redes.

Segundo Salomão (*idem*, p.13), embora a noção de herança, elos, redes seja amplamente usada pelas teorias construcionais da gramática, cabe ressaltar a ausência de um consenso sobre o que deva ser considerado como tal.

Lakoff e Goldberg (*apud* SALOMÃO, no prelo, p. 14) “importam” os avanços da Linguística Cognitiva sobre a categorização, a fim de postularem uma organização radial (LAKOFF, 1987, cf. seção 2.2) para as redes construcionais, i.e., uma Construção Base (CENTRO) deriva outras construções (PERIFERIAS), que herdaram elementos semântico-formais; possibilitando esses *elos* a identificação de tais construções como pertencentes a uma rede. No caso do presente estudo, tomamos essa noção de redes que se organizam a partir do conceito de radialidade.

Ancorada nesta perspectiva, Goldberg (*apud* SALOMÃO, no prelo, p. 18) propõe quatro tipos de heranças possíveis: i) **herança por polissemia**- quando uma Construção estende o significado da Construção-mãe; ii) **herança por subparte** – quando uma Construção se configura como uma parte da Construção-mãe; iii) **herança por instanciamento** – quando uma construção se configura como um caso da Construção-mãe; iv) **herança por metáfora** – quando a Construção é motivada por uma projeção metafórica da Construção-mãe.

A postulação desses elos de herança demonstra a motivação que permeia o sistema linguístico e determina as ligações entre as construções na formação das redes. Esse legado linguístico, que promove a tecitura entre as construções, permite a captura tanto de generalizações na análise entre diversas construções como também a percepção de idiosincrasias.

As hipóteses gerais da Linguística Sociocognitiva, bússolas do nosso estudo, foram brevemente apresentadas neste capítulo. A perspectiva do uso, como cenário de onde emerge o conhecimento linguístico, determinou a constituição de um *corpus* composto por ocorrências reais a fim de investigarmos o panorama real das Construções Concessivas de Polaridade Negativa. O fato de as construções serem multidimensionais, conjugando fatores morfossintáticos, fonológicos e semântico-pragmáticos, permitiu-nos diferentes níveis de análise. E, por fim,

sabendo ser a gramática conceptualmente motivada, buscamos desvelar as motivações conceituais que subjazem às construções identificadas no *corpus* e, dessa forma, postular tais realizações linguísticas analisadas como um nóculo de uma rede construcional.

O próximo capítulo versará sobre as construções concessivas genéricas, abrangendo os aspectos formais e semântico-pragmáticos dessas construções que já foram relatados em outros estudos. Esse capítulo elucidará um pouco a natureza das concessivas antes de se proceder à análise de construções que consideramos constituírem um nóculo da rede das concessivas: as construções introduzidas pelo conectivo *nem que*.

3 A CONCESSÃO

No presente capítulo, baseando-nos em estudos anteriormente realizados, empreenderemos uma exposição sobre as construções concessivas, abordando o modo como têm sido entendidas pela Tradição Gramatical presente nas gramáticas normativas (seção 3.1), pelo Funcionalismo Lingüístico (seção 3.2) (NEVES, 2000, 2006, 2008; GOUVÊA, 2005) e pelos sociocognitivistas (seção 3.3) (SWEETSER, 1990; MIRANDA, 2005), proporcionando, dessa forma, um panorama mais abrangente acerca do fenômeno cognitivo complexo – a concessão – que envolve a CCPN.

Iniciaremos nossa exposição pela abordagem gramatical.

3.1 ABORDAGEM GRAMATICAL TRADICIONALISTA

As construções concessivas não têm sido objeto de abordagem consistente nas gramáticas tradicionais, sendo sua análise pouco esclarecedora, por considerarem apenas o nível sentencial, deixando de lado o contexto interacional e discursivo e limitando-as a uma classificação rígida.

As gramáticas normativas dispensam tratamento à concessividade no capítulo dedicado à sintaxe, na parte em que se encontram as *orações subordinadas adverbiais*.

Bechara, em *Lições do Português pela análise sintática* (1983, p.132), conceitua as concessivas como aquelas que expressam um *obstáculo* - real ou suposto – que não impedirá ou modificará, de modo algum, a declaração da oração principal. Após tal esclarecimento, lista, como as demais gramáticas consultadas, as conjunções que veiculariam tal obstáculo. É o que se observa, no exemplo dado pelo autor, em “*Embora chova, sairei*”, seguido da explicação de que a chuva não

será obstáculo que impedirá o sujeito de sair. Essa análise também aparece nas demais obras consultadas do autor como *Moderna Gramática Portuguesa* (2005, p. 496) e *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* (2006, p.362). Nesta última, entretanto, o autor eliminou o conceito e iniciou a seção referente às orações adverbiais concessivas com o conjunto de conjunções que expressam seu sentido de objeção.

A concepção de Bechara acerca do valor da concessão ser um *obstáculo*, real ou suposto é compartilhada por Adriano da Gama Kury, em *Novas lições de análise sintática* (1987, p. 92): como os demais a insere no capítulo dedicado às subordinadas. Para Kury, as concessivas equivalem a um adjunto adverbial e indicam que um obstáculo, real ou suposto, não impedirá ou modificará a declaração da oração principal. Tal esclarecimento nos remete literalmente, palavra por palavra, ao dito por Bechara, em edição do mesmo ano.

Já para Cunha e Cintra, em *A Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2007), as concessivas admitem um *fato contrário* à ação principal, mas incapaz de impedi-la, e, após essa breve explicação, os autores enumeram as conjunções subordinadas concessivas, sendo uma das poucas obras que incluem a conjunção **nem que** (*Nem que a matassem, confessava.*(2007, p. 586))

Abordagem semelhante é dada às construções concessivas, em *Iniciação à sintaxe do português*, por José Carlos Azeredo. O autor as considera sintagmas adverbiais concessivos, que indicam uma idéia de contraste, cujo sentido é estabelecido por meio de conectivos (1990, p. 103-5). De acordo com essa visão, há um **contraste** de **sentido** entre as proposições, mas a **idéia** de oposição é dada pelo conectivo.

Em síntese, as explanações fornecidas pela tradição gramatical restringem-se a definir as concessivas como adjunto adverbial, expressando uma idéia de contraste. O aporte sintático-semântico oferecido por tais explicações, ainda que figure como o mais freqüente, representa, frente à nova tradição de estudo lingüísticos, uma abordagem incapaz de desvelar, de maneira minimamente satisfatória, a complexa e rica relação entre as orações concessivas e suas nucleares e entre essas e suas dimensões conceptuais e discursivas.

Os tradicionalistas põem o foco de sua discussão na possível auto-suficiência semântica das conjunções ou locuções conjuntivas, tomadas isoladamente como norteadoras da sua análise e condutoras de um sentido único e

transparente. Tal enfoque parece comungar com a visão formalista da suficiência do significante (ver seção 2.1.1), segundo a qual a forma porta o sentido, e toda a informação necessária para a compreensão dos enunciados já estaria nela contida. Nessa perspectiva, basta ao falante “decorar” uma lista de palavras que “carregariam” um aparente mesmo sentido para tornarem-se usuários desenvolvidos e capazes de proceder à construção do enunciado e, conseqüentemente, do sentido.

A rigidez apresentada pelos gramáticos, com sua lógica formal de categorização dos fenômenos gramaticais, desconsidera, ainda, a fluidez entre as relações semânticas veiculadas pelas orações adverbiais, que surgem do vínculo existente entre os valores de tempo-causa-condição-concessão. Atendo-se a análise à lista de conectivos com significado estático, tais descrições desconsideram também as relações suscitadas, em contextos reais de uso, por um enunciado concessivo.

Na realidade, como veremos em nossas análises (cf. cap. 4), o conectivo é um anunciador, um indicador da oposição que se anuncia, constituindo-se como uma forma gramaticalizada (ou em curso de), que marca a oposição instaurada entre as asserções da oração principal e da concessiva. Os conectivos concessivos podem, assim, *apontar* para o paradoxo que se seguirá - em razão das conclusões contrárias deduzidas de cada proposição - mas, por si, não são essa relação.

Em virtude de ser arraigada à forma, considerada portadora do sentido, a visão tradicional da gramática desconsidera o papel fundamental exercido pelo contexto na construção do sentido. Assim, por contemplar a dimensão do uso, tendo-o como premissa básica na descrição da gramática, passaremos às abordagens funcionalistas.

3.2 ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Nesse enquadre (NEVES, 2006, pp. 23-24), anuncia-se que as relações lógico-semânticas, organizadas pelos processos cognitivos, são materializadas em enunciados que, através de processos sintáticos, configuram uma estrutura sintática complexa, traduzindo e/ou espelhando toda a complexidade dessas relações. Essa

configuração sintática complexa, dentro de um contexto discursivo, “arma-se” de modo a conduzir a atenção do ouvinte.

Dessa forma, o fator pragmático, ao influenciar, durante o intercurso discursivo, na formulação da estrutura complexa dos enunciados, demonstra ter peso tanto no processamento quanto na “*moldagem cognitiva*” que ocorre entre aspectos dos campos cognitivo-semântico-sintáticos.

Dentro dos parâmetros básicos do funcionalismo, a complexidade lógico-semântico-pragmática reflete-se em complexidade sintática. Postula-se, assim, que a imprecisão dos limites semânticos ocorre em razão de noções que se entrecruzam e se complementam, não sendo possível, muitas vezes, aplicar-se uma classificação engessada de uma categoria a partir de uma visão lógica.

Assim, o panorama discursivo anuncia: (i) o caráter não-discreto das categorias; (ii) a fluidez semântica, com valorização do papel do contexto (NEVES, 2007, p. 16). Essas proposições definem os pontos centrais, em uma gramática funcionalista (op. cit., p. 17):

- O uso - em relação ao sistema
- O significado – em relação à forma
- O social – em relação ao individual

Destarte, é dentro desse viés teórico que passamos, agora, a considerar a contribuição dada à compreensão sintático-semântico-pragmática do processo de combinação oracional e, em especial, ao das orações concessivas. Uma contribuição largamente considerada na abordagem em questão é a da gramática funcional de Halliday (1985), que discute a relação dicotômica posta como indiscutível para o formalismo gramatical, ou a subordinação vs. coordenação (NEVES, 2006, 228).

Halliday (apud NEVES, 2006, p. 228), ao argumentar sobre essa “distinção pétrea”, para demonstrar a imprecisão “categorial” desses blocos, propõe a existência de um eixo – tático – que mostra o comportamento entre as orações com base na *interdependência* entre seus elementos (a relação entre eles). Neste sistema tático, há dois tipos de relação, uma denominada *paratática*, que abrigaria elementos de igual estatuto, i.e., independentes, que estabelecem uma relação de “continuação” entre si, como ocorre na coordenação; e outra *hipotática*, recobrindo

as relações de dominação entre elementos de diferente estatuto, como nas adverbiais. De acordo com essa proposta, as subordinadas substantivas e adjetivas não se enquadrariam em nenhuma dessas duas hipóteses e, assim, não se localizariam no eixo tático, haja vista que suas orações componentes não se “relacionam”, mas se “encaixam”. Posto de outra forma, as substantivas e adjetivas, na verdade, são **argumentos** que, selecionados por um predicado (presente na nuclear), entram na constituição da oração, e as adverbiais incidem sobre uma predicação já configurada.

Dessa forma, as orações rotuladas tradicionalmente de subordinadas recobrem construções com comportamentos sintáticos distintos do ponto de vista da integração sentencial e da dependência entre núcleo-satélite. Neves (2006, pp.227-231), fortalecendo esse entendimento, cita um grande número de estudiosos que reforçam a ausência de limites rígidos entre coordenadas e subordinadas, bem como verificam a frouxa ligação estabelecida entre nuclear e adverbial.

Nesse viés, Matthiessen e Thompson (1988, apud NEVES, 2006, pp. 229-230) defendem a forte influência do contexto discursivo no modo como as orações se organizam na frase complexa. Para esses autores, o grau de dependência entre os enunciados não é elaborado totalmente no nível intrafrasal, sendo calculado também com base nos propósitos comunicativos. Considerando, especificamente, as adverbiais, Matthiessen e Thompson (*idem*) propõem que a organização nuclear-adverbial reflete os objetivos interacionais do falante, que, ao pensar na reação do interlocutor, elabora aquilo que é central ao seu objetivo e aquilo que é suporte para esse. Tanto essa elaboração do que é *central e periférico*, quanto a previsão do julgamento do leitor, têm bases cognitivas que conduzem para a organização da frase complexa em núcleo-satélite. (*ibidem*)

Assim, os enunciados são organizados segundo critérios de relevância estabelecidos pelo usuário, tendo em vista a cena comunicativa. As orações adverbiais, considerando a relação núcleo-satélite, refletem essa organização retórica do discurso na medida em que veiculam termos com objetivos centrais – o que seria expresso na principal, NUCLEAR – e outros com objetivos suplementares ou suporte – o revelado nas adverbiais. (NEVES, 2008, p.6)

Desse modo, tendo em vista as naturezas distintas entre coordenação, subordinação adverbial e subordinação substantiva / adjetiva, o paradigma funcionalista propõe a flexibilização da dicotomia coordenação (parataxe) -

subordinação (hipotaxe), por reconhecer a existência de uma fluidez entre essas zonas, o que levaria à aceitação de uma zona intermediária, que acaba por abalar as rígidas categorias tradicionais da gramática normativa.

Para demonstrar a fluidez na categorização das orações, Lehmann (1988, apud NEVES, 2006, p. 230), estabelece uma escala para caracterizar o contínuo que há entre o grau máximo e o mínimo de autonomia sentencial, assim como o máximo e o mínimo da integração sentencial. A coordenação estaria no grau máximo de autonomia e no mínimo de integração. No extremo oposto, encontrar-se-iam as subordinadas substantivas, ou encaixadas, que espelham o grau máximo de perda do estatuto de sentença, tornando-se, pois, apenas um constituinte de outra oração. E com limites difusos, em uma área intermediária, as orações adverbiais que não seriam totalmente subordinadas e nem coordenadas.

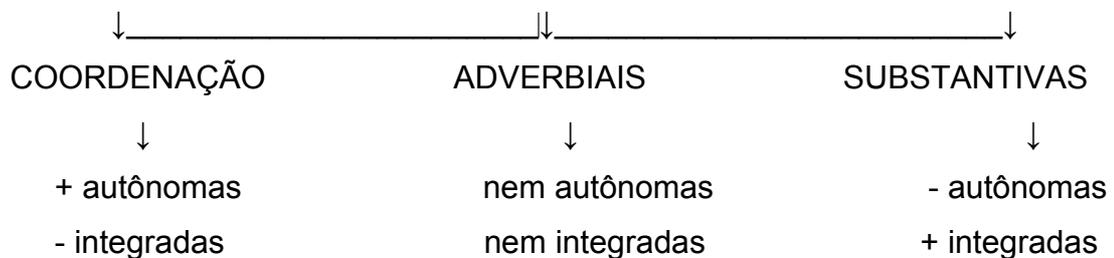


FIGURA 3 – O *continuum* entre as noções de causa-condição-concessão

Com isso, as orações hipotáticas apresentam um comportamento híbrido entre as subordinadas *stricto sensu* e as coordenadas. As subordinadas ou encaixadas apresentam uma relação de total dependência entre núcleo e margem, sendo a margem selecionada como argumento do núcleo, entrando, pois, na formação da predicação nuclear com um papel semântico já determinado pela natureza do predicado (NEVES, 2006). Nas coordenadas ou paratáticas, as orações são autônomas, pois nenhum dos membros é suporte para outro. Já as adverbiais demonstram estar na zona intermediária, já que, apesar de apresentarem uma certa dependência, não chegam a ser selecionadas pelo núcleo do sintagma.

A partir desse panorama teórico, não podem as orações adverbiais ser enquadradas em uma condição de subordinadas, tal como as substantivas e as adjetivas restritivas, por não demonstrarem um comportamento de encaixadas que constituirão diretamente a predicação.

Esse *continuum* apresentado não aparece apenas entre orações coordenadas – subordinadas *lato sensu*, mas também emerge na ausência de limites rígidos dentro da classificação das próprias orações adverbiais. Há uma fluidez entre as fronteiras de causa-condição-concessão que já decorre da própria noção de imbricação que as une. O senso de causa já toca, por si, a noção de condição, que, unidos, são uma contraparte do valor concessão (NEVES, 2008). Assim, vislumbra-se uma relação de continuidade e de implicação, como atesta o exemplo:

O desafio de suceder uma lenda

*O espetacular desempenho deu origem a um fenômeno típico de empresas bem-sucedidas: transformou Goizueta numa espécie de lenda -- dotada, aos olhos de funcionários e acionistas, de características dogmáticas similares à infalibilidade papal. O problema é que mesmo esses executivos saem de cena alguma hora (**nem que seja quando** morrem, como aconteceu na Coca-Cola de Goizueta). (Revista Exame)*

No exemplo acima, colhido do *corpus*, a união dos conectivos **nem que** e **quando**, que transmitiriam relações, respectivamente, de concessão e temporalidade, não dariam conta de, apenas por essa classificação e por essa consideração semântica, veicular todo o sentido que promovem. Pela ordenação temporal entre os eventos, podem-se depreender valores de causa e condição, entendendo-se que o fato de morrer implicaria tanto uma causa de se sair de cena, quanto preencheria uma condição para que a saída ocorresse. Assim, a noção de concessividade, nesse exemplo, emerge não da quebra da causalidade entre os eventos anunciados na nuclear e na satélite, mas da violação das expectativas socialmente construídas e partilhadas: sair de cena, no caso, um alto cargo executivo, só quando se morre, não é o que se espera em uma sucessão empresarial capitalista ocidental.

Como ensina Neves (2008, p.12), “a causalidade se explica em dependência de satisfação de condicionalidades”.

Partindo-se dessa consideração, quando se examinam as relações de causalidade nas orações complexas, as concessivas ficam em um extremo oposto ao das causais, uma vez que, nestas, a relação de causa e consequência entre as orações causal e principal é consolidada, implicando uma condição preenchida e suficiente; já naquelas, opera-se o contrário: a relação de causa é negada entre as

orações e, portanto, havendo ou não uma condição satisfeita, esta é insuficiente pra atuar sobre a asserção da principal.

Vê-se, dessa forma, que a noção de concessão explica-se pela repulsa a uma causa, que poderia atuar como um obstáculo à realização do que foi enunciado na principal, assim como pela desconsideração do preenchimento, ou não, de condições. Deve-se atentar para o fato de que, nas cláusulas concessivas, existe uma condição sendo comunicada, expressando-se, portanto, uma possível causa, mas, pela própria natureza de seu valor, a concessão torna irrelevante o fato de essa condição ser satisfeita, o que anula a causa como empreendedora de uma mudança no curso da ação. Como se observa no exemplo: “*A gente já sabe que a Globo não tira a novela das oito do ar nem que César Maia ponha fogo na cidade.*” (Corpora NILC)

Nesse caso, a proposição da cláusula concessiva - César Maia pôr fogo na cidade – seria uma condição que, se preenchida, constituiria uma causa muito plausível para ensejar o resultado contrário ao enunciado na nuclear, a Globo tirar a novela das oito do ar. Entretanto, há a desconsideração (da força) dessa causa/condição, mantendo-se inalterado o conteúdo asseverado na nuclear.

Neves (2008, p. 12) afirma que as línguas naturais ativam, de maneira espelhada, as relações lógico-semânticas de causa e condição, estando a causalidade implicada na satisfação de condições. Entretanto, quando a causa não é “alcançada”, pode-se tanto gerar uma hipótese quanto uma contrafactualidade. Nessa não há nem preenchimento de condições nem possibilidade de que ocorra, como se vê em “*Eu não o apoiaria nem que ele fosse o último dos moicanos.*” (Corpora NILC); naquela pode haver possibilidade dessa satisfação de condições (como no exemplo acima),

No caso acima, a cláusula concessiva – *nem que ele fosse o último dos moicanos* – demonstra a impossibilidade de a condição, por ela expressada, ser preenchida, já que não existe a possibilidade de “ele” vir a ser o último dos moicanos.

Dessa maneira, a essência da concessividade reside na frustração de condicionalidades e causalidades, que venham a ser expressas, implícita ou explicitamente, na oração concessiva (NEVES, 2008, p. 12). É o que se observa em “*Vou continuar não recolhendo nem um centavo do INSS, nem que seja multado mil vezes*” (Revista Exame).

Nessa construção, pode-se afirmar que o fato de o falante ser multado mil vezes (oração concessiva) seria uma causa possível⁶(e uma condição suficiente) para que ele recolhesse ou começasse a recolher pelo menos um centavo ao INSS, e, no entanto, ele não o fará. Desse modo, a pena que se vislumbra na concessiva é insuficiente bem como desconsiderada como uma causa ou uma condição suficiente para uma mudança de postura do enunciador, prevalecendo o que se expressa na principal.

Conforme sinalizamos no início dessa seção, a abordagem funcionalista considera que a finalidade da linguagem é a interação e, assim, analisa as construções lingüísticas em situações reais de uso, considerando o enquadre comunicativo. Citando Van Dijk (2004, apud VAZ, 2005, p.1)

[...] constitui uma das marcas específicas das abordagens funcionais da língua enfatizar a natureza discursiva da linguagem e analisar (pelo menos algumas) estruturas sentenciais como funcionalmente dependentes de estruturas de texto e de fala.

Portanto, além do paradigma lógico-semântico, o enfoque funcionalista também permite a apreciação do componente dialógico (pragmático) da concessividade.

Para Halliday e Hasan (1976 apud VAZ, 2005), a concessão significa basicamente “contrário à expectativa”, sendo que tais expectativas podem resultar do conteúdo sobre o qual repousa o discurso ou da situação comunicativa entre falante-ouvinte. Os autores, dessa maneira, indicam a necessidade de a análise considerar o nível discursivo e assinalam o fato de que um estudo puramente sentencial é insuficiente para abordar devidamente a subordinação.

Neves (2000, p. 872) corrobora com os autores acima citados e prega que, para um exame mais aprofundado, é essencial que a análise considere a relação falante-ouvinte, assim como o conhecimento partilhado, a argumentação e a objeção, sendo, pois, a análise pragmática central para a compreensão de todo o processo concessivo.

Assim como Van Dijk (apud VAZ, 2005; NEVES, 2000), Neves (2000, p. 874) considera a concessão pertencente ao grupo das construções contrastivas, isto é, aquelas que representam eventos não esperados, exceções à seqüência natural

⁶ Não se fala aqui em *possível* tendo como parâmetro um acontecimentos do mundo real, mas, sim, a noção de força para que atue como causa.

apreendida (ver causalidade capítulo 2, seção 2.1.2). Tal entendimento permite uma nova categorização que, ao invés de basear-se na forma, como é feito pela Gramática tradicionalista, embasa-se no aspecto semântico. Dessa maneira, dentro de um grupo que expressa relação de contraste entre fatos, estariam contempladas conjunções coordenadas e subordinadas, preposições e advérbios.

Neves (2000, p. 874-5) ensina que as **concessivas**, vistas como construções contrastivas, podem ser consideradas **mecanismos argumentativos**, uma vez que operam com dois argumentos que conduzem a conclusões implícitas opostas. A utilização das concessivas demonstra que o falante previu uma suposta objeção àquilo que vai enunciar na oração principal, e, antecipando-se, registra-a em seu enunciado para, logo em seguida, guiar seu interlocutor para o seu ponto de vista, mostrando de maneira subentendida que esse prevalece.

Com isso, as construções que expressam concessão podem ser consideradas expedientes argumentativos por orientarem argumentativamente os enunciados de forma a privilegiar o argumento mais forte. Dentro dessa perspectiva, Ducrot (1983, apud VAZ, 2005) elabora a existência de uma escala em que há um argumento mais forte – que seria o expresso pela oração principal – que vai se sobrepor aos outros argumentos apresentados dentro dessa escala – o apresentado na concessiva.

Assim, considerada como instrumento argumentativo, a concessão possibilita, dentre outras características já apontadas pelos autores estudados: i) defender a face do enunciador que, ao adiantar-se a uma possível/provável contra-argumentação ou crítica, preserva-se, não comprometendo, assim, sua argumentação e sua face (KOCH, 1998, p.55); ii) construir e/ou reforçar a face “positiva” (cf. cap.2 seção 2.1.2) do falante que, ao demonstrar saber a existência de outros pontos de vista no seu contexto social, considera o peso desses em sua argumentação; iii) proteger a face do interlocutor, mostrando que seu modo de pensar não é completamente absurdo, mas...(GOUVÊA, 2005) (cf. cap. 4 seção 4.3.2.1)

Os elementos introdutórios de concessão, representados tipicamente pelo **embora**, ao introduzirem uma argumentação oposta ao comunicado na apódose (principal), veiculam enunciados que conduzem para conclusões contrárias, demonstrando choque entre vozes que surgem no discurso. A voz, expressa na proposição da concessiva, representa uma opinião diversa da do enunciador, mas

para a qual se dá certa credibilidade, em razão de ser um argumento possível para se alcançar certa conclusão e por ser capaz de contrariar o que é dito na principal. Essa objeção, entretanto, é desconsiderada por mostrar-se um argumento mais fraco na condução do que o falante quer que o outro releve e, portanto, considere como mais forte e importante. Esse embate entre as diferentes vozes do discurso pode ser observado no último exemplo apresentado (“*Vou continuar não recolhendo nem um centavo do INSS, **nem que** seja multado mil vezes*” (Revista Exame)).

Dessa forma, os operadores do paradigma do *embora* são índices de **polifonia** (KOCH, 2001, p.58), considerada como sendo “*a incorporação que o locutor faz ao seu discurso de asserções atribuídas a outros enunciadores ou personagens discursivos – ao(s) interlocutor(es), a terceiros ou à opinião pública em geral*”. (KOCH, 2002, p.140)

Após a apresentação dos achados funcionalistas acerca da imprecisão classificatória entre a coordenação e o bloco heterogêneo das subordinadas, do papel do uso na ordenação das orações que compõem a frase complexa, da revelação da natureza argumentativa e polifônica das construções concessivas, passamos à abordagem do panorama sociocognitivo.

3.3 ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

Do território teórico da Lingüística Cognitiva também advém uma contribuição significativa para a compreensão das bases sociocognitivas e interacionais da concessividade.

Conforme se apresentou no capítulo anterior (seção 2.1.1), a Lingüística Cognitiva considera a linguagem parte integrante da experiência do homem com o mundo, levando o sujeito a figurar no processo de construção do significado. Neste paradigma sociocognitivista, a linguagem envolve “manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (SILVA, 1997).

A existência de estruturas pré-conceituais da experiência e a centralidade tanto do corpo, na arquitetura de nossos sistemas conceptuais, quanto das

projeções metafóricas são pressupostos que, ao definirem a organização cognitiva, refletem-se no modo como a linguagem é moldada/ estruturada.

Dessa forma, a organização conceptual transparecerá na forma como utilizamos a linguagem e, de igual modo, a linguagem aponta, tal como um guia, a possível natureza dos processos sociocognitivos que a motivam. Desse modo, a relação entre a forma lingüística e sua função não é aleatória, mas motivada cognitiva - por *frames* conceptuais, esquemas primários (imagéticos), projeções figurativas - e pragmaticamente - necessidades comunicativas, dinâmicas interacionais - a partir de nossas experiências sensório-motoras e sócio-culturais, que auxiliam na arquitetura de nossa compreensão do mundo.

Sweetser (1990, p.1), a partir desse panorama teórico, enuncia que “o sistema conceptual, que emerge da experiência humana cotidiana, constitui-se como base para um vasto campo de significações nas línguas naturais.” A autora, assim, ao dizer que a experiência está no cerne do pensamento, remete-se ao conceito de esquema imagético proposto por Lakoff (1987) para indicar a existência de projeções figurativas entre as experiências do domínio físico-experiencial e as do domínio abstrato-mental. (MIRANDA, 2005, p. 183)

A questão sobre a qual Sweetser se debruça é a aparente “desordem” e assistemática que parecem reger certos fenômenos lingüísticos, marcados pela multifuncionalidade como acontece com o da modalidade, os atos de fala, e as orações adverbiais. A autora começa por negar a acidentalidade dessas relações e por afirmar a existência de uma motivação cognitiva mais ampla.

Nessa direção, Sweetser (1990) propõe a existência de um sistema conceptual metafórico capaz de sustentar a coerência de tais fenômenos e, para tanto, vai (1990, p. 51) buscar em Talmy (2000) um dos esquemas-imagéticos basilares à cognição humana – o da Dinâmica das Forças (cf. cap. 2 seção 2.2.1) cujos desdobramentos podem ser “causa como imposição de forças” e “como suspensão de barreiras”. Tal esquema é postulado por Sweetser (*idem*) como a noção geradora da modalidade que, nos termos de Miranda (2005, p. 184), é um operador de causa como imposição de força/ suspensão de barreira. Assim, a experiência sensório-motora do homem, em contato com as forças que sobre ele atuam no mundo, origina a imagem esquemática de imposição de forças e remoção de barreiras. Tal experiência sensorial e física projeta-se figurativamente no domínio da causa, construindo a noção de causalidade intencional (SWEETSER, 1990, p.52;

MIRANDA, 2005, p. 184). Esse domínio projeta-se figurativamente (CAUSA É FORÇA FÍSICA, seção 2.2.5.1) no domínio social, constituindo o domínio deôntico da modalidade, e o epistêmico, no domínio conceptual. Esses dois domínios, antes vistos como semanticamente díspares, seriam recobertos por uma mesma base cognitiva. Atesta Sweetser que (op. cit., p. 59): “*Nosso sistema lingüístico mostra evidências pervasive de uma compreensão metafórica do nosso intelecto e estados psicológicos em termos de nossos selfs externos.*” (tradução nossa)

Assim, os sentidos deônticos de modalidade são estendidos para o domínio epistêmico (SWEETSER, 1990, p. 50). Isso ocorre devido ao fato de o “mundo do EU interior” ser mais abstrato e, assim, metaforicamente estruturado e compreendido em termos do nosso conhecimento do mundo externo, mais concreto, em termos experienciais. Com isso, os sentidos deônticos (do conteúdo) emergem, primeiramente, em razão de nossas constantes interações com o mundo e são estendidos para os domínios epistêmicos (do raciocínio).

A partir desse quadro, Sweetzer (1990), após uma análise das construções causais e condicionais, demonstra a possibilidade de compreender essas construções em três domínios específicos: o deôntico, o epistêmico e o pragmático. Essa tripartição, endossada por Neves (2000, pp. 872-874), não é casual, mas revela processos de natureza figurativa que permitem mapeamentos cognitivos semelhantes aos que ocorrem com os verbos de percepção, com as construções coordenadas e subordinadas, bem como em verbos modais.

A partir dessas considerações, assim como Sweetser (1990) demonstra, a interpretação das condicionais nos três campos, pode-se, como atesta Neves (2000), ter uma leitura das construções concessivas nesses níveis.

Os contornos imprecisos na interpretação das construções pode ser visualizada no exemplo a seguir: “***Nem que as exportações cresçam muito será possível criar postos de trabalho em número suficiente para manter a taxa de emprego.***” (Revista Veja)

Nessa situação, observa-se uma ambigüidade, na construção concessiva, entres os domínios deôntico e epistêmico. Se “*as exportações crescerem muito*”, for considerado um fato possível de ocorrer no mundo, a leitura será deôntica, mas, sendo vista como uma possibilidade criada pela mente, pelo raciocínio do falante, será epistêmica. Essa confusão gerada é motivada cognitivamente pelo

compartilhamento de bases conceituais comuns, devido à compreensão metafórica do domínio epistêmico pelo o do conteúdo.

Sweetser assume que uma leitura das conjunções como operadores lógicos é insuficiente para dar conta de explicar a ambigüidade pragmática que ocorre em seus usos, uma vez serem esses itens lexicais imprecisos/incertos/indeterminados(ver cap. 2. seção 2.1.1) em seus usos nos respectivos domínios de conteúdo, epistêmico e conversacional. A autora propõe, então, que a análise das conjunções repouse sob a ótica de encará-las como veículos portadores de conteúdo, como entidade lógicas ou como instrumento do ato de fala, sendo o contexto enunciativo decisivo no papel de desambiguador.

Após fornecermos, no capítulo 2, um panorama das bases teóricas da Lingüística Cognitiva que amparam esse trabalho e proporcionar uma visão ampla sobre a concessão nos panoramas gramatical, pragmático e sociocognitivo, passamos à análise das Construções Concessivas de Polaridade Negativa, nosso objeto de estudo, promovendo uma integração entre as abordagens funcionalistas e sociocognitivistas do fenômeno concessivo.

4 A CONSTRUÇÃO CONCESSIVA DE POLARIDADE NEGATIVA

Este capítulo propõe uma descrição de natureza sincrônica, que correlacione a arquitetura formal e as motivações e heranças conceptuais e pragmáticas de um nóculo da rede de construções concessivas, que abriga construções de dois tipos:

(1) ***P nem que Q*** (Type Afirmativo)

*Eu escrevo aqui, **nem que** seja qualquer coisa.* (A vida moderna de Erica Hans - <http://ericahans.blogspot.com/>)

(2) ***~P nem que Q*** (Type Negativo)

*Ela **não** perdia uma frase, **nem que** isso custasse perder um amigo* (Corpora NILC)

Essas construções lingüísticas, cujo padrão implica a combinação de uma cláusula nuclear afirmativa (*Eu escrevo aqui*) ou negativa (*Eu não perdia uma frase*) e um satélite concessivo, por intermédio de um articulador de base lexical adverbial – *nem*, seguido do “transpositor” *que*, definidor da categoria funcional conjunção (NEVES, 2006, p. 261), serão nomeada por **Construções Concessivas de Polaridade Negativa (CCPN)**.

A caracterização “polaridade negativa” deve-se à relação de oposição estabelecida entre o enunciado na nuclear e o que é tido como esperado com a enunciação da cláusula concessiva. Essa divergência semântica, isto é, a *polaridade*, é formalmente marcada pelo *nem que*, expressão conjuntiva concessiva gramaticalizada (ou em vias de)⁷ que, por ainda preservar a semântica adverbial de negação do *nem*, demarca a polaridade negativa da cláusula concessiva. Com isso, ao ser anunciado o *nem que*, sempre haverá a invocação de um cenário semântico negativo, de quebra do que seria ordinariamente esperado.

Dessa forma, a hipótese aqui firmada é que tais construções têm, dentro da família de construções concessivas, o estatuto de uma construção do PB, dado o seu valor simbólico específico de expressar, no domínio da auto-expressão, da

⁷ Entende-se por gramaticalização o processo de evolução por que passam os item ou construções da língua, saindo de um estatuto lexical para um gramatical, bem como de um gramatical para outro mais gramatical. (NEVES, 2006, p.20)

Não estamos nos valendo mais largamente deste conceito porque isto implicaria entrar em um outro domínio teórico para o qual o presente estudo não apresenta o arcabouço devido. Os termos que veiculamos, contudo, como cristalização, convencionalização ou idiomatização remetem ao processo de gramaticalização.

subjetividade, a frustração de uma expectativa de modo enfático e, às vezes, hiperbólico. Assim, nossa agenda analítica visa desvendar as multidimensões dessa construção.

Nossa análise terá como bússola, como já anunciado (cf. cap. 2), o escopo teórico da Lingüística Cognitiva, através dos constructos sociocognitivistas, acerca dos processos de conceptualização e categorização, (noções de esquemas imagéticos, domínios conceptuais ou *frames*, categorias radiais, teoria dos protótipos), bem como da Teoria Conceptual da Metáfora e da Teoria da Gramática das Construções. Os principais nomes vinculados a tal enquadre programático são: Fillmore; Lakoff(1987,1990); Johnson(1987); Fauconnier, Turner(2002); Sweetser(1990); Talmy(2000); Goldberg, Salomão (1999); Croft, Cruse (2004). O diálogo com o Funcionalismo Lingüístico (NEVES, 2000, 2006, 2008; MARTELOTTA, 1998), com a Antropologia Evolucionista de Tomasello (2003), a Teoria dos Atos de Fala de Austin (1962) e Searle (1969, 1979) e a Pragmática da Polaridade de Israel (2004), dentre outros, compõe alguns dos importantes endossos às teses sociocognitivistas deste projeto. (cf. cp. 2)

De modo sucinto, rerepresentamos as principais asserções do modelo construcional da gramática (cf. cap. 2) que servirão de guia às nossas análises:

- a. A gramática é uma rede de construções;
- b. Construções são um pareamento simbólico de forma-significado;
- c. Construções emergem como padrões de uso motivados cognitivamente (por *frames* conceptuais, esquemas primários (imagéticos); projeções figurativas) e pragmaticamente (necessidades comunicativas, dinâmica interacionais).
- d. Construções são multidimensionais, isto é, o pareamento de forma-significado implica informações morfossintáticas, fonológicas (não vamos tratar dessa dimensão), semânticas e pragmáticas;
- e. Construções são padrões de diferentes ‘tamanhos’: morfemas, palavras, construções frasais, **construções de sentenças complexas** (é o nosso caso), construções discursivas.
- f. Construções não são uma lista aleatória; formam um inventário estruturado em cada língua – uma rede taxonômica de construções, sendo cada construção um nóculo.

- g. Nesses termos, a gramática é uma rede de construções conectadas por relações de herança.

Em termos metodológicos, nosso estudo promove uma aliança com a Lingüística de Corpus, de forma a contemplar uma dimensão fundamental no estudo de uma construção, qual seja o USO. Assim, optamos pela constituição e utilização de um corpus, de modo a captar as distintas dimensões de uso da construção em foco, a Concessiva de Polaridade Negativa, tarefa esta da qual nem a mais apurada das intuições lingüísticas poderia dar conta.

Nossa jornada expositiva inicia-se pela apresentação da metodologia utilizada (seção 4.1) para a coleta e composição do corpus e pela exposição do processo investigativo que resultou/culminou na escolha das construções concessivas introduzidas pelo conectivo *nem que* (seção 4.2).

A exposição analítica, para maior clareza, se subdividirá, primeiramente, em três grandes seções que visam desvendar, respectivamente, as faces conceptual, pragmática e morfossintática das Construções Concessivas de Polaridade Negativa. Ainda que focalizada em distintas seções, as multidimensões da CCPN se desvelam em um *continuum* que integra, de modo “gestáltico”, as faces semântico-pragmática e formal da construção. Assim, a descrição de uma face implica, necessariamente, a remissão às demais.

A primeira dimensão, CONCEPTUAL (seção 4.3.1), intenta desvelar, principalmente como esquemas imagéticos e metáforas auxiliam no estabelecimento das possíveis bases conceptuais que permeiam e estruturam o pensamento concessivo. A segunda, PRAGMÁTICA (seção 4.3.2), revela as realizações das Construções Concessivas de Polaridade Negativa como os Atos de Fala e a conseqüente configuração do panorama da interação das forças discursivas, com base na natureza do ato. Por fim, a dimensão MORFOSSINTÁTICA (seção 4.3.3), revelada no corpus, será analisada através dos parâmetros de ordenação entre núcleo-satélite e a relação modo-temporal dessas, mostrando a força do pareamento forma-sentido que institui tal construção.

Finda esta primeira parte, abre-se uma seção (4.4) que, ao mostrar a força enfática, a influência desse aspecto na ocorrência dessas concessivas em ambientes informais e o grau de convencionalização dessas construções lingüísticas, pontua aspectos distintivos que ajudam a enraizar a nossa hipótese de que a CCPN é um padrão construcional específico da rede concessiva.

Tendo em vista as construções que inicialmente constituiriam o objeto sobre o qual a dissertação repousaria, uma seção (4.3.5) foi destinada especialmente à análise das CCPN do tipo negativo, e, após uma breve explicação sobre a frequência dessas, dedicamo-nos à apreciação de uma manifestação especial desse tipo negativo: as CCPN Hiperbólicas (4.3.5.1)

Para finalizar, propomos os elos de herança que levam à formação do nóculo das Construções Concessivas de Polaridade Negativa

4.1 METODOLOGIA

A perspectiva sociocognitiva da linguagem, arcabouço teórico deste trabalho, advoga a construção do sentido no jogo discursivo, e, assim, impõe-se observar o fenômeno lingüístico seja observado nas molduras presentes no discurso real.

Dessa forma, a adoção da Lingüística de Corpus, como base metodológica, vem ao encontro dos anseios sociocognitivistas, por fornecer um instrumental que auxilia a observação das construções em seu *habitat* discursivo real. Acresce o fato de que apenas a introspecção do lingüista, como falante nativo, não é suficiente para empreender uma legítima análise da língua, haja vista que, como assinala Miranda, “*aquilo que as pessoas **pensam** sobre o pensamento e a linguagem não é necessariamente o modo como o pensamento e a linguagem operam.*” (MIRANDA, 2007, p.5)

Como aporte metodológico, cabe revelar alguns aspectos teóricos do quadro conceitual da Lingüística de Corpus, relevantes à nossa análise, quais sejam a abordagem empirista e a visão da linguagem como um sistema probabilístico. De acordo com a concepção empírica, o conhecimento advém da observação dos dados e não da introspecção como forma de verificar e analisar a linguagem. Já a probabilidade da linguagem versa sobre o uso efetivo e observável das realizações lingüísticas, levando em conta o contexto situacional. Essa visão pretende demonstrar, por meio da análise de dados, que, apesar de muitos traços (e construções lingüísticas) serem possíveis de ocorrer teoricamente, nem todos

aparecerão com a mesma freqüência, i.e, nem todos têm a mesma probabilidade de ocorrência. (SARDINHA, 2004, pp. 31-32)

Segundo Sardinha (2004, p.32), uma teoria da linguagem deve incorporar à possibilidade teórica de ocorrência a probabilidade da ocorrência de traços, não bastando a introspecção ou a intuição do falante nativo, já que esse apenas pode atestar se a estrutura é ou não intuitivamente provável. Para a constatação da probabilidade, entretanto, é preciso a observação empírica da freqüência do emprego pelos usuários em contextos discursivos.

Os dois aspectos conceituais citados convergem com o olhar sociocognitivista de (i) considerar a centralidade do uso na emergência do conhecimento lingüístico, o que leva à necessidade de uma abordagem empirista; e (ii) não enxergar a língua como um sistema gerativo de formas possíveis.

Isto posto, a associação entre as duas teorias pretendeu fornecer o instrumental necessário para que, à possibilidade teórica de ocorrência, se pudesse evidenciar a probabilidade da Construção Concessiva de Polaridade Negativa, comprovando sua convencionalização.

Dadas essas observações introdutórias, procederemos à explicação da natureza e da constituição de nosso *corpus* e a delineação dos resultados alcançados a partir de sua observação.

4.1.1 A formação do corpus e o panorama analítico traçado

Selecionou-se, para a análise que será empreendida, um *corpus* eletrônico natural, autêntico, representativo, adequado e heterogêneo, pertencente ao registro escrito, com pluralidade de autoria. (SARDINHA, 2004)

Entende-se por “natural” um *corpus* em que os dados foram colhidos de realizações espontâneas e reais da linguagem, significando que não foram criados especial e artificialmente para servirem de objeto de estudo. Por “autêntico”, terem sido produzidos por falantes nativos. “Representativo” é o *corpus* suficientemente extenso de modo a representar um dos âmbitos do uso lingüístico e “adequado”, aquele que serve aos interesses do propósito investigativo. A heterogenia deve-se ao fato de os dados lingüísticos que o compõem serem fragmentos de textos de

vários gêneros e temáticas diversas. Visou-se à construção de um *corpus* que engloba tanto o registro formal quanto o informal.

O *corpus* foi constituído por meio de uma coleta criteriosa de dados para compor uma amostra desejada da CCPN, sendo utilizados os mecanismos automáticos de busca existentes em cada *site* pesquisado.

Cinco fontes foram escolhidas, a saber: revistas de conteúdo *online* da Editora Abril, *blogs*, *corpus* Folha de São Paulo *Gold*, *corpora* NILC e acórdãos, disponibilizados on-line, no site do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. A escolha de cada um das fontes referidas deveu-se aos motivos que passamos a expor: as revistas da abril.com, pela possibilidade de acesso a públicos-alvos diversos, assuntos variados e graus de formalidade distintos, caracterizando, pois, diferentes situações de utilização da linguagem, bem como um número razoável de ocorrências. Os *blogs*, por meio do site de buscas “Google Blogs”, por serem registros escritos de um uso mais íntimo e informal da linguagem, aproximando-se da utilização espontânea e cotidiana da língua. O Folha de São Paulo *Gold*, *corpus* tratado, com a compilação de vários cadernos que compreendem edições dos anos de 1994 a 2005, por ser representativo da língua padrão e culta. O *corpora* NILC, criado pelo Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional da Universidade de São Paulo, localizado em São Carlos, apresenta, aproximadamente, 35 milhões de palavras e reúne textos do português escrito do Brasil, pertencentes aos gêneros jornalístico, didático, epistolar e redações de alunos. Esse *corpora* possibilita, ainda, o contato com outros 20 *corpora* do português tanto do Brasil quanto de Portugal: Avante, DiaClave, Museu da Pessoa, Natura/Minho, Natura/Público, Clássicos LP/PORTO Editora, Frases PP, Cetem Público (primeiro milhão), Cetem Público, ECI-EBR, Chave, Amostra-Nilc, Frases PB, CONDIVport, Ancib, CD Harém, Cone, ECI-EE, ENPCPUB(parte portuguesa), Vercial. Desses, foram utilizados apenas 3 (ECI-EBR, Chave e o próprio Nilc) dos quais se montou um subcorpus específico com ocorrências de construções concessivas introduzidas pelo conectivo “*nem que*”, com 52 dados e 1.106 palavras. Dos demais, 12 referem-se ao português de Portugal e, nos 5 restantes, não foram encontradas ocorrências buscadas. E, por fim, os acórdãos do Tribunal de Justiça de Minas Gerais por representarem a utilização de uma variedade do PB, língua padrão, culta em um ambiente formal.

Apesar de terem sido fontes para a composição do *corpus*, o Folha de São Paulo *Gold* e os acórdãos do TJMG não figuram no *corpus* específico formado por

CCPNs, haja vista que, em relação ao primeiro, não houve nenhuma ocorrência de *nem que* concessivo e, no segundo, foi encontrada apenas uma ocorrência ("*nenhum juiz pode julgar de novo (nem que seja no mesmo sentido) causa já composta por sentença passada em julgado, pois, se tornar a julgá-la, irá ofender a coisa julgada. A ofensa, portanto, consiste em simplesmente pronunciar-se. Desde que o faça, com isso, ofende a coisa julgada, sendo irrelevante que o novo julgamento coincida ou não com o anterior*".)

([http://www.tjmg.gov.br/juridico/jt_/inteiro_teor.jsp?tipoTribunal=2&comrCodigo=0&ano=0&txt_processo=461811&complemento=0&sequencial=0&palavrasConsulta="nem%20que%20seja%20no%20mesmo%20sentido"&todas=&expressao=&qualquer=&sem=&radical="](http://www.tjmg.gov.br/juridico/jt_/inteiro_teor.jsp?tipoTribunal=2&comrCodigo=0&ano=0&txt_processo=461811&complemento=0&sequencial=0&palavrasConsulta=))

([http://www.tjmg.gov.br/juridico/jt_/inteiro_teor.jsp?tipoTribunal=2&comrCodigo=0&ano=0&txt_processo=461811&complemento=0&sequencial=0&palavrasConsulta="nem%20que%20seja%20no%20mesmo%20sentido"&todas=&expressao=&qualquer=&sem=&radical="](http://www.tjmg.gov.br/juridico/jt_/inteiro_teor.jsp?tipoTribunal=2&comrCodigo=0&ano=0&txt_processo=461811&complemento=0&sequencial=0&palavrasConsulta=))

Por não haver um consenso a respeito do patamar mínimo para que um *corpus* seja considerado representativo, baseamo-nos na classificação de Sardinha (2004, p. 26). Assim, o *corpus* coletado, sobre o qual nos debruçamos para analisar as CCPN, conta com 300 ocorrências que, ao todo, apresentam 12.931 palavras, sendo considerado, portanto, um *corpus* pequeno (Sardinha, 2004, p. 24).

Para auxiliar a análise do *corpus*, que foi constituído, utilizou-se a ferramenta computacional Concord do programa *WordSmith Tools*, versão 4. Esse instrumento permite tanto visualizar a palavra de busca (*search word*), no contexto em que ocorre, como ressaltar outra palavra além da *search word*. (Figura 4) Ele auxilia a detecção de possíveis regularidades nas construções, já que identifica uma lista de agrupamentos lexicais (*clusters*) (Figura 5) – seqüência de palavras recorrentes – e uma lista de padrões (*patterns*) que exhibe os colocados (*collocates*)⁸, em grupos, nas posições em que são mais frequentes.

⁸ Os colocados são palavras que ocorrem ao redor da palavra de busca em posições determinadas.

The screenshot shows the WordSmith Tools interface with a concordance window open. The concordance table lists various instances of the phrase "nem que seja" in Portuguese, along with their frequency, percentage, and associated file names.

N	Concordance	et	og	ord	#	os	#	os	#	os	File
64	sem resposta. Ligue de volta, nem que seja uma semana depois 4				3.730	0119%	0	3%			s-negativos.txt
65	site que contenha esse tipo de fotos, nem que seja preciso pagar llagradeço				5.934	9088%	0	9%			s-negativos.txt
66	um pouco mais educados e responder nem que seja com um simples "muito				6.312	212%	0	4%			s-negativos.txt
67	me permita separar algumas trilhas, nem que seja só uma. Separar trilha de				6.259	1633%	0	3%			s-negativos.txt
68	de arquitetura. Ainda vou me formar. Nem que seja aos 50 anos. Você foi				4.085	319%	0	8%			s-negativos.txt
69	querer fazer algo com o seu negócio, nem que seja daqui a 20 anos", diz				3.372	745%	0	9%			s-negativos.txt
70	a história da economia no século XX, nem que seja um "rodapé". Também				6.453	337%	0	5%			s-negativos.txt
71	escritório é realocada para as lojas, nem que seja para a limpeza. Essa é				3.171	575%	0	7%			s-negativos.txt
72	um problema. Saúde a pessoa, nem que seja com um "oi, tudo bem?"				3.319	682%	0	9%			s-negativos.txt
73	você terá que se soltar mais, nem que seja mandando um e-mail mais				3.986	235%	0	6%			s-negativos.txt
74	mesma linha do simples, esqueça, nem que seja por um dia, a vida em				4.032	262%	0	7%			s-negativos.txt
75	Quem tiver e quiser vender, nem que seja uma cópia, eu compro.				6.357	254%	0	4%			s-negativos.txt
76	recolhendo nem um centavo ao INSS, nem que seja multado mil vezes". Hoje				2.410	2119%	0	8%			s-negativos.txt
77	preciso fincar bandeira na internet, nem que seja com uma página estática				2.719	338%	0	2%			s-negativos.txt
78	da moeda", disse Meirelles. " Nem que para isso seja preciso subir				3.070	527%	0	6%			s-negativos.txt
79	é buscar o mercado internacional, nem que seja para voltar mais tarde.				3.121	556%	0	6%			s-negativos.txt
80	saem de cena alguma hora (nem que seja quando morrem, como				2.665	290%	0	1%			s-negativos.txt

Figura 4- Exemplo de palavra buscada no WordSmith Tools

The screenshot shows the WordSmith Tools interface displaying a table of lexical clusters for the search term "nem que seja". The table lists the cluster name, frequency, and length.

N	Cluster	Freq.	Length	Related
1	NEM QUE SEJA PARA	23	4	
2	NEM QUE SEJA SÓ	17	4	
3	NEM QUE SEJA UM	10	4	
4	NEM QUE SEJA POR	10	4	
5	NEM QUE PARA ISSO	8	4	
6	SEJA SÓ PARA	7	4	
7	NEM QUE SEJA APENAS	5	4	

Below the table, a summary text reads: "26 máximas e 7 mínimas e 164 positivas, separadas em 31 com indicação de polaridade máxima e 112, mínimas. Dos resultados obtidos nos blogs, foram encontradas 60 construções".

Figura 5 – Exemplo de agrupamentos lexicais mostrados pelo WordSmith

A posse de tal instrumental auxiliou tanto na visualização das estruturas lingüísticas que mais freqüentemente acompanham a locução conjuntiva *nem que*, quanto na observação dos padrões construcionais formados.

Dessa forma, após exaustivas imersões nos dados, percebemos o número baixo de ocorrências com cláusulas nucleares negativas (65) (seção 4.5). Tal fato nos surpreendeu e intrigou dado o objeto inicial de nossa investigação (seção 4.2), e passamos a “ver” os dados com outros olhos, o que acabou por revelar a presença marcante e preponderante das construções com cláusulas principais afirmativas (230). Tal panorama mergulhou-nos na análise dessas duas realizações distintas – as construções com cláusulas afirmativas e as com apódoses negativas, culminando com a percepção da existência de dois padrões construcionais distintos (cf. seção 4.3.1.3).

Diante desse panorama traçado e, com base no conceito de linguagem como um sistema probabilístico (op.cit.), pode-se afirmar que, apesar de tanto as construções afirmativas quanto as negativas terem, teoricamente, a mesma chance de ocorrência, as construções com apódoses afirmativas são mais prováveis de ocorrerem do que as negativas, posto que *as possibilidades da estrutura não se realizam com a mesma freqüência* (SARDINHA, 2004, p. 31)

A diferença de freqüência observada entre os dois padrões no *corpus* surge como motivação para a necessidade de se explicar o porquê do maior número de ocorrências positivas, tendo por base que “nada na língua é por acaso” já que as estruturas lingüísticas refletem a natureza encarnada e sócio-cultural de nosso sistema cognitivo.

Assim, após apresentarmos na próxima seção o percurso investigativo realizado, passaremos para a análise, propriamente dita, que fornecerá explicações cognitivamente motivadas para as revelações do *corpus*.

4.2 O PROCESSO INVESTIGATIVO

O presente estudo, conforme já sinalizamos (cf. Introdução), vincula-se ao macro-projeto CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL (MIRANDA, 2007) e teve como motivação a observação intuitiva de determinadas construções concessivas hiperbólicas cuja prótase se constitui como um idioma cristalizado, inflexional como ilustram os exemplos a seguir.

Não vou nem que **chova canivete!**
 a vaca tussa!
 a galinha nasça dente!
 a porca torça o rabo!
 Cristo desça da cruz!

Nos termos de Miranda (2007, p.3),

Uma descrição preliminar da construção acima parece revelar os seguintes traços: a) intensificação da semântica escalar, pelo emprego de uma expressão **contrafactual**; b) ativação de ícones inusitados, mediante processos metonímicos e metafóricos; c) caráter jocoso do ato comunicativo; d) prosódia de exclamação; e) marca de uma construção concessiva do tipo “*Não P nem que Q, sendo Q um evento impossível (contrafactual)*”.

Nossa rota investigativa, perseguindo a agenda programática da Lingüística Cognitiva e os modelos de uso da gramática, fixou-se, assim, do uso CONCRETO para o padrão ABSTRATO, ou ainda da PERIFERIA para o CENTRO (cf. cap. 2 seção 2.). Partimos, dessa maneira, destas construções concessivas hiperbólicas, com prótases inteiramente preenchidas por itens lexicais específicos, para desvelar os padrões abstratos, regulares a que tais construções se vinculam por relações de herança e motivação. As hiperbólicas, por meio da utilização da expressão-chave de busca *nem que* (cf. seção 4.1.), levaram-nos, através da análise do corpus, a “*mares nunca dantes navegados*”, obrigando-nos a penetrar no complexo domínio das **concessivas genéricas** e a postular um nóculo dessa rede como uma construção do PB – a **Construção Concessiva de Polaridade Negativa (CCPN)**, à qual se vincula a **Construção Hiperbólica** em foco (ver seção 4.5.1), que ocupa, então, a mais alta posição na escala de idiomaticidade.

Uma das postulações do modelo construcional da gramática é a existência de construções em diferentes níveis de esquematicidade, isto é, de generalização. Nosso percurso analítico tem em foco, portanto, os diferentes níveis de esquematicidade das construções concessivas e, particularmente, o esquema da Concessiva de Polaridade Negativa. A partir disso, os seguintes níveis podem ser considerados:

- i. **Construções mais genéricas, mais abertas (macro-construções)**, que englobam as estruturas complexas de possibilidades infinitas de

preenchimento; são as construções mais genéricas da rede, tomadas como matrizes e definidoras da regularidade do sistema como as construções transitivas, construções partitivas, **construções concessivas**;

- ii. **Construções semi-abertas (meso-construções)**, que dizem respeito a um tipo particular de construção e suas possibilidades mais específicas, com padrões similares – *P nem que Q; ~P embora Q* – as Construções Concessivas de Polaridade Negativa – (TYPES ou construções-tipo);
- iii. **Construções instanciadas concretamente (micro-construções), empiricamente atestadas (TOKEN)**, como *no estádio de Barreira não cabem dez mil pessoas nem que se passe vaselina no corpo de todas elas e, me torno linda novamente, nem que seja só pra mim.*;
- iv. **Construções fechadas (idiomas frasais cristalizados)**, como as próclises das Construções Concessivas Hiperbólicas, com preenchimento lexical pleno, tal como *Não vou nem que a vaca tussa.*

Assim, no presente estudo, vamos nos deter em diferentes níveis de generalização, postulando **parte** da rede construcional concessiva dentro do seguinte conjunto de padrões:

1. Construção Concessiva Genérica
2. Construção Concessiva de Polaridade Negativa
3. Construção Concessiva (de Polaridade Negativa) Hiperbólica

Partindo da abordagem construcional de Lakoff e Goldberg (cf. cap.2), fortemente vinculada aos parâmetros centrais da Lingüística Cognitiva, podemos postular as construções concessivas como uma rede ou uma **família de construções** em diferentes níveis esquemáticos. Neste sentido, tal rede se organiza **radialmente** (cf. cap. 2 seção 2.2.2) em torno de uma **construção central básica (a construção concessiva genérica)** da qual as demais construções herdam características formais, semânticas e pragmáticas, acrescentando-lhes outras, gerando a Construção Concessiva de Polaridade Negativa, por exemplo.

4.3 AS MULTIDIMENSÕES DA REDE CONSTRUCIONAL CONCESSIVA

No capítulo anterior, dedicado à concessividade, já procedemos a uma descrição das multidimensões da construção concessiva, nos termos da literatura vigente sobre a questão. Na presente seção, sob uma perspectiva privilegiada da Lingüística Cognitiva, passamos a pontuar os aspectos mais relevantes das dimensões conceptual e pragmática do padrão construcional macro (Construção Concessiva Genérica), naturalmente partilhados por um de um de seus nódulos herdeiros, a **Construção Concessiva de Polaridade Negativa**. Os exemplos utilizados serão recortados de nosso *corpus* que, como vimos, tem a construção de polaridade negativa como foco.

Começemos pela dimensão conceptual.

4.3.1 A motivação conceptual da rede construcional concessiva

Um princípio orientador do pensamento sociocognitivista é a gramática ser uma rede de signos, isto é, de símbolos emparelhados de forma e modos de significação semântico-pragmáticos e não uma rede de padrões puramente formais. Ainda: a gramática é motivada **conceptual e pragmaticamente**, sendo que a dimensão conceptual envolve esquemas pré-conceptuais básicos, domínios conceptuais, projeções entre domínios, metáforas e metonímias, enquanto que a dimensão pragmática implica necessidades comunicativas e dinâmicas interacionais.

Assim, nesta seção, começamos por desvelar a motivação cognitiva da rede construcional em foco, considerando seu nível genérico (macro-construção), naturalmente implicado na relação de herança com a CCPN. A complexidade semântica de tal rede deixa entrever um entrelaçamento de bases pré-conceptuais (esquemas imagéticos), que se projetam metaforicamente, determinando os diversos padrões gramaticais definidores desta construção.

Lancemo-nos!

4.3.1.1 O esquema imagético CENTRO-PERIFERIA

Conforme exposto no capítulo teórico, nossas experiências organizam-se/ traduzem-se dentre outros sob a forma de esquemas pré-conceptuais abstratamente estruturados com base em nossas interações sinestésicas e sinérgicas com o mundo que nos envolve.

Postulamos, dessa forma, que o entrelaçamento de esquemas imagéticos como CENTRO-PERIFERIA, ELO, PERTO-LONGE, ESCALA, FORÇA (cf. cap.2) subjazem à composição de construções complexas, tais como as concessivas. É o que passamos a evidenciar, começando pelo papel motivador do **esquema centro-periferia** em relação às construções de sentenças complexas.

Antes, porém, de apresentar nossos argumentos cognitivistas, vale pontuar, de modo breve, alguns aspectos semântico-pragmáticos das abordagens funcionalistas acerca da **relação núcleo-satélite** entre orações complexas, como as concessivas, que convergem na mesma direção que buscaremos sustentar.

Conforme apresentamos no capítulo anterior, estudos funcionalistas, no trato do que vem sendo nomeado como articulação de orações, questionam o rótulo tradicional de **subordinação** aplicado de modo indiscriminado a um amplo bloco de orações complexas, definidas, de modo indistinto, como orações que exercem funções sintáticas atreladas a uma outra oração.

Halliday questiona, como já explicitado anteriormente (cap. 3), a imprecisão da dicotomia entre coordenação e subordinação, argumentando que, sob o mesmo rótulo de “subordinadas”, encontram-se frases complexas com comportamentos sintáticos distintos. As subordinadas substantivas e adjetivas, por serem constituintes diretos da sentença, atuando como argumentos selecionados por um predicado, não demonstram um “relacionamento” entre as orações, mas uma “*constituição*” e, por isso, distanciam-se das adverbiais, que atuam sobre uma predicação já formada, isto é, as cláusulas adverbiais estabelecem uma *relação* com a nuclear. Dessa forma, esses dois blocos distintos, que figuram com o mesmo nome, não podem ser alinhados sob o eixo tático, que estabelece como critério a existência de relação entre enunciados.

Vale lembrar também o posicionamento de Dik (cf. cap. 3) que, assim como Halliday, não considera que, no bloco das subordinadas, encontram-se orações de igual estatuto, já que as nomeadas substantivas, adjetivas e adverbiais desempenham papéis distintos na organização do enunciado. As duas primeiras são chamadas pelo autor de “argumentos” ou “participantes”, por desempenharem um papel certo, ditado pelo predicado. Por sua vez, as adverbiais são nomeadas de “**satélites**” por não integrarem a configuração da predicação, incidindo em um enunciado já formado. Assim, de acordo com tal perspectiva funcionalista, e utilizando o jargão próprio dessa área, as concessivas encontram-se no eixo tático em que *P* equivale à oração **nuclear** (*Não vou a chazinho*) e *Q* é uma expansão hipotática, por realce (*nem que me paguem* - Revista Veja-) (NEVES, 2006, p.232). Dessa forma, essas orações funcionam como **satélites**, que trazem informações adicionais ligadas à escolha do falante, na busca da melhor transmissão possível de suas intenções.

Tal organização reflete, portanto, a dinâmica do jogo discursivo, que não vê as expressões lingüísticas como objetos isolados, mas “ferramentas” utilizadas pelo falante para suscitar no ouvinte uma interpretação desejada. Dessa maneira, a “forma” que o discurso vai tomar, a maneira como os enunciados vão se dispor não é aleatória, mas refletirá uma seqüência para o fluxo de informação, que é escolhida pelo falante, ditada também pelas possibilidades disponibilizadas pelo contexto, para conseguir a atenção do ouvinte. O falante, assim, elege o foco atencional na condução de seu interlocutor, estabelecendo dinamicamente a **relação núcleo-satélite**. *“As orações hipotáticas são compreendidas, afinal, como uma gramaticalização das relações núcleo-satélite que caracterizam as relações retóricas de certos discursos”* (NEVES, 2006, p. 23)

Tais análises, centradas no **eixo funcional e discursivo da gramática**, vêm acumulando evidências empíricas nessa direção. Assim, ainda que essa análises não tenham em perspectiva a dimensão cognitiva da gramática, são um forte endosso à perspectiva sociocognitiva anunciada acima de que as construções complexas, como as concessivas, refletem nossa estrutura conceptual e, nesse caso, particularmente, a irradiação de um esquema básico de as coisas do mundo organizarem-se por **centro e periferia** (cf. cap.2 seção 2.2.1). Pensar as construções de sentenças complexas de tal forma implica a coerência desejada com a perspectiva cognitivista, que concebe os processos de conceptualização e

categorização (de qualquer tipo de conhecimento, **inclusive os gramaticais**) como operações de bases experienciais, que envolvem esquemas imagéticos e irradiações categoriais do centro para a periferia (cf. cap. 2).

Na perspectiva sociocognitiva anunciada, podemos, portanto, somar à motivação discursiva, apresentada pelos funcionalistas, **uma motivação conceptual, cognitiva** para o fluxo organizacional das construções de orações complexas. Dentro da estrutura do esquema imagético de CENTRO- PERIFERIA, no caso da construção concessiva, *P* tem, prototipicamente, a função de CENTRO e *Q* é um elemento com função de PERIFERIA dentro do jogo discursivo. Tal significação gramatical constitui-se como uma projeção figurativa desse esquema conceptual primário. Esta descrição é marcadamente convencionalizada e, portanto, gramaticalizada no português. (seção 4.5.1)

De igual modo, as análises funcionalistas postulam um contínuo lógico-semântico entre as relações de causa-condição-concessão constitutivas de orações adverbiais que expressam tais dimensões (cf. cap. 3)

Repensando tal postulação, em termos de um modelo construcional de gramática (cf. cap. 2), as construções gramaticais passam a ser vistas como uma rede que se organiza **radialmente** em torno de uma **construção central básica**. Nesse enquadre, podemos postular, ainda uma vez, a relação CENTRO-PERIFERIA como uma motivação cognitiva para tal contínuo. Assim, por razões filogenéticas e ontogenéticas, Tomasello (cf., seção 2.1.2), assim como Lakoff (1987 [2002]), atribui à CAUSA – um esquema gestáltico básico da espécie humana – um peso central na constituição da cognição humana. Nesses termos, as construções CAUSAIS ocupariam o CENTRO da rede construcional adverbial. Uma vez fixado esse centro, uma medida *escalar* é estabelecida do centro para a periferia, o que acaba por evocar o esquema PERTO-LONGE, que assinalaria as construções CONDICIONAIS como mais próximas do centro, uma vez que há uma relação causal afirmada entre a escolha feita na prótase condicional e a conclusão expressa na apódose. Já as construções CONCESSIVAS estariam mais afastadas, em virtude da perda da relação de causalidade entre o que vem expresso na nuclear e na prótase concessiva, dada a irrelevância do preenchimento ou não de uma condição ou obediência a uma causa veiculada pela prótase concessiva.

Este “afastamento” (repulsão ou desconsideração) da causa presente na construção concessiva tem ainda uma motivação cognitiva, sobre a qual passamos a discorrer na próxima seção.

4.3.1.2 O Modelo da Dinâmica das Forças

Um dos aspectos apontados na literatura sobre as concessivas é a sua natureza argumentativa e seu caráter dialógico. De fato, a estratégia argumentativa presente nas construções concessivas faz emergir a concepção metafórica que subjaz a essa construção: o enunciador da proposição expressa na principal, ao prever uma contra-argumentação (um *contra-ataque*), enuncia, na proposição da concessiva, algo que, ao mesmo tempo em que *fortalece* o dito na nuclear, desbanca a suposta argumentação contrária. Tal artifício argumentativo pode ser considerado uma *estratégia de defesa* do ponto de vista mostrado na nuclear, que, ao *surpreender* o contra-argumentador, *desarma-o* e, conseqüentemente, *enfraquece-o*.

Subjacente a este cenário, está a **metáfora conceptual ARGUMENTAR É GUERREAR** (cf. seção 2.2.5.1), que tem como uma de suas bases primárias o **esquema imagético da Dinâmica das Forças e a metáfora primária que articula causa e força física – CAUSA É FORÇA FÍSICA** (cf. seção 2.2.5.1) Para Geeraerts e Cuyckens (2007, p. 301), a argumentação pode ser vista em termos das **forças** que se opõem no discurso e do reforço de posições ou pontos de vistas específicos.

Em termos da dinâmica das forças como modelo basilar das concessivas, o que temos, pois, é o seguinte:

A força, como causa, projeta-se figurativamente no domínio da interação, representando o jogo de forças entre entidades discursivas e é essa dinâmica que se convencionalizou gramaticalmente, gerando as construções concessivas. O padrão da dinâmica das forças presente em tais construções pode ser assim descrito:

1. Nas orações concessivas, o **Agonista**, geralmente, presente na cláusula nuclear, é mais forte do que o **Antagonista**, que se faz notar, na maior parte das vezes, na cláusula satélite, mas que não consegue inverter a tendência do Agonista. Portanto, o resultado desse encontro de forças é a manutenção da força intrínseca “agônica”, presente na

nuclear, e seu conseqüente fortalecimento em termos argumentativos, a despeito da força/causa exercida pela outra entidade.

2. A partir deste ponto, definem-se as **tendências intrínsecas para movimento/repouso** em função dos tipos de construções concessivas: **negativas e afirmativas**. A análise do nosso *corpus* revela a tendência intrínseca ao repouso pelo Agonista nas construções Negativas (*~P nem que Q*): em um total de 65 ocorrências, 58 revelam tal tendência. Já as Positivas (*P nem que Q*) apresentam um Agonista em movimento ou com tendência intrínseca para esse (153 ocorrências com essa característica).⁹

Os exemplos abaixo ilustram a dinâmica descrita em 1 e 2.

Em uma **construção negativa** como (1)”(...), *não se move um milímetro para lado nenhum e não baixa o queixo erguido, nem que o elevador despenque no poço*” (*Revista Exame*), há uma tendência do Agonista de permanecer imóvel, mesmo havendo uma força desempenhada por uma Antagonista – o elevador – que seria mais do que suficiente para fazê-lo se mover, modificando, assim, a tendência intrínseca da entidade agônica. Desse modo, a entidade de força da oração nuclear permanece em seu estado, mostrando-se, com isso, mais forte do que o Antagonista. Tal tendência à imobilidade do Agonista também é observada em

i) *Mas nada vai ser como antes, não vou mudar por ninguém. Nem que isso custe uma grande perda;* (Meu mundo de cabeça pra baixo - <http://mundorosadave.blogspot.com/>)

ii) - *e disse meu apelido de família que eu não revelo aqui nem que a vaca fique roxa de tanto tossir;* (Assertiva - <http://assertiva.blogspot.com/>)

iii) *o empresário não vai querer a estrada nem que o Estado implore.* (<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0830/economia/m0041126.html>)

Em termos do modelo da dinâmica das formas, podemos propor o seguinte diagrama (figura 6) para as construções acima:

⁹ Das 230 ocorrências afirmativas, apenas 4 foram desconsideradas, por não estarem em um contexto que possibilitasse a interpretação. Entre as 226 analisadas, 73 apresentaram Agonista em repouso.

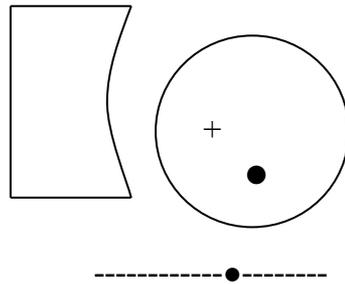


FIGURA 6 – Diagrama de Dinâmica das Forças - Agonista mais forte em repouso

Conforme descrito no capítulo teórico (cf. seção 2.2.1), a presença do ponto no centro do círculo demonstra a tendência intrínseca ao repouso do Agonista; e o sinal de mais, o fato de ele ser o mais forte. No Antagonista, não há representação da força exercida (que seria indicada por uma seta) já que, por definição, haverá sempre a tendência à oposição do Agonista. E o tracejado é o resultado de permanência do Agonista, na mesma posição inerte, indicada pelo ponto.

Já a **construção afirmativa** (2) “*Estou aprendendo Clipper, e vou aprender (nem que seja de cadeira e chicote!*” (Revista Info- INFO Online), ao contrário da esquematizada acima, apresenta um Agonista com tendência ao movimento –“*Estou aprendendo Clipper, e vou aprender ...-* ao passo que a força/causa contrária exercida pelo Antagonista ocorre a fim de impedir o movimento - (*nem que seja de cadeira e chicote!*). Colocar alguém sentado, para aprender alguma coisa à base de chicotada, seria uma razão suficiente para que não se quisesse mais aprender. A entidade de força da principal, entretanto, é mais forte e mantém seu desejo por aprender mesmo sob tortura física . O que mudará, como pode ser visto na figura abaixo, é a representação da tendência ao movimento do Agonista, mostrada pela seta no centro do círculo, assim como o resultado da interação, que é a continuação do movimento, indicada pela seta no tracejado. A força/causa exercida pelo Antagonista está no sentido de bloquear a ação (figura 7).

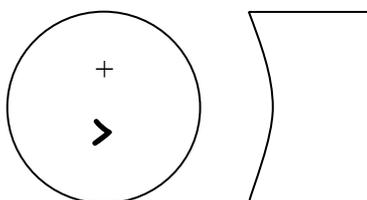




FIGURA 7– Diagrama de Dinâmica das Forças - Agonista mais forte em movimento

A tendência ao movimento do Agonista e sua permanência em movimento, apesar da força exercida pelo Antagonista para tentar fazê-lo parar, pode ser observada também nos seguintes exemplos:

- i) **A febre da plástica teen** "Ela é difundida como recurso para resolver inquietações internas." **Nem que** para isso **seja preciso** sofrer e se mutilar. Segundo Cesarotto, os jovens não se importam com a dor. (Revista Cláudia)
- ii) O Bruno fugia constantemente da escola, **nem que** tivesse de saltar as grades; (corpora NILC)
- iii) Na verdade, você arruma confusão em todo lugar que passa, simplesmente porque você quer fazer as coisas do seu jeito, **nem que** seja na base da porrada. (Blog da pati - <http://patizinha.wordpress.com>)

Deve-se notar que, nas duas primeiras ocorrências, as forças impostas, por um Antagonista sobre o Agonista, estão expressas na oração concessiva e seriam suficientes para levar a entidade de força da nuclear a mudar o curso de sua ação e, com isso, entrar em repouso, o que não ocorre. Assim, o fato de algo ser conseguido à base de sofrimento e mutilação seria uma condição suficiente para que a plástica *teen* não fosse difundida como meio para resolver inquietações internas, mas, mesmo demandando um "sacrifício" físico, a plástica continua sendo difundida, conservando sua tendência ao movimento; e a existência de grades seria suficiente para evitar fugas da escola, o que barraria a tendência de movimento do Agonista de fugir da escola, entretanto não se verifica. O exemplo (iii), entretanto, apresenta uma característica distinta, assim como verificado em outros exemplos do *corpus*, qual seja a situação de a força imposta pelo Antagonista estar implícita. No caso em questão, "na base da porrada" não é uma força contrária que alteraria a ação do Agonista de fazer as coisas à sua maneira, mas, sim, um **meio** de conseguir o que é pretendido. Dessa forma, a força contrária, exercida sobre quem "quer fazer as coisas do seu jeito", não é anunciada, mas pode se considerá-la como sendo a censura social, ou o senso comum de que, em uma sociedade civilizada, as coisas não são conseguidas com base na força física e, sim, por outros meios, como o diálogo.

Deve-se salientar ainda o fato de que, nas construções afirmativas, é possível se observar uma dinâmica de forças mais complexas, como se vê nos seguintes exemplos:

- i) *Recorra à aromaterapia para relaxar, **nem que** seja por 15 minutos;* (Revista Cláudia)
- ii) *Reserve um espaço apenas para meditar, **nem que** seja um pequeno canto;* (Bons Fluidos)
- iii) *Você passa o dia sentada? Pois comece a andar já! **Nem que** seja para ir até o bebedouro.* (Revista Boa Forma)

Nesses casos, através de um **ato de fala diretivo, marcado pelo uso do imperativo**, ouve-se a voz do Antagonista, que tenta levar o Agonista - para quem dirige a ordem/ sugestão – a sair da sua situação de repouso. Não há, entretanto, como saber o resultado da interação das forças, isto é, **o efeito perlocucionário**: se a força exercida pelo Antagonista, levará o Agonista ao movimento ou se esse permanecerá em sua tendência intrínseca para a inércia, uma vez que há uma expressão de futuridade que conduz apenas para uma possibilidade de realização, não indicando, assim, se o Agonista obedecerá. Além disso, a proposição do satélite concessivo não expressa uma força contrária ao enunciado na nuclear. A concessiva revela, na verdade, uma antecipação do Antagonista a uma possível objeção do Agonista a seguir o conselho/ sugestão e, com isso, ele- Antagonista - enuncia uma condição mínima que fortalece o ato ilocutório por atuar como um argumento que pode convencer o Agonista a adotar aquela conduta, levando-o a realizar o sugerido. O esquema de forças de tais ocorrências seria (figura 8):

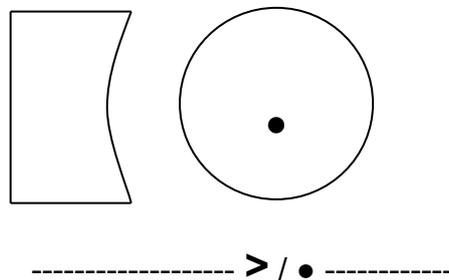


FIGURA 8 – Exemplo de indefinição do resultado na Dinâmica das Forças

No diagrama acima, o ponto preto no círculo representa a tendência ao repouso do Agonista. Não há símbolo de mais (+) em nenhuma das duas figuras, já que não há como se saber qual das entidades – a côncava-antagônica ou a circular-

agônica – terá a sua força “respeitada” e, em razão disso, a linha tracejada, que representa o resultado da interação das forças, mostra tanto a seta (➤), que indica o resultado de movimento, caso o Antagonista fosse mais forte e colocasse o Agonista em movimento, quanto o ponto (●), caso a força do Agonista prevalecesse e ele permanecesse em repouso.

4.3.1.3 O entrelaçamento semântico-pragmática entre polaridade e escalas

Em seu texto *The Pragmatics of Polarity*, Michael Israel (2004), ao tratar da dimensão semântico-pragmática das noções de POLARIDADE e ESCALA, oferece um contributo substancial para a análise aqui empreendida sobre as construções concessivas.

Segundo o autor (2004, p. 701), a polaridade é “a relação entre oposições semânticas, i.e., entre sentidos, ou expressões que os denotam, que são fundamentalmente incompatíveis/contraditórias entre si”. A polaridade, assim, está presente não apenas em relações lógicas de proposições negativas e positivas, mas também recobre as relações conceptuais que definem tanto pares contrários tais como quente-frio, bom-ruim quanto relações entre argumentos favoráveis ou contrários a uma conclusão.

Israel distingue três tipos básicos de oposição polar: i) a contradição (*contradiction*), considerada o tipo mais fundamental de oposição – sim e não; ii) a contrariedade (*contrarierity*), em que há inconsistência de uma relação de oposição binária, ocorrendo entre domínios que permitem mais de dois valores possíveis, como em “quente-frio”, em que há a possibilidade do “morno”, além das gradações possíveis entre eles; e iii) a reversão (*reversal*), envolvendo uma oposição não entre proposições e predicções entre si, mas entre uma série de proposições e predicados ordenados, ou seja, entre ESCALAS.

É nesses termos que o constructo oferecido por Israel auxilia no estabelecimento da diferença entre dois *types* das construções concessivas

(**afirmativas e negativas**), permitindo-nos entender, em primeiro lugar, a **ausência de simetria** entre tais construções-tipo. É o que verificamos nos exemplos abaixo:

Ele vai comparecer à reunião **nem que** seja para marcar presença.¹⁰

Ele não vai comparecer à reunião **nem que** o obriguem.

Nas **orações nucleares** das construções acima, temos uma relação simétrica entre a afirmação e a negação, haja vista que, na primeira, aparece uma cláusula afirmativa não marcada e, na segunda, uma cláusula negativa formalmente marcada pelo “não”, o que leva ao estabelecimento de uma oposição binária pura, i.e., de uma contradição. Já nas prótases concessivas, a assimetria é revelada em razão da impossibilidade de equivalência/ equiparação entre elas. Isso ocorre em virtude de a polaridade, em termos prototípicos, ser estabelecida, em cada uma, dentro de **dimensões escalares distintas e opostas no domínio de causa/condição**. Trata-se, assim, de uma oposição do tipo **reversão**, uma vez que a oposição não se dá entre proposições ou predicados, mas surge pela ordenação dos predicados em uma escala. As cláusulas concessivas, junto a suas nucleares, envolvem *gestalts*, isto é, padrões/esquemas construcionais que guardam características próprias e distintas em cada um dos tipos (construção afirmativa e negativa) e que não encontram mais equivalência entre si.

A inversão das polaridades das nucleares dos exemplos acima e a manutenção da proposição concessiva demonstram, nos exemplos abaixo, a assimetria entre os dois tipos:

Ele vai comparecer à reunião **nem que** o obriguem.

Ele não vai comparecer à reunião **nem que** seja para marcar presença.

Assim, nos padrões construcionais concessivos afirmativos e negativos, o domínio de causa/condição, através do esquema-imagético da ESCALA (seção 2.2.1), projeta-se metaforicamente, estabelecendo duas escalas com ordenações opostas, uma com caráter ascendente (condições máximas) e outra, descendente (condições mínimas).

Conforme explicitado, para Michael Israel (2004, p.712), essas escalas - ascendente e descendente - distribuem-se desigualmente em contextos negativos e positivos. O linguísta chama de *itens de polaridade* esses elementos que ocorrem assimetricamente por serem excluídos sistematicamente de determinadas sentenças. As condições máximas e mínimas, manifestadas nas cláusulas

¹⁰ Esses exemplos não são do *corpus*, foram criados para que melhor ilustrar a explicação.

concessivas, portanto, podem ser consideradas *itens de polaridade* em razão de seu comportamento distribucional. A melhor caracterização desses *itens* é feita pela observação da sua ocorrência em sentenças afirmativas e negativas, sendo considerados *Itens Sensíveis à Polaridade Negativa* (IPNs) aqueles que aparecem em construções negativas e *Itens Sensíveis à Polaridade Positiva* (IPPs), se sua presença é mais freqüente em construções positivas.

Com isso, tendo em vista a observação do comportamento distribucional encontrado no *corpus*, nas concessivas, **as condições máximas são IPNs e as mínimas, IPPs**. Os exemplos abaixo, colhidos do *corpus*, exemplificam, respectivamente, tais padrões comportamentais:

*A gente já sabe que a Globo não tira a novela das oito do ar nem que César Maia ponha fogo na cidade (IPN) (Corpora NILC).
Ambos os economistas elogiram o Plano Real, que segundo Delfim entrará para a história da economia no século XX, nem que seja um "rodapé" (IPP) (Revista Info).*

O quadro (Tabela 1) abaixo indica como se configurou a distribuição desses itens de polaridade em relação aos tipos de construções afirmativas ou negativas da Construção Concessiva de Polaridade Negativa¹¹:

Construção Concessiva de Polaridade Negativa	Polaridade Máxima	Polaridade Mínima	Total de ocorrências	%
Afirmativa	72	158	230	77,97
Negativa	52	13	65	22,03

TABELA 1 – Distribuição dos Itens de Polaridade

Com base nos dados acima, pode-se dizer que, em termos prototípicos, as Construções Concessivas de Polaridade Negativa do tipo afirmativa [P nem que Q] apresentam, como IPP, uma condição tida como mínima (158 das 230 ocorrências). Já as construções negativas [~P nem que Q] têm IPNs em escala ascendente, uma vez que expressam uma condição máxima e, às vezes, hiperbólica (52 ocorrências das 65 registradas no *corpus*). Dito de outro modo, os recursos utilizados pela negação, dentro do domínio da causa/ condição, dispõem-se na escala ascendente e são, portanto, distintos dos das afirmativas que, dentro do mesmo domínio, “privilegiam” itens de polaridade positivos (IPP), localizados na

¹¹ Cinco construções não puderam ser analisadas por não terem uma nuclear.

escala descendente. Tal distinção leva, conforme já afirmamos, à impossibilidade de haver uma relação de contraparte, uma simétrica entre as Construções Concessivas de Polaridade Negativa do tipo afirmativo e negativo¹².

A dimensão escalar, ao definir as relações inferenciais entre as proposições, de modos distintos, influencia a constituição da condição de felicidade do ato de fala expresso pela construção. Essa relação entre a dimensão escalar ascendente, nas condições máximas, e a descendente, nas mínimas, e os atos de fala será abordada na seção (4.3.2.1).

Cabe considerar ainda o tratamento da EXCLUSÃO, um processo que se manifesta na arquitetura semântico-pragmática desses tipos de concessivas positivas e negativas. No caso do padrão construcional afirmativo, temos a *exclusão* da condição maior, desejável (seja ela dada por um contexto em particular ou compartilhada socialmente) e a conseqüente *inclusão* de uma condição mínima “(...) *embora não seja o ideal, uma explicação de Lula já bastaria. Nem que seja por etiqueta, elegância ou respeito.*” (*Revista Veja*). A exclusão, neste caso, resulta de um cálculo de sentido pragmático – o que se espera, para a realização de algo, é sempre a condição melhor e não a menor. Nas negativas, exclui-se a possibilidade de realização de um mínimo, já que se enuncia uma condição máxima, que, mesmo sendo preenchida, não vincula a atuação do agonista a ela. Assim, na negativa, a força ilocucionária é explícita, negando, desconsiderando a condição representada por uma força do pólo crescente (*E daqui não saio, nem que me empurrem* (*corpora* NILC)). Nos termos de Israel, isto é o que se espera das duas polaridades. Segundo o autor, as negativas são subjetivas bem como secundárias e dependentes das afirmações que negam (2004, p. 707). Dessa forma, as negações devem ser mais enfáticas haja vista o fato de terem que contar com a colaboração do leitor para que se desconstitua algo implícita e previamente tido como certo pelos interlocutores. Essa característica das construções negativas também será abordada para demonstrar o pequeno número de sua ocorrência no *corpus* (seção 4.5)

Tal compressão realizada nas afirmativas é melhor visualizada quando se faz uma paráfrase, adicionando advérbios como *só* e *apenas*, que reforçam a dimensão descendente da condição mínima veiculada. De fato, no *corpus*, houve

¹² O padrão de IPP e IPN, aqui apresentado, parece se estender às demais construções concessivas, constituindo-se como um traço da macro-construção, mas, dada a restrição de nosso *corpus*, estamos nos limitando a discutir tal questão no âmbito da Construção Concessiva de Polaridade Negativa, nosso foco.

ocorrências que, para realçar o valor mínimo da condição incluída, explicitam tais advérbios em sua constituição. Das 158 construções positivas com polaridade mínima, 17 apresentam o advérbio *só* e 9, o *apenas*, como ilustram os exemplos:

- i) Ela resolveu virar o jogo e colocar a praia, **nem que** seja **só** para um mergulho, como prioridade. Mas a felicidade fica completa quando surfa. (Revista Boa Forma)
- ii) Essa distância, muito maior que antes, que me deixa aflita, eu preciso de vc, já disse, **nem que** seja **apenas** pra vê-lo por alguns minutos. (Olhos de Queijo - <http://olhosdequeijo.blogspot.com>)
- iii) Havia sempre qualquer coisa para partilhar, **nem que** fosse – **apenas** e **só** – uma palavra de conforto e de alento para a força necessária que cada um tinha que ter para fazer face à vida. (*corpora* NILC)

4.3.1.3.1 Escala e Verticalidade – duas bases conceptuais integradas

O percurso argumentativo sobre a polaridade semântico-pragmática nos traz de volta as motivações conceptuais da gramática e, em especial, das construções concessivas.

Se articularmos os esquemas primários da FORÇA e da ESCALA, e os entrelaçarmos com o da VERTICALIDADE e com as metáforas primárias orientacionais deles derivadas - MAIS É PARA CIMA e MENOS É PARA BAIXO (LAKOFF, p.60-62), poderemos ainda mapear outras bases cognitivas presentes na arquitetura conceitual das construções concessivas.

Conforme explicitamos na seção anterior (4.3.1.3), com base no esquema imagético da ESCALA, concebemos, nas concessivas, o domínio causa /condição em uma dimensão escalar com duas escalas com valores dimensionais opostos, uma ascendente e outra descendente. Do mesmo modo, conceptualizamos a CAUSA COMO FORÇA FÍSICA (seção 2.2.5.1), assumindo causas/condições como forças maiores ou menores. Assim, tal experiência de força, que implica uma dimensão escalar, cruza-se com o sistema orientacional de VERTICALIDADE, construído em nossa interação com o mundo e, segundo o qual, entendemos que o que é *mais* adquire uma orientação ascendente e o que é *menos*, descendente.

Portanto, o resultado é pensarmos/sentirmos que a causa/condição que apresenta mais força, dispõe-se na escala ascendente e as mais fracas(ou menos fortes), na descendente.

Assim, cláusulas concessivas implicariam **valores escalares** de força, dispostos orientacionalmente, para cima ou para baixo, com base na intensidade da força desempenhada por condições/causas, compreendidas como entidades de força. Assim, valores escalares articulam-se, demonstrando maior ou menor FORÇA na interação entre as entidades das orações nuclear e satélite.

4.3.2 A dimensão pragmática da Construção Concessiva de Polaridade Negativa

Na presente seção, abordaremos os aspectos pragmáticos que levam as construções concessivas com *nem que* a adquirirem contornos especiais, peculiares, que permitem postulá-las como uma construção já fixada no repertório lingüístico do falante do Português do Brasil, constituindo-se, pois, como uma forma já convencionalizada. A análise dessa dimensão pragmática entrelaça-se aos aportes cognitivos norteadores deste trabalho, não sendo, pois, puramente articulada com base no enfoque do uso lingüístico contextualizado.

4.3.2.1 As concessivas como atos de fala

A postulação de Austin e Searle (cf. cap. 2) de que falar é agir, conjugada ao modelo da dinâmica das forças, nos permite, de pronto, afirmar que as construções concessivas, por sua natureza dialógica, agregam uma força ilocucionária de grande relevo. De fato, o modelo da dinâmica das forças, projetado metaforicamente no domínio das relações sociais e interacionais, dimensiona a força intrínseca dos Atos de Fala. Em se tratando da **Construção Concessiva de Polaridade Negativa**, este relevo passa a ser um divisor de águas, definindo a tarefa específica desta construção, qual seja, a de enunciar, no domínio da auto-

expressão, da subjetividade, a frustração de uma expectativa de modo enfático e, às vezes, hiperbólico.

De fato, as construções concessivas estudadas exprimem, na cláusula nuclear, um ato de fala, e, na cláusula concessiva, a **condição de felicidade deste ato**. É o que passamos a evidenciar.

Neste enquadre, nossa investigação, tendo como base a tipologia dos atos ilocucionários (cf. cap. 2), buscou, em primeiro lugar, identificar, em nosso *corpus*, a natureza dos atos expressos, nas nucleares, pelas concessivas. Os atos identificados foram, principalmente: atos diretivos, comissivos e assertivos. Não nos foi possível apresentar uma tabela com a frequência de tais ocorrências dado o fato de que, em nosso *corpus* específico, o registro das ocorrências nem sempre oferece as condições mais amplas de contexto que permitam identificar, com mais segurança, o tipo de ato ilocucionário. Dada a impossibilidade de identificar esses atos, quando descontextualizados, limitamo-nos a exemplificar os tipos através de ocorrências que aparecem em contextos mais definidos.

Os **atos diretivos**, como *sugerir*, *aconselhar*, *ordenar*, implicam imposição de força por parte do Antagonista. Em nossos dados, esses atos são expressos pelo uso do imperativo, como em i) “**Comece a andar nem que seja para ir até o bebedouro.**” (Revista Boa Forma); ii) “**Crie um cantinho de brincadeiras, nem que seja na sala ou na área de serviço.**” (Revista Cláudia) e de perífrases verbais, formadas pelo verbo *ir*, no presente do indicativo e um verbo no infinitivo, como i) “O casal **vai precisar tratar da ferida, nem que seja na terapia**” (Revista Cláudia); ii) “**vc vai sim precisar fazer um treinamento, nem que seja não-oficial (já que o oficial da Oracle é caro pracas!)**” (Info Online), bem como sob outras formas verbais i) “Do contrário, você **terá que se soltar mais, nem que seja mandando um e-mail mais emocionante ou soltando uma frase bem-humorada.**” (Revista Elle); ii) “**não vale a pena navegar nessas páginas (que defendem a anorexia) nem que seja por curiosidade.**” (Revista Boa Forma) Nas várias ocorrências encontradas que implicam uma interpretação com força diretiva, 35 realizam-se sob a forma de imperativo, com a expressão de um item de polaridade com valor mínimo (28) ou máximo (7) na concessiva. O tipo afirmativo foi o que concentrou as realizações imperativas: as 28 mínimas e 3 máximas.

Os exemplos demonstram que o enunciador é o Antagonista que desempenha uma força – realizada por um ato diretivo e expressa, entre outros, pelo

imperativo – contra um Agonista com uma força intrínseca para o repouso, quando a nuclear é afirmativa, ou para o movimento, quando negativa. Enquanto ato diretivo, trata-se de **imposição de forças** a fim de levar o Agonista a movimentar-se ou deixar de mover-se. Por outro lado, um modelo de forças mais complexo se arma na medida em que o Antagonista promove também, com a escolha da construção concessiva, uma **remoção de barreiras**, no caso das afirmativas, e de **imposição de barreiras**, nas negativas. Como participa do cenário interacional, o Antagonista percebe que, em virtude do Agonista ter uma força contrária à sugestão feita, seu enunciado pode sofrer alguma objeção e, ao prever isso, enuncia uma condição mínima de satisfação (remoção de barreiras), que reforça sua intenção de levar o ouvinte ao movimento, por menor que seja, ou ao repouso.

No caso das diretivas negativas com expressão de um máximo, visando demonstrar a força de seu ato ilocucionário, o Antagonista, sabedor da tendência ao movimento da entidade agônica, enuncia justamente uma causa que impeliria essa entidade a continuar com sua tendência, mas quebra a expectativa, e mostra o caráter cogente de sua fala, ao ordenar, na principal, que o Agonista faça exatamente o contrário. Com isso, há uma imposição de barreira que intensifica a vontade de trazer o Agonista para o repouso, como se verifica em i) “**Não tome remédio por conta própria. Nem que sua amiga diga que “é bom”**” (Revista Boa Forma); ii) “**Não se afobe, nem que tenha que esperar até os 25 anos para perder a virgindade.**”(corpora NILC)

Os **atos comissivos** observados são, como previsto, marcados pela futuridade, expressa, em grande número, por meio de perífrases com mostradas em (3) e (4).

(3) **Vou tentar** viabilizar essas peças para venda, **nem que seja** sob encomenda. ([Blog do Rigon - http://angelorigon.blogspot.com/](http://angelorigon.blogspot.com/))

(4) **Vou continuar** não recolhendo nem um centavo ao INSS, **nem que seja multado mil vezes.**(Revista Exame)

No exemplo (3) acima, a escolha de uma construção concessiva para expressar um ato comissivo significa a força enfática de um compromisso, de uma promessa. O Agonista, em primeira pessoa, expressa desta forma sua intenção de viabilizar as peças para venda, demonstrando a certeza de seu intento. A força antagônica que poderia representar a não satisfação da condição de felicidade do ato comissivo, qual seja a de que uma promessa só poderá ser realizada se quem a

faz for capaz de desempenhar a ação prometida, é neutralizada mediante o anúncio de condições mínimas. Assim, “*nem que seja sob encomenda*” dimensiona a posição de vulnerabilidade argumentativa do Agonista e, para reafirmar a força de seu intuito, bem como de preservar sua face quanto a possíveis “barreiras” para a efetivação de seus atos, enuncia uma condição de satisfação mínima.

No exemplo (4), o Agonista, como o próprio agente, demonstra ser mais forte por desconsiderar uma condição, anunciada na prótase concessiva, que seria forte o suficiente para fazê-lo mudar de idéia. Com isso, sua afirmativa é enfaticamente reforçada. O Agonista evoca o domínio conceptual (MCI ou *frame*) de leis que regulam a sociedade, o qual implica penalidades, como a imposição de multas. Dada a força implícita deste domínio, espera-se que o cidadão tenha uma conduta tal que evite o desrespeito à lei e a conseqüente penalização. Entretanto, mesmo ante esta força, o enunciador garante as condições de felicidade de seu ato, reafirmando seu posicionamento de não recolher dinheiro ao INSS através da cláusula concessiva.

Deve-se salientar que, especificamente, nos atos comissivos, o tipo afirmativo demonstra uma inversão de sua preferência pelo Item de Polaridade Positivo característico de seu contexto (seção, 4.3.1.3), já que passa a selecionar, como IPPs, condições máximas, ao invés das mínimas. Dessa forma, nesses casos, fica anulada a relação dos Itens de Polaridade com os contextos afirmativos e negativos e, conseqüente, a prototipicidade do *type* afirmativo. Dos 40 comissivos registrados nos contextos positivos, 31 apresentem condições máximas como Itens Sensíveis à Polaridade Positiva.

No caso dos atos **assertivos**, a tendência em se privilegiar o uso do presente do indicativo na apódose (nuclear) sugere que a força da afirmação ou da conclusão podem ser reafirmadas pela certeza que esse modo indica.

(5) *Rigorosíssima na vigilância contra quase todas as formas de contracepção, a Igreja Católica combate o uso inclusive da pílula do dia seguinte. Para as autoridades católicas, abortar é tirar uma vida, **nem que seja** potencial. A base dessa afirmação, devidamente acompanhada de argumentações éticas, morais e religiosas, é a definição do momento em que a vida se inicia.* (Revista Veja)

(6) *Se ficamos todo o tempo trancados na sede da empresa, acabamos esquecendo da alma desse negócio. É importante se reconectar. Durante as festas de fim de ano, quando o fluxo de consumidores aumenta, muita gente do escritório é realocada para as lojas, **nem que seja** para a limpeza.* (Revista Exame)

Os exemplos indicam que a utilização do presente do indicativo na nuclear reafirma a força da declaração do falante, ao demonstrar que a atitude nela expressa (na nuclear), ainda que não seja a do enunciador da proposição dessa cláusula, como no exemplo (5) é mais forte do que a violação de um consenso culturalmente construído e partilhado, implicitamente suscitado, de que abortar é atentar contra uma vida já “concretizada” e não contra uma expectativa de vida. Vê-se, com isso, o embate de forças entre a **declaração** mais forte contida na nuclear e a **expectativa social** – mais fraca.¹³

Em (5), o mínimo transmitido na proposição da cláusula concessiva demonstra o radicalismo do posicionamento da Igreja frente a questão do aborto bem como intensifica a **afirmação** feita pelo enunciador já por demonstrar ser a interrupção da gravidez tão condenada pela Instituição católica que o “real” objeto sobre o qual recai a ação de abortar, a **vida**, é desconsiderado e ou deturpado já que até uma **expectativa** de vida (que não é vida) já seria suficiente para que o ato ocorresse. Nesse passo, o enunciador, ao indicar que o Agonista – a Igreja – faz prevalecer sua força, já que é capaz de ir contra uma “convenção” social, revela que, no embate entre o verdadeiro Antagonista –a sociedade- e o Agonista, este é a entidade mais forte.

Em (6), a condição mínima da satélite reforça a afirmação do diretor financeiro da Starbucks, Orin Smith, de que muitos executivos vão trabalhar nas lojas da empresa em virtude de quebrar uma expectativa de que tais pessoas não exercem atividades de limpeza. Ao ir contra a expectativa social, o Agonista dá ênfase à cláusula principal e demonstra a certeza de sua proposição, haja vista saber ele ser a pessoa capaz de comprometer-se com o conteúdo do que expressa, garantindo a satisfação do ato de felicidade. O enunciador, ao vislumbrar uma possível interpelação a respeito do conteúdo de sua afirmativa, resguarda-se, reforçando seu enunciando ao contrariar a expectativa.

As análises acima evidenciam, de modo reiterado, que, em termos discursivos, as concessivas encerram um dialogismo inerente, de modo que, dentro desse quadro dialógico, configuram-se posições de sujeitos sociais, pontos de vista. As construções *P nem que Q* e *~P nem que Q* instanciam esse embate e, dentro dessa dinâmica, implicam ainda o trabalho com a **FACE** (cf. cap. 2 e 3). Nesse

¹³ Cabe perceber que o uso da concessiva, nesse caso, revela a não concordância do enunciador com o posicionamento da instituição religiosa, constituindo seu enunciado em uma crítica.

ambiente argumentativo, o enunciador, ao demonstrar a postura de conhecer outros pontos de vista no seu contexto social, conduz à **defesa de sua face** bem como a preservação da face do interlocutor - *Paradoxalmente, vale a pena ouvir o CD de Zimmerman. Nem que seja pelas discussões que provoca.* (Revista Veja). Por outro lado, a **ameaça à face** do interlocutor também é exercida quando, em atos diretivos diretos, expressos por concessivas, o locutor (Antagonista) impõe forças contra o interlocutor (Agonista) - *Então faça mímica. Aponte para algum lugar. Nem que seja para uma parte do seu corpo. Mas, por favor, deixe esse portunhol maldito em casa* (Revista Viagem e Turismo)

No exemplo de defesa, o Agonista, ao prever que sua avaliação (*vale a pena*) pode sofrer objeções (“Mas o CD não é bom” ou “Esse CD tem muitas críticas”), antecipa-se e enuncia uma proposição (*nem que seja pelas discussões que provoca*), que demonstra ter ele consciência das opiniões sociais negativas acerca do objeto (CD) sobre o qual recai sua fala. Dessa forma, ao mesmo tempo em que defende seu ponto de vista, preserva sua face, porque “desarma” o interlocutor. Por outro lado, por ter se antecipado e, com isso, não permitido a manifestação de seu opositor, o Agonista acaba por proteger a face do interlocutor, porque o “poupa” de ter seu argumento desbancado, por ser insípido para alterar o ponto de vista do Agonista.

4.3.2.2 A ambigüidade pragmática

Como vimos evidenciando, em um exame mais aprofundado do processo concessivo, é essencial que a análise considere a relação falante-ouvinte, o conhecimento partilhado, a argumentação e a objeção, sendo, pois, a análise pragmática também central para a compreensão desse processo. Dessa forma, o contexto exerce um papel fundamental na determinação da natureza do ato de fala expresso pela concessiva, permitindo “desembaraçar” a sua natureza ambígua.

Sweetser (1990), investigando a ambigüidade de muitas relações semânticas e, dentre elas, a concessividade, confirma a latente indeterminação de significação das mesmas, uma vez que podem, em contextos discursivos distintos, operar nos domínios de **conteúdo, epistêmico e conversacional**. (cf. cap. 3). É o

que passamos a evidenciar através do exemplo (7), usando, para isto, o modelo da dinâmica das forças (cf. cap. 2 seção 2.2.1):

(7) *Criança vai para escola, nem que seja em lombo de burro!* (Jornal O Brasileiro - <http://jornalbrasileirinho.blogspot.com/>)

O exemplo (7) possibilita duas leituras da construção concessiva: i) como um ato assertivo e, portanto, do domínio epistêmico; ii) como um ato diretivo, portanto, do domínio do conteúdo.

Como um ato assertivo (domínio epistêmico), a afirmação proferida pelo emissor tem como CAUSA/FORÇA uma premissa anterior (o que o enunciador sabe sobre o fato de crianças terem que ir para escola) que lhe permite concluir, como no exemplo em foco, que criança vai para escola mesmo que as condições sejam mínimas, adversas e tidas como não ideais.

Em termos da interação das forças, teríamos o seguinte diagrama (figura 9):

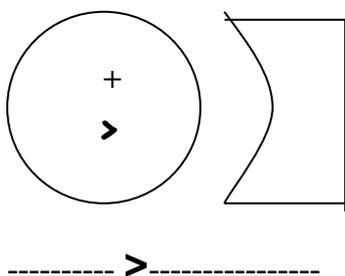


FIGURA 9 – Dinâmica das Forças – Agonista mais forte no ato assertivo

De acordo com a representação acima, nota-se um Agonista (criança) que apresenta a tendência intrínseca ao movimento – ir –, e uma força antagônica, implícita e representada pela figura côncava. A condição mínima, marcada pela cláusula concessiva, converte-se a favor da tendência do Agonista (indo em lombo de burro, a criança vai). Em uma leitura assertiva, a força da premissa que leva o emissor a tal afirmação não interfere na dinâmica de forças internas do evento, isto é, não muda o estado de coisas relatado.

Já no caso do enunciado configurar-se como um ato diretivo (domínio do conteúdo), a força que se impõe ao estado de coisas decorre do mundo real, do enunciador que, como Antagonista, exerce uma força, através de um ato de fala,

compelindo o Agonista ao movimento, visto que sua tendência intrínseca é para o repouso. Trata-se de uma ordem ou sugestão.

A dinâmica de forças se altera, portanto, e pode ser assim traçada (figura 10):

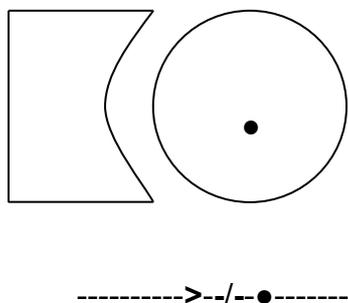


FIGURA 10 – Indefinição do resultado na Dinâmica das Forças no ato diretivo

O Antagonista (enunciador) impõe forças, buscando interferir no estado de coisas, compele o Agonista, com tendência ao repouso – representado pelo ponto no centro do círculo –, para o movimento. Entretanto, não há previsão do efeito perlocucionário, por não se saber se o Agonista vai tender ao movimento, atendendo ou não à ordem/sugestão do enunciador. Essa imprevisibilidade do resultado é indicada pela presença tanto do ponto (•) quanto da seta (>) na linha tracejada.

A análise acima se constitui, portanto, como um argumento a favor de uma premissa cara ao paradigma sociocognitivista aqui subscrito (e também aos diferentes modelos funcionalistas) de que “os sentidos são relativizados a cenas” (FILLMORE, 1997) ou de que “a linguagem não porta o sentido, mas o guia” (FAUCONNIER, 1994)

4.3.3 A dimensão morfossintática

Nesta seção, consideraremos a dimensão morfossintática da CCPN. Ressalva-se, no entanto, que tal dimensão, como uma das faces do signo, não representa padrões formais puros. Assim, a análise da forma, aqui, se articula com sua motivação conceptual e discursiva. Os exemplos serão extraídos de nosso

corpus. Dentro desta dimensão, abordaremos os seguintes aspectos: (1) o padrão de ordenação das cláusulas e (2) o padrão modo-temporal da construção.

4.3.3.1 O padrão de ordenação da CCPN

Na presente seção, passamos a apresentar o padrão de ordenação das concessivas, que se estende à CCPN, e as motivações de natureza conceptual, discursiva e pragmática determinantes da convencionalização deste padrão formal.

Pesquisas atestam a preponderância do padrão “nuclear – satélite”. Neves (1999) e Zamproneo (1998, *apud* NEVES, 2006, p.268), apontam mais de 50% de posposição da cláusula satélite concessiva; Garcia (2004, p.3), 70,6% de posposição. Tal ordenação canônica da construção concessiva foi também observada em nosso corpus de Construção Concessiva de Polaridade Negativa, como ilustram os exemplos abaixo:

*Criança vai para escola, **nem que** seja em lombo de burro!* (Jornal O Brasileirinho - <http://jornalbrasileirinho.blogspot.com/>)

*Os valores não são fixos como na previdência, mas guardo algum dinheiro na poupança todo mês, **nem que** seja 50 reais.”*(Revista Cláudia)

*Eu **não** o apoiaria **nem que** ele fosse o último dos moicanos.* (Corpora NILC)

Em 81,23% das ocorrências registradas, este foi o padrão recorrente de ordenação, como mostra a tabela 2 a seguir:

CONNECTIVO	OCORRÊNCIAS TOTAIS	ANTEPOSTAS	INTERCALADAS	POSPOSTAS
Nem que	300	24	31	238
		8,19	10,58%	81,23%

TABELA 2 – Ordenação sintática das concessivas em relação à nuclear

Começamos pela motivação conceptual.

Essa ordem preferencial das construções concessivas, vista sob a ótica da **dinâmica das forças**, mostra um panorama em que, normalmente, a entidade ou

a afirmação da proposição expressa na nuclear demonstra ser mais forte do que a da concessiva – em razão da sua tendência intrínseca de exercer a força, a despeito de outra força (causa ou condição), que seria suficiente para levar a uma atitude contrária à desempenhada. Dessa forma, o que é expresso em um primeiro plano, evidencia (ou tende a evidenciar) essa condição de mais forte. Assim, o comportamento estrutural das construções, envolvendo concessividade, iniciadas pelo conectivo *nem que*, reflete as relações conceptuais que se estruturam com base no modelo de interação de forças.

Tal organização sintática da Concessiva de Polaridade Negativa revela, também, o entrelaçamento de outras bases conceptuais, que, atuando em conjunto com o esquema pré-conceptual CENTRO-PERIFERIA (seção 4.3.1.1), conduz à configuração do resultado mais freqüente no embate entre as forças, no discurso concessivo (conceptualizado em termos da DINÂMICA DAS FORÇAS e da metáfora complexa, DISCUSSÃO É GUERRA) qual seja: a violação da relação de causalidade conduz a causa/condição, personificada na voz do Antagonista, à situação de entidade mais fraca (a causa, nesses termos, é vista de acordo com a metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA (cf. cap.2 seção 2.2.5.1). Esse fato, entrelaçado ao CENTRO-PERIFERIA, conduz o que seria a causa/condição à posição *periférica*, sendo, por isso, alocada após a entidade que se mostrou mais forte – presente na *nuclear*.

A ordenação das construções concessivas também pode ser analisada sob o prisma do **princípio da iconicidade** de Dik *apud* Neves (2006, p.267), segundo o qual essas construções refletem, em sua configuração, de modo icônico, as relações conceptuais que lhes servem de base. Dessa forma, a ordem dos elementos da linguagem ocorre em paralelo à seqüência dos elementos da experiência corpórea ou à do seu conhecimento. Greenberg *apud* Neves (*idem*), com fulcro nessa iconicidade, assinala que uma condição é conceptualmente anterior à sua conclusão e, dessa maneira, a ordem preferencial de ocorrência das construções condicionais é a anteposição; como evidenciou Neves (*ibidem*) que, em análise de uma amostra do corpus de português falado culto – NURC, encontrou 90% de condicionais antepostas. Já as concessivas ocorrem em posposição, haja vista que, em termos experienciais, primeiro realiza-se algo, para depois surgir uma manifestação contrária à sua realização. O aparecimento de uma reação de desgosto/ desaprovação/ contrariedade é licenciado em virtude de a ação anterior

(anteriormente flagrada) poder ser corporalmente prejudicial para quem a executa (quando, por exemplo, a criança aproxima-se de uma tomada para tocar-lhe e é alvo de represália da mãe) ou mesmo sócio-culturalmente não aceita. Dessa forma, ao se experienciar uma objeção, aprende-se que há atos realizados por meio de ações físicas ou verbais, como também há conseqüências, que não são “bem-vindos”. Esse novo aprendizado é acrescentado ao esquema causa-conseqüência, anteriormente, adquirido. Assim é mais natural para o falante primeiro expressar sua vontade, ou fazer uma declaração, para depois deparar-se com a objeção, conforme se verifica no exemplo: “(...) *vou continuar não recolhendo nem um centavo ao INSS, nem que seja multado mil vezes.*” (Revista Exame)

Sob o ponto de vista discursivo, tal ordenação implica também a distribuição de forças argumentativas no processo dialógico apresentado pela concessividade. Assim, a força argumentativa da proposição principal é exercida a partir de um cenário bélico (DISCUTIR É GUERREAR): ao prever uma força contrária à sua proposição/atitude /crença anunciada, a entidade de força da nuclear realiza outra enunciação, antecipando um possível argumento de seu adversário que iria de encontro ao seu. Assim, em termos de informatividade, a cláusula nuclear carrega o conteúdo mais informativo e com maior força, sendo, portanto, **figura**, e se expande em um satélite circunstancial, **fundo**.

Neves (2006, p.237) (1999, p.566) afirma que essa colocação da cláusula concessiva aponta para a característica de *afterthought*, já que, por não ter previsto futuras contestações, denunciando a falta de estruturação prévia do que diria, o falante pesa as possíveis objeções e retoma o que acaba de dizer, complementando sua fala, resguardando-se, pois de um possível “ataque”.

Essa posposição tem, portanto, um propósito, uma vez que o conteúdo mais informativo é colocado em primeiro plano, guiando a atenção do ouvinte. Dessa forma, os falantes moldam a linguagem de modo que as expressões lingüísticas estabeleçam, da melhor e mais eficiente forma possível, a mediação entre a intenção do falante e a compreensão do ouvinte. Neste passo, a maneira como os satélites concessivos pospõem-se à oração nuclear toma contornos sintático-semânticos e pragmáticos que indicam a melhor configuração lingüística para a transmissão e construção do sentido.

A ordem preferencial, entretanto, pode ser alterada se assim for necessário para os propósitos comunicativos, colocando-se a cláusula concessiva

anteposta ou intercalada. A anteposição demonstra a necessidade de enfatizar a informação contida no satélite concessivo. Nos dois exemplos de anteposição abaixo, o falante estrutura seu enunciado de modo a realçar a informação dada pelo satélite concessivo bem como prepara o interlocutor, através da contraposição, para a proposição seguinte. Nesse caso, a relevância pragmática determina a posição das orações como pode ser observado.

*No homem, a água equivale, em média, a 65% da sua massa. **Nem que** você derretesse todos os seus ossos (20% de seu peso), conseguiria ficar tão aguado quanto as águas-vivas. (Revista Superinteressante)*
*[...]dependendo do esporte, determinadas características físicas são essenciais. Veja o caso do basquete. **Nem que** se esforçasse como louco, um baixinho teria chances de competir hoje em dia. (Revista Superinteressante)*

Afirma Neves (1999, p.567) que a intercalação constitui um mecanismo de topicalização de elementos da oração principal, como enfatizar uma certa informação da nuclear. Observe os exemplos abaixo.

*(11) Há moradores dispostos a enfrentar a droga, **nem que** seja a tiro, como tem acontecido noutros locais. (Corpora NILC)*
*(12) Quando menina, ela dizia que **nem que** lhe cortassem a cabeça entraria num convento. (Revista Veja)*

No caso do exemplo 11, a intercalação da concessiva **nem que seja a tiro** serve para dar relevo a disposição de enfrentar a droga, informação passada anteriormente; em 12, **nem que lhe cortassem a cabeça** põe em evidência a irredutibilidade da menina em não entrar no convento, atuando o conectivo, nesse caso, como um focalizador, haja vista ressaltar a informação que lhe é posterior.

Em termos pragmáticos, vale lembrar ainda uma motivação para o padrão de ordenação das concessivas. Essas construções, como vimos (cf. seção 4.4.1), apresentam um ato ilocucionário na apódase e sua condição de felicidade na prótase concessiva.

Tais argumentos, tomados de perspectivas distintas, se completam de modo harmônico, oferecendo-se como evidência a favor dos modelos construcionais de gramática, que afirmam a sua motivação cognitiva e pragmática (cf. cap. 2).

4.3.3.2 Padrão modo-temporal

A maneira como a relação modo temporal se configura nas duas cláusulas - nuclear e satélite -, que compõem a construção concessiva, introduzidas pelo conectivo *nem que*, é apresentada na tabela (3) abaixo, de acordo com a análise do corpus.

Oração Principal	Oração Concessiva	Número	Porcentagem
PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	127	43,80 %
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	4	1,38 %
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	1	0,34 %
	TOTAL	132	45,52%
FUTURO DO PRESENTE	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	47	16,21 %
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	0	
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	1	0,34 %
	TOTAL	48	16,55 %
FUTURO DO PRETÉRITO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	5	1,72 %
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	19	6,55 %
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	0	
	TOTAL	24	8,27 %
PRETÉRITO IMPERFEITO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	1	0,34 %
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	19	6,55 %
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	0	
	TOTAL	20	6,89 %

PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	12	4,14%
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	2	0,69 %
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	0	
	TOTAL	14	4,83 %
INFINITIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	9	3,10 %
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	0	
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	0	
	TOTAL	9	3,10 %
GERÚNDIO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	3	1,03 %
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	1	0,34 %
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	0	
	TOTAL	4	1,37 %
IMPERATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	35	12,07%
	PRET. IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO	0	
	FUTURO DO SUBJUNTIVO	0	
	TOTAL	35	12,07%
TOTAL		286	100 %

TABELA 3 – Padrão modo temporal nuclear - concessiva

Das 300 ocorrências colhidas, em 14, não foi possível analisar a relação tempo e modo verbal entre principal e “subordinada” em razão de não haver a cláusula nuclear ou de a concessiva ser um SN.

Dessa forma, com base no quadro, vislumbra-se que o esquema modo-temporal mais comum e também o preponderante na CCPN é o que conjuga o Presente do Indicativo na nuclear com o Presente do Subjuntivo na satélite, observado em 127 ou 43,80 % dos 286 casos analisados, seguido pelo Futuro do

presente do Indicativo na principal e, na satélite, Presente do Subjuntivo, com 47 casos ou 16,21%.

Esse resultado vai ao encontro das freqüências obtidas por Neves (1999), em seu estudo sobre as concessivas, apesar de não haver a presença do conectivo **nem que** em seus dados. A exceção acontece com o esquema de presente do indicativo com presente do indicativo, observado por essa autora como a segunda maior ocorrência nas construções concessivas em geral. Em nosso corpus, tal resultado não se repete, por não haver nenhum caso do modo Indicativo na cláusula concessiva.

Deve-se atentar para o número de dados que apresentaram o modo Imperativo na nuclear, sendo o segundo mais freqüente, bem como para o fato de que, em todos eles, o Presente do Subjuntivo constitui a cláusula concessiva. Nos resultados encontrados por Neves, o imperativo não ocorreu. O que pode suscitar o fato de o modelo da Dinâmica das Forças se manifestar mais enfaticamente nas CCPNs, sendo a força do enunciador já demonstrada pelo uso do verbo no modo imperativo.

Martelotta (1998, p.54) salienta a hipótese de que, em cláusulas contrastivas, espera-se haver contraste entre os modos dos verbos que compõem as duas cláusulas. Fato esse verificável em nosso *corpus*, que tem todas as proposições da nuclear construídas em modos distintos (Indicativo, Imperativo e Formas Nominais do verbo – gerúndio e infinitivo) dos da satélite, que apresentou apenas o modo Subjuntivo.

Os resultados obtidos corroboram com o panorama analítico traçado. O modo Indicativo é tido como marcador de certeza e, ao ser utilizado majoritariamente na nuclear, demonstra ser essa cláusula a veiculadora da certeza do que se diz e, com isso, constitutiva do posicionamento mais forte. O Subjuntivo, ao indicar incerteza e hipótese e ser, por excelência, o modo da cláusula concessiva, já aponta a impossibilidade de o conteúdo da concessiva veicular algo que pudesse fazer o enunciador da principal mudar a sua atitude.

4.4 A NÃO-SINONÍMIA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DA CONSTRUÇÃO CONCESSIVA DE POLARIDADE NEGATIVA E SEU PROCESSO DE CONVENCIONALIZAÇÃO

Uma dos princípios postulados por Goldberg (1995, apud JESUS, 2006, p. 40), acerca da definição do estatuto de uma construção gramatical, é o Princípio da não-sinonímia, que apresentamos neste espaço, de modo a tornar a argumentação mais clara.

Princípio da Não-Sinonímia: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas.

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não devem ser pragmaticamente sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não devem ser semanticamente sinônimas.

Nessa direção, apresentamos nossa argumentação analítica na presente seção, de modo a comprovar a **não-sinonímia semântica e pragmática** do nóculo da rede concessiva formado pela Construção Concessiva de Polaridade Negativa em relação às demais construções desta rede. Outro aspecto a ser considerado é o **grau de idiomatização, de convencionalização** desta construção.

Nossa hipótese analítica, conforme anunciado, é que a CCPN têm, dentro da família de concessivas, o estatuto de uma construção do PB, dado o seu valor simbólico específico de expressar, no domínio da auto-expressão, da subjetividade, a frustração de uma expectativa de modo enfático e, às vezes, hiperbólico.

Assim, a partir das discussões aqui desenvolvidas sobre a multidimensões desta construção, passamos a pontuar alguns de seus **aspectos distintivos** em relação às demais concessivas. Começemos, pois, pela distinção discursiva.

4.4.1 O ambiente discursivo da CCPN

Conforme já dito na seção 4.1, os *corpora* a que recorreremos – como a Folha de São Paulo Gold e os acórdãos do Tribunal de Justiça de Minas Gerais – não apresentaram um número significativo de ocorrências do **nem que** concessivo

(apenas uma ocorrência no TJMG). A ausência ou a baixíssima ocorrência do **nem que** em *corpora* mais formais já sinaliza, de pronto, uma possível distribuição discursiva para a CCPN. Por outro lado, a sua presença em nosso *corpus* específico, de natureza mais informal, ainda que escrito, confirma tal hipótese: as CPNN são mais peculiares às interlocuções informais, seja na modalidade escrita ou oral. Os veículos de comunicação utilizados na composição do *corpus* tais como revistas em ambiente *online* e *blogs*, apesar de serem meios de elaborações textuais escritas, propiciam o surgimento de situações próximas da utilização oral da língua, como fóruns, depoimentos, *chats* e o próprio *blog*, pela sua natureza¹⁴, além de apresentarem recursos de reprodução da fala – transcrições de discursos diretos, o uso de discurso indireto. Essas delimitações do *corpus* atestam a função desta construção qual seja a de manifestação de atitude e crença pessoal, i.e, de auto-expressão. Assim, as 300 ocorrências registradas também revelam uma maior proximidade entre falante e ouvinte já que emergem de gêneros marcados pelo caráter dialógico, argumentativo.

Os exemplos abaixo retirados do nosso *corpus* demonstram isso:

(13) [**Claudia - Carta-desabafo-padrão**](#)

*sério. Nunca mais quero ouvir a sua voz, mesmo que seja se derramando em desculpas. Nunca mais quero ver a sua cara, **nem que** seja se debulhando em lágrimas arrependidas. Quero que você suma do meu contato, igual a um vírus ao qual já estou imune*

(14) [**Exame - Grupo que comprou Varig avalia plano de contingência**](#)

*operações devido aos movimentos judiciais das empresas de leasing norte-americanas. "Não vamos deixar a Varig parar, **nem que** tenhamos de implementar um plano de contingência, com um número menor de aeronaves, para passar esse momento de transição*

(15) [**Exame - O caçador virou caça**](#)

*Está escrito em meu currículo." Mais uma vez entra em cena a etiqueta. Ela recomenda que se responda a currículos, **nem que** seja de uma forma gelidamente protocolar. "Antigamente, cada currículo enviado gerava uma carta acusando seu recebimento", diz Minarelli*

(16) [**Boa Forma - tá trstinha ou tá deprê?**](#)

*Vamos combinar: existe uma grande diferença entre estar trstinha e ficar deprimida. "Tanto a depressão quanto a tristeza trazem a falta de vontade e o desânimo, mas a depressão dura dias, semanas, meses e tende a ficar pior, até a pessoa não conseguir nem levantar da cama. A tristeza aparece forte, depois dá trégua: vai melhorando, **nem que** seja devagar", explica Carlos Alberto Rodolpho de Oliveira, psicólogo, psicoterapeuta e professor de psicologia do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo.*

¹⁴ Um **blog** é um *site* de fácil utilização, onde se pode postar rapidamente o que se pensa, interagir com as pessoas de modo gratuito. www.blogger.com

http://boaforma.abril.com.br/edicoes/216/fechado/viva_melhor/conteudo_201.shtml

(17) [Exame - Azeitando a Rede](#)

Veja dicas de como ter uma networking

sua networking. Almoços e happy hours sempre funcionam 3 Não deixe os telefonemas sem resposta. Ligue de volta, **nem que** seja uma semana depois 4 Mantenha sua rede atualizada sobre você. Avise em caso de mudança de emprego, telefone ou

(18) [Info - INFO Online - Fórum - EDITOR DE WAVE OU MP3](#)

HTML Vista Modems Preciso de um software que edite wave ou Mp3. Preciso de um que me permita separar algumas trilhas, **nem que** seja só uma. Separar trilha de baixo ou de bateria. Se alguém soube de algum, por favor me diga pelo o menos o nome

(19) [Blog da Pati Uma tentativa de expressão própria](#)

25 set. 2007 por Patrícia

Na verdade, você arruma confusão em todo lugar que passa, simplesmente porque você quer fazer as coisas do seu jeito, **nem que** seja na base da porrada. O que você quer mesmo é poder. Você quer chegar ao poder **nem que** tenha que f ...

(20) [Bons Fluidos - Bons Fluidos](#)

Suindara fala para Domenico de Almeida Coiro: Boa tarde! Gostaria saber como melhorar meu emocional para melhorar minha tensão e ansiedade...

Domenico de Almeida Coiro: Suindara, a ansiedade geralmente advém de um excesso de estímulos. Ou seja, quando estamos sobrecarregados de informações de trabalho, de encontros, etc. Portanto seria muito bom ter um espaço freqüente para você descansar não só o corpo, mas também a mente. Ficar sem pensar, sem muitos estímulos sensoriais, **nem que** seja vinte minutos por dia. <http://bonsfluidos.abril.com.br/aberto/chat/0701/b.shtml>

Alguns exemplos como em (13) – *Carta-desabafo padrão* e (19) – *Uma tentativa de expressão própria* – o próprio título já sinaliza que o conteúdo do texto demonstrará a opinião de quem o escreve. (19) ainda mostra explicitamente a natureza do *blog* de ser uma publicação virtual que permite a exposição da idéias sem que seja preciso um rigor formal, tendo em vista o seu objetivo comunicativo de atrair leitores para si. Com isso, a utilização da linguagem mais informal tende a permitir a aproximação do interlocutor e a facilitação do estabelecimento de uma relação ainda que virtual.

Nos exemplos (14), (15) e (16), o uso das aspas demonstra a transcrição da fala. Em (15), é possível também ver o uso do discurso indireto – *ela recomenda que*. Já o exemplo (16) é rico em elementos da coloquialidade que indicam a utilização mais descontraída da linguagem, apontando a intenção de facilitar a interação. A começar pelo título que usa a forma contraída do verbo estar – *tá* – própria da oralidade, bem como o uso de adjetivos no diminutivo – *tristinha* e *deprê* – como marcas claras de afetividade e, portanto, de manifestação subjetiva. A

perífrase verbal *vamos combinar* conclama a leitora a se juntar ao emissor e dialogar com ele. Ainda presente o uso das aspas.

O subtítulo do exemplo (17) - *Veja dicas de como ter uma networking* - demonstra ser um texto instrucional com dicas a serem seguidas pelo leitor para que ele tenha uma *networking*, e como tal utiliza um dos recursos característicos desse gênero, qual seja, o uso do imperativo, para levar o leitor a realizar algo. O termo “dicas” ameniza a força do intento por quem as enuncia.

O exemplo da revista Info (18), ao utilizar o termo *Fórum*, como indicado no título e no *link*, revela que possibilidade de utilização de linguagem informal, já que vai caracterizar a possibilidade de os participantes conversarem, bem como exporem suas opiniões, revelando um ambiente dialógico propício para as construções concessivas e, especialmente, para o uso do **nem que**.

O último exemplo mostra a dinâmica de um *chat*, que busca reproduzir, no ambiente escrito, a dinâmica conseguida em situações de interação oral coloquial.

Os dados acima confirmam, de modo claro, o ambiente informal, bem como dialógico, preferido pelas Construções Concessivas de Polaridade Negativa. Tais traços explicam também a sua quase ausência em contextos formais, ambientes pouco propícios a manifestações de subjetividade e intersubjetividade. Aliás, os gêneros mais formais definem-se, por certo, por um distanciamento discursivo dos enunciadores.

4.4.2 O grau de idiomatização da CCPN

Embora se possa, em princípio, falar de um *frame* semântico básico de concessividade partilhado por toda a rede de construções concessivas, qual seja uma cena marcada pela frustração de uma expectativa, a CCNP impõe neste *frame* seu traço peculiar, o que vem atestar seu grau de convencionalização. Assim, em ambientes concessivos, a permuta do **nem que** por outros conectores vai sinalizar não só a perda da força expressiva do ato ilocucionário, como também mudanças semânticas mais ou menos significativas. É o caso da permuta com o conectivo prototípico das concessivas - *embora* -, como veremos nos exemplos abaixo:

(-) *Eu não o apoiaria **nem que** ele fosse o último dos moicanos.* (ele não é o último)
(Corpora NILC)

*Eu não o apoiaria **embora** ele fosse o último dos moicanos. (ele é o último)

(20) *Não se afobe, **nem que** tenha que esperar até os 25 anos para perder a virgindade.* (Corpora NILC)

*Não se afobe, **embora** tenha que esperar até os 25 anos para perder a virgindade.

(21) *Nós vamos combater, **nem que** seja a soco, a pontapé, a paulada, porque eu vou dizer uma coisa, quando um povo se une por um ideal, ele se torna invencível.*
(Corpora NILC)

*Nós vamos combater, **embora** seja a soco, a pontapé, a paulada, porque eu vou dizer uma coisa, quando um povo se une por um ideal, ele se torna invencível

(-) ... *se a loja quiser mesmo atrair público e não ouvir reclamações, deve sintonizar a TV em canais que transmitam futebol, **nem que** sejam jogos de várzea.*
(Corpora NILC)

* ...se a loja quiser mesmo atrair público e não ouvir reclamações, deve sintonizar a TV em canais que transmitam futebol, **embora** sejam jogos de várzea.

A substituição pelo **embora**, como demonstrado acima, além de diminuir a força ilocucionária do enunciado, provoca uma mudança semântica de relevo: a construção, ao invés de veicular uma **hipótese ou uma contrafactualidade**, passa a expressar uma **certeza**.

No primeiro exemplo, o uso do *nem que* introduz uma expressão contrafactual (ele **não** é o último dos moicanos) como uma marca superlativa da negação; enquanto o uso do *embora* implica a afirmação/certeza de ser o homem o último dos moicanos. No exemplo 20, o enunciador usa um IPN (*esperar até os 25 anos*), que enfatiza o ato diretivo expresso na nuclear além de demonstrar que a idade dita é uma sugestão, uma hipótese; já com o *embora*, a espera até os 25 anos é um fato, e assim a ouvinte não deve MESMO se afobar, já que terá que esperar

Tal fato é uma evidência do vigor enfático das concessivas com *nem que* e da convencionalização que tal construção já alcançou dentro da rede de concessivas.

Outra evidência desse processo de idiomatização está nos exemplos abaixo, em que a concessiva ocorre isoladamente, de forma autônoma, sem explicitação da oração nuclear. Em tais casos, além de a substituição por outros conectivos não ser aceitável, a cláusula concessiva adquire **função referencial**, como títulos de *blogs*, de *posts*, de músicas e até de filme.

- Títulos de *blogs*

... **NEM QUE MORRA.**

A vista aqui de cima é linda! (<http://www.nemquemorra.blogspot.com/>)

- Títulos de *posts*

Nem que eu tenha que fritar um elefante pra provar que estou certo
(<http://blog.hiro.art.br/2008/02/07/nem-que-eu-tenha-que-fritar-um-elefante-pra-provar-que-estou-certo/>)

Nem que fosse pela última vez ([Vendo Sonhos](http://vendo-sonhos.blogspot.com/) - <http://vendo-sonhos.blogspot.com/>)

- Título de filme

Nem Que A Vaca Tussa (1991)
(http://www.netmovies.com.br/titulo/Nem_Que_A_Vaca_Tussa)

- Títulos de música

Nem Que Seja A Nado
(*Rosalia de Souza*) ([http://beemp3.com/download.php?file=329774&song=Nem+Que+Seja+A+Nado+\(feat+Toco\)](http://beemp3.com/download.php?file=329774&song=Nem+Que+Seja+A+Nado+(feat+Toco)))

NEM QUE PARE O CORAÇÃO
(*Jorge de Altinho*) (http://www.allbrazilianmusic.com/en/artists/Artists.asp?Status=DISCO&Nu_Artista=310&Nu_Disco=6962)

Uma situação contrária à demonstrada acima é a omissão da prótase concessiva, havendo apenas a enunciação do *nem que*:

Eu não vou a *show* nenhum **nem que** ..¹⁵ (!)

Eu vou fazer uma festança **nem que** ... (!)

Esses exemplos demonstram que, por serem instanciações marcadamente dialógicas e características da oralidade, tais construções autorizam o interlocutor, no contexto comunicativo partilhado, a inferir o conteúdo de Q, apenas com a enunciação de P e da locução conjuntiva *nem que*.

Cabe ressaltar, por fim, que o caráter enfático da CCPN é replicado pelo aspecto prosódico ascendente presente em sua enunciação. Com isso, pode-se afirmar que tais construções, quando realizadas oralmente, tendem a apresentar uma mudança na curva entonacional, um alongamento do *nem* e uma maior intensidade de voz. Deve-se salientar, contudo, que esses critérios prosódicos de análise não serão tratados neste trabalho, mas foram pontuados em virtude de constituírem parte do conhecimento partilhado entre falante e a comunidade de fala.

4.5 A FREQUÊNCIA DAS CONSTRUÇÕES CONCESSIVAS DE POLARIDADE NEGATIVA DO TIPO [~ P NEM QUE Q]

Na presente seção, cabe-nos considerar um aspecto da frequência dos dois tipos de CCPN. Os dados, em nosso corpus, mostraram uma frequência muito maior do pólo afirmativo (230) do que do negativo (65).

O fato de tal resultado contrariar nossa expectativa investigativa inicial, de que tais construções seriam bem mais frequentes na língua, fez surgir a necessidade de se buscar uma explicação para tal fato, haja vista que, normalmente, quando se pensa em construções com **nem que** concessivo, o tipo negativo é o primeiro a ser lembrado e exemplificado.

A compreensão para tais dados de frequência nos veio através de um olhar mais detido sobre a polaridade semântico-pragmática. Afirma Israel (2004) que, quando se pensa na assimetria básica entre negação e afirmação, é patente o fato de a negação dominar a maior parte das discussões de polaridade, chegando-se ao ponto de a polaridade ser frequentemente identificada apenas pela negação.

¹⁵ Tais realização não foram encontradas no *corpus*, mas são amparadas pelo conhecimento de falante nativo que as licencia.

Por ser a afirmação o meio natural de se expressar uma idéia, já que é por ela que as coisas são constituídas, a negação é tida com um caso especial, sendo, por isso, quase sempre uma categoria **marcada** por meio de recursos lingüísticos que expressam a negação, tais como advérbios e prefixos.

Nossa intuição de que a negação seria abundante encontra, assim, sua resposta – **a saliência do pólo negativo**.

Acresce-se a este peso de “exceção” do pólo negativo, a concepção de que os sentimentos por ela invocados são ruins (ISRAEL, 2004, p.707). Dessa forma, normalmente não se nega, ao menos que se pense que alguém pode acreditar no que é negado, uma vez que o sucesso de uma asserção negativa depende da possibilidade de alguém já ter assumido como certo o que está sendo negado.

Michael Israel sugere ainda serem as negativas inerentemente mais complexas do que as afirmações e depender sua compreensão, de certa forma, de um julgamento negativo a uma proposição positiva, o que revela uma parcela de subjetividade implicada na enunciação da negação. (*idem*)

Destarte, o sucesso de uma negação depende, além do pacto cooperativo necessário em toda interação, do partilhamento de conhecimentos prévios entre os interlocutores, de modo que ambos tenham como certa a existência da informação que está sendo negada. Assim, toda negação traz implícita em si a existência já atestada da afirmação que contesta, o que provavelmente torna mais complexo o seu processamento.

Os ensinamentos de Michael Israel (2004) permitiram a postulação de que a possibilidade inicialmente pensada de o tipo $\sim P$ *nem que* Q ser mais recorrente ocorreu em virtude de a natureza do pensamento concessivo implicar a *negação* de uma expectativa. Com isso, tomando-se como certo serem as estruturas que indicam negação, em nossa língua, normalmente, marcadas por elementos lingüísticos, era de se supor que seria possível visualizar uma marca que indicasse a não-realização do evento esperado. Esse evento surge após o preenchimento da condição/causa enunciada na proposição da cláusula satélite; e, como quem rejeita o esperado, frustrando, assim, a expectativa, é a proposição da cláusula nuclear, essa deveria exibir a marca prototípica da negação, qual seja, o *não*.

Dessa maneira, o entrelaçamento da conotação negativa, despertada pela cena concessiva, e o conhecimento lingüístico inconsciente de que as

negações apresentam marcas na nossa língua gerou a inferência de que a estrutura lingüística que espelharia essa relação seria formalmente marcada pelo advérbio prototípico de negação.

Tal compreensão acerca da polaridade negativa nos permitiu entender, por um lado, a direção de nossa intuição investigativa inicial (o apelo de uma construção marcada e mais saliente) e, por outro, a razão da baixa freqüência da mesma: construções negativas, inerentemente mais complexas, não existiriam independentemente das afirmações, estando intrinsecamente a ela vinculadas. Daí, serem menos freqüentes que as afirmativas.

4.5.1 As Construções Concessivas de Polaridade Negativa Hiperbólicas

Esta seção nos remete ao início de nosso percurso analítico. Conforme anunciamos anteriormente, foram as construções hiperbólicas, citadas por Miranda (2007) dentro de um rol de construções ditas superlativas, que nos guiaram até o complexo domínio das construções concessivas. Partimos, assim, destas construções concessivas hiperbólicas idiomatizadas, com apódose negativa e prótases inflexionais, inteiramente preenchidas por itens lexicais específicos (*Não vou nem que... Cristo desça da cruz/ a porca torça o rabo,/chova canivete...*).

O que os dados de nosso *corpus* nos mostraram, em primeiro lugar, foi a baixa ocorrência destas construções cristalizadas. Apenas as 9 seguintes ocorrências dos tipos “nem que a vaca tussa” e “nem que chova canivete”:

Nem Que A Vaca Tussa (1991)

(http://www.netmovies.com.br/titulo/Nem_Que_A_Vaca_Tussa)

Info - INFO Online - Fórum - COMO IMPRIMIR COM IMPRESSORA USB VIA DOS NO WIN98SE ?

*só que a maioria dos meus programas são em clipper , ou seja , no dos e a danada não imprime **nem que a vaca tussa**.(Revista Info-Info Online)*

Info - INFO Online - Fórum - EMULADOR PARA PLAYSTATION 2

*só que a maioria dos meus programas são em clipper , ou seja , no dos e a danada não imprime **nem que a vaca tussa** .(Revista Info-Info Online)*

Não largo nem que a vaca tussa

Que "Maldição do 71" o que, companheiro.
 Demoro para achar, e quando acho, vem uma maldição logo de cara.
 Eu hein...é ruim de tomar de mim, visse?
 POSTED BY JULIO NUNES AT 18:44
 (Siberian Kiss - <http://03111979.blogspot.com/>)

Nem que a vaca tussa

3 ago. 2007 por Angelo Rigon
 Ele disse: "De minha parte, uma dobradinha dessa não se viabilizaria nunca, nem nessa e nem em outra encarnação. A especulação é livre, e eu também sou livre, para dizer em alto e bom som: **nem que a vaca tussa!**".([Blog do Rigon - http://angelorigon.blogspot.com/](http://angelorigon.blogspot.com/))

Falar mal do Fernando **nem que a vaca tussa**. (Corpora NILC)

Nem que chova canivete

(Ataulfo Alves)

Nem que chova canivete, Odete
 (...) eu deixo a Dagmar sambar

Ou, então, como seu contrário, o fleumático Ademir da Guia, cuja pressão **não** subia, nem descia, **nem que chovesse canivete** (Corpora NILC)

A mulher deve negar, **nem que chova canivete!** (Corpora NILC)

Em algumas ocorrências, como já apresentamos na seção (seção 4.4.2), a Construção Concessiva Hiperbólica ganha contornos referenciais: "**Nem Que A Vaca Tussa**" (filme de 1991); "**Não largo nem que a vaca tussa**" (título do post de blog), *Nem que chova canivete* (título de música)

Esperamos, com a análise desta construção, explicar esses dados de frequência.

Dado que a CCPN do tipo negativo dimensiona-se com Itens de Polaridade Negativa em escala ascendente, vislumbra-se que, dentro dessa escala, existirão itens de polaridade que expressem o topo escalar. É o caso, portanto, das construções hiperbólicas, cujos IPNs apresentam o seguinte conjunto de traços:

- i. Expressam dimensão escalar ascendente com valor superlativo;
- ii. São itens lexicais inusitados, expressões contrafactuais, muitas vezes, com características jocosas (*nem que a galinha nasça dente,.... nem que a porca torça o rabo,.... nem que a vaca voe..., nem que o sol nasça quadrado..*);
- iii. Evidenciam um processo metonímico de PARTE PELO TODO.

Em relação ao item ii, cabe observar que as expressões contrafactuais, metonimicamente selecionadas, evocam *frames* conceptuais concretos, *scripts* de

cenas rotineiras partilhadas pela cultura de forma mais ou menos ampla. São *frames* de vida rural (vaca tussa, porca torça o rabo...) da natureza (chova canivete, sol nasça quadrado...) ou de religião (Cristo desça da Cruz), dentre outros. Por serem essas experiências compartilhadas, a contrafactualidade indicada pelo IPN é facilmente percebida e entendida, no *frame* de concessividade, como uma desconsideração máxima das condições, como frustração de uma expectativa.

O caráter figurativo destas escolhas (item iii) é um ponto relevante na descrição destas construções. Na perspectiva do paradigma sociocognitivista aqui subscrito, uma das marcas mais fundamentais do pensamento abstrato é o seu caráter metafórico e metonímico (cf. cap. 2). Assim, para compreendermos dimensões mais abstratas e complexas de nosso pensamento, lançamos mão de domínios conceptuais mais concretos, mais próximos de nossa experiência, seja ela sensório-motora ou sócio-cultural. Esses domínios atuam, assim, como fontes para a compreensão de um domínio-alvo.

É, pois, nessa direção que os itens de polaridade das concessivas hiperbólicas se revelam. Trata-se de projeções metonímicas. Conforme apresentamos no capítulo 2, metáforas e metonímias são processos cognitivos, que se caracterizam por serem projeções de um domínio-fonte em um domínio-alvo. Esse mecanismo projetivo, nas metonímias, realiza-se dentro de um mesmo domínio, sendo ativado o (sub)domínio mais saliente (PONTO DE REFERÊNCIA) para que se refira ao menos saliente (ZONA ATIVA) (SILVA, 2003).

No caso em questão, estamos operando com o domínio das experiências concretas impossíveis como PONTO DE REFERÊNCIA e com o domínio abstrato de forças/causas/condições contrafactuais como ZONA ATIVA. Uma lógica promovida pela projeção metonímica vai conduzir o processo de **escolha do item de polaridade** a partir de uma relação PARTE PELO TODO. Assim, cada item (*vaca tussa, porca torça o rabo, sol nasça quadrado, chova canivete...*) do domínio é um ícone, que expressa uma parte da cena conceptual evocada (a experiência concreta **impossível**, invocada da vivência cultural de uma comunidade de fala), servindo, de fato, à designação do todo (o domínio conceptual de força/causa/condição **contrafactual**). Apesar de pertencerem a domínios taxionômicos distintos - eventos e conceitos, experiências concretas e causa/condição - cabem no mesmo domínio funcional por estarem pragmaticamente ligadas entre si em virtude da contrafactualidade que partilham. Este é, pois, o foco principal de sentido que

ilumina a relação metonímica, e é, portanto, esta **relação pragmática** que torna possível o processo metonímico em questão (BARCELONA, apud Silva, 2003, p. 30).

Tal preferência por elementos básicos extraídos da experiência de uma comunidade de fala (subdomínio 1) e projetados metonimicamente em um subdomínio abstrato é, sem dúvida, um recurso para enfrentar a complexidade conceptual envolvida na elaboração da construção concessiva e, em especial, do *type* negativo. A evocação de ícones da contrafactualidade, extraídos de cenas da cultura, auxiliariam, assim, a compreensão da CCPN do tipo negativo.

Uma questão ainda merece resposta – a baixa freqüência destas construções cristalizadas. Nossa hipótese primeira é de que, ao invocarem experiências próprias de uma cultura específica, como vida rural, religiosa, tais construções podem sair de moda, envelhecer juntamente com os agentes de práticas socioculturais e interacionais que as legitimam. Ainda: a partir dos resultados de freqüência obtidos em nossa pesquisa, nossa expectativa é que essas construções, assim como outras expressões idiomáticas próprias da expressão da subjetividade (provérbios, comparativas hiperbólicas, dentre outras), tenham maior ocorrência em seqüências argumentativas (porque dialógicas) de gêneros de oralidade informal, porque vetadas nos gêneros de escrita e fala formal, como marcas de uma pobreza vocabular e imaginativa. (JESUS, 2006).

Cabe, por fim, considerar um outro aspecto. Estariam tais construções cristalizadas e envelhecidas a ponto de serem totalmente improdutivas? De fato, não é o que acontece. O padrão construcional das concessivas hiperbólicas permanece ativo em nosso idioma, gerando novas construções, tais como os seguintes exemplos retirados do corpus:

*Info – INFO Online – Fórum – Falha ao tentar ligar o micro que estar em normam, esse jump é responsável por limpar tudo que tem no BIOS, se estiver em clear, vc não liga o **micro nem que 2+2 for igual a 4.***

*[...] e disse meu apelido de família que eu não revelo aqui **nem que a vaca fique roxa de tanto tossir** ([Assertiva - http://assertiva.blogspot.com/](http://assertiva.blogspot.com/))*

***Nem que eu tenha que fritar um elefante pra provar que estou certo** (<http://blog.hiro.art.br/2008/02/07/nem-que-eu-tenha-que-fritar-um-elefante-pra-provar-que-estou-certo/>)*

O líder paquistanês Zulfikar Ali Bhutto dizia, há trinta anos, que o país tinha de possuir bomba atômica, **nem que** para isso a população **precisasse** "comer grama". (Revista Veja)

Nem que chova canivete
(Araulfo Alves)
Nem que chova canivete, Odete
Nem se o sol refrigerar, Guiomar
Nem que o cinco vire sete, Arlete
Eu não deixo Dagmar sambar

Info- INFO Online - Plantão Info - MP dos chips só terá efeito em 2007, diz Furlan

. O secretário chegou a dizer que "**nem que o governo arriasse as calças**" teria condições de conceder incentivos fiscais.

Outras ocorrências coletadas fora de nosso *corpus* também atestam este fenômeno:

[...] *nem que neve nesta cidade* (Rio de Janeiro)
[...] ". *nem que o mundo acabe*"..... (Dicionário Houaiss)
[...] "*nem que a vaca voe*". (Propaganda de uma marca de veículos cujos personagens são bichos personificados que têm opiniões e desejos)

4.6 AS RELAÇÕES DE HERANÇA

Um dos parâmetros postos pelos modelos construcionais da gramática (cf. cap. 2) é que construções não são uma lista aleatória, ao contrário, formam um inventário estruturado em cada língua ou uma rede taxonômica em que cada construção é um nódulo. Nesses termos, portanto, a gramática é concebida como uma rede de construções conectadas por relações de herança.

Tendo em vista os tipos de herança prováveis, Goldberg (apud SALOMÃO, no prelo, p.18) enuncia 4 tipos de herança: i) **por polissemia**, há a extensão do significado da Construção-Base; ii) **por subparte**, a construção é parte da Construção-Base; iii) **por instanciação**, a construção é um caso da Construção-mãe; iv) **por metáfora**, quando subjaz à construção uma projeção metafórica da Mãe.

Assumindo o modelo postulado por Goldberg e Lakoff (cf. seção 2), que estabelece princípios de herança a partir de um esquema construcional básico mais genérico (a macro-construção) motivador de outros nódulos construcionais herdeiros, propomos o seguinte diagrama (figura 11) para configurar a herança da Construção Concessiva de Polaridade Negativa (CCPN):

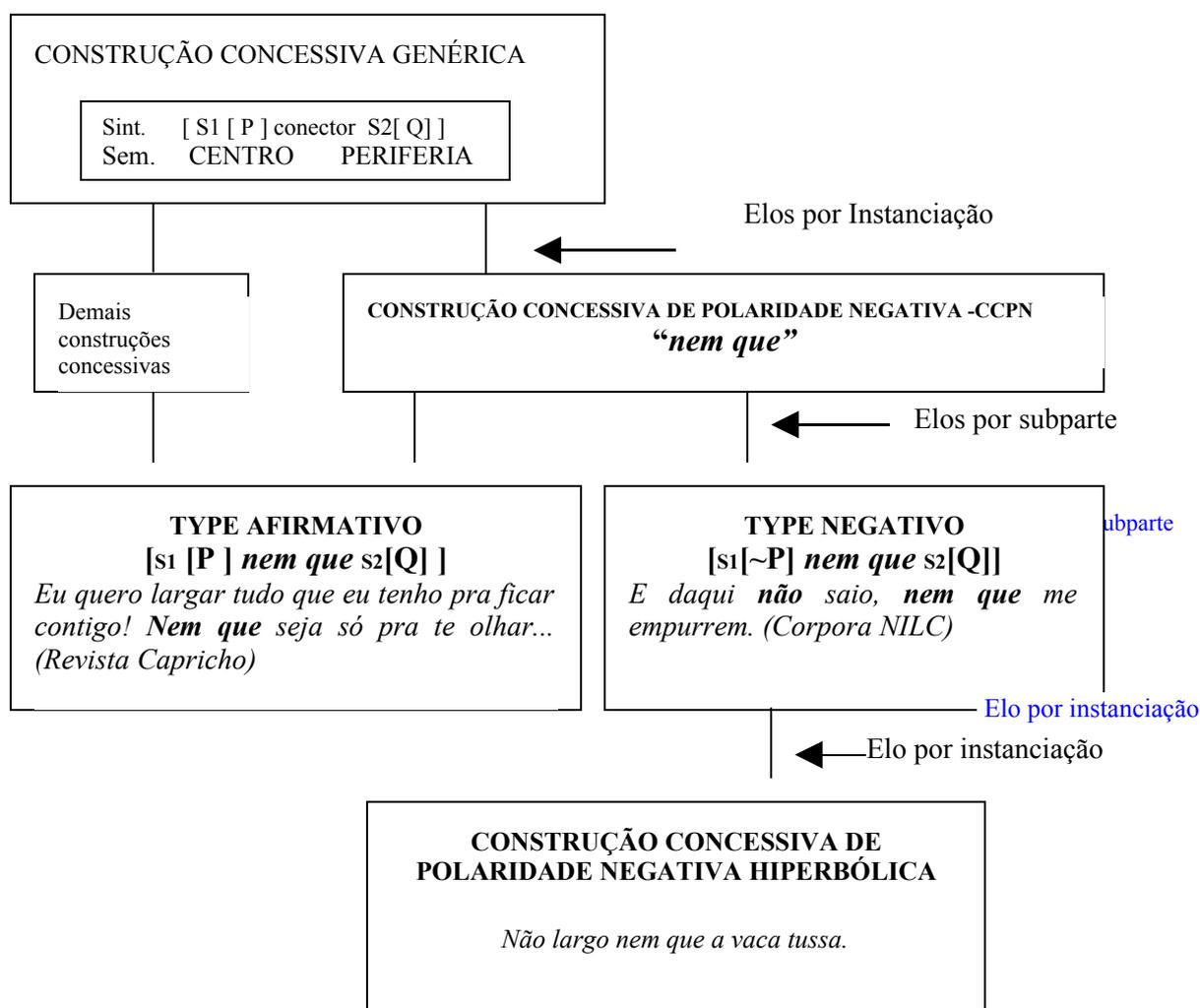


FIGURA 11 – Rede das Construções Concessivas de Polaridade Negativa

O diagrama propõe os elos de herança da rede a partir de uma relação de **instanciação** (uma construção é um caso especial de outra construção) e de uma **relação por subparte** (equivale a uma relação metonímica PARTE-TODO). Assim, a CONSTRUÇÃO CONCESSIVA GENÉRICA, como macro-construção (cf. seção 4.3.1) é a construção-mãe. A **CONSTRUÇÃO CONCESSIVA DE POLARIDADE**

NEGATIVA - CCPN é uma instância ou um caso especial (Elo por Instanciação) desta construção-mãe. **A CCPN apresenta dois types (afirmativo e negativo)** como suas subpartes (Elo por subparte). **O type negativo da CCNP**, por sua vez, apresenta mais um nóculo da rede, um caso especial (Elo por Instanciação): **a CONSTRUÇÃO CONCESSIVA DE POLARIDADE NEGATIVA HIPERBÓLICA.**

Tendo em vista que as redes estruturam-se radialmente (LAKOFF, 1987; GOLDBERG/, 1995; SALOMÃO, 1997-2003), é possível, através da identificação do elo, determinar o legado que as construções herdeiras carregam, ou seja, é possível encontrar as características semântico-formais que as construções herdaram da instância mais básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visamos demonstrar que as CCPN integram uma rede de construções, constituindo um nóculo dessa, composto por dois tipos de construções: uma afirmativa e uma negativa; derivando esta última, por sua vez, as Construções Hiperbólicas.

O panorama analítico traçado buscou contemplar as dimensões múltiplas que compõem a construção concessiva, ora em estudo, a fim de desvelar o plano da forma em seus aspectos morfológicos e sintáticos, bem como a face do sentido, manifestada pelos processos cognitivos imperceptíveis para a consciência, que aliam os elementos conceituais aos pragmáticos.

O nosso caminho, atestando a existência da CCPN e dos dois *types* que a compõem, foi pautado pelo empreendimento de estabelecer as peculiaridades inerentes a cada um dos tipos, assim como frisar os elementos que as congregam sob a mesma nomenclatura, Construções Concessivas de Polaridade Negativa.

5 CONCLUSÃO

Um balanço dos ganhos analíticos alcançados nesta dissertação é o que passamos a desenvolver na seção final.

O presente trabalho, perseguindo uma agenda analítica coerente com os pressupostos sociocognitivos fundados pela Lingüística Cognitiva, fincou suas hipóteses no caráter construcional das unidades lingüísticas de qualquer dimensão, vistas como pareamentos de forma e modos de significação semântico-pragmáticos. Tal pressuposto implica apostar na insuficiência da forma, na motivação conceptual e pragmática da gramática. Em síntese, implica reconhecer a gramática de uma língua como uma rede simbólica, erguida na história de uma cultura.

Nesse enquadre teórico, a hipótese principal foi a que as construções concessivas introduzidas pela locução conjuntiva *nem que*, nomeadas Construções Concessivas de Polaridade Negativa (CCPN), constituem um **padrão construcional específico** presente na rede de construções concessivas do PB.

Para que tal hipótese fosse confirmada, procedemos à análise de um corpus composto por 300 ocorrências específicas da CCPN, coletadas em ambiente eletrônico. O acesso aos dados reais permitiu a verificação da existência de dois padrões construcionais distintos, que integram o nóculo formado pela CCPN.

Esses dois tipos, ***P nem que Q*** (Type Afirmativo) e ***~P nem que Q*** (Type Negativo), são formados a partir da seleção, por cada nuclear, de um Item de Polaridade específico que determina a distinção e estabelece a prototipicidade. Assim, as afirmativas escolhem, como Itens de Polaridade Positivo (IPP), condições mínimas; já as negativas selecionam condições máximas e, também, hiperbólicas como Itens de Polaridade Negativo (IPN).

Empreendeu-se, dessa forma, uma descrição que pontuou os aspectos da natureza conceptual, semântico-pragmática e morfossintática da CCPN e seus tipos.

Na **dimensão conceptual**, demonstrou-se o comportamento da construção concessiva em tela através da abordagem das bases conceptuais que permeiam sua elaboração cognitiva.

Uma dessas bases centrais a esse trabalho é o esquema pré-conceptual CENTRO-PERIFERIA que, entrelaçado a outros, motiva os seguintes pontos:

- 1- O comportamento distinto das construções adverbiais em relação às substantivas e adjetivas, já que as adverbiais constituem projeções metafóricas desse esquema imagético.
- 2- A organização da rede das construções adverbiais. O esquema em questão une-se ao conceito *gestáltico* básico da causalidade e estabelece as construções **causais** como CENTRO (construção central básica) da rede das adverbiais. A partir da interligação com o esquema ESCALA, constitui-se uma medida escalar, desse centro para a periferia, que se utiliza do esquema imagético PERTO-LONGE e determina a posição **periférica** das condicionais e concessivas, sendo as primeiras o nódulo mais próximo e as segundas, o mais distante do centro. Essa organização comprova a continuidade essencial entre essas noções.
- 3- A organização das concessivas no jogo discursivo relaciona **P** com o centro e **Q** com a periferia. (Ver a conclusão dos aspectos morfossintáticos)

Outro esquema básico focalizado nesse trabalho, responsável por gerar uma compreensão mais ampla do processo dialógico, que se realiza no interior da CCPN, é o da DINÂMICA DAS FORÇAS.

Essa base imagética permitiu delinear o panorama bélico (ARGUMENTAR É GUERREAR) que subjaz à CCPN, ao caracterizar os interlocutores como entidades de força (uma agônica e outra antagônica), que se formam e se opõem no discurso. Assim, pôde-se determinar:

1- O comportamento distribucional das entidades de força agônica e antagônica nas cláusulas nuclear e concessiva: (i) o Agonista pode estar expresso ou implicitamente presente na nuclear, mas nunca, nas satélites; (ii) o Antagonista, por sua vez, está presente tanto na nuclear quanto na satélite, podendo ocorrer implicitamente na última.

2- A configuração do resultado do embate entre as forças em interação, tendo como norte a identificação da voz presente na nuclear: (i): quando a voz é a do Antagonista, como no caso dos atos diretivos (*Crie um cantinho de brincadeiras em casa, **nem que seja na sala ou na área de serviço.*** (Revista Cláudia)), não é possível saber o resultado da interação das forças e, com isso, não há uma entidade

que possa ser dita/afirmada como a mais forte; (ii): se a voz é a do próprio Agonista (*Eu e minhas amigas já compramos nossos ingressos e vamos **nem que seja para chegar lá só para dormir**"(Revista Capricho))* ou de outrem que não o Antagonista (como a de um "narrador") (*Mas, muitas vezes, tudo o que querem é um aval para voar, **nem que seja pelo quarteirão**.(Revista Bons Fluidos))*), como nos atos comissivos e assertivos, o resultado é a prevalência da tendência intrínseca de força apresentada pelo Agonista no início do jogo discursivo, sendo, portanto, a entidade agônica a mais forte.

Com esses levantamentos, foi possível comprovar a afirmativa de Talmy de que, em construções do tipo das concessivas, a entidade agônica é a mais forte e mantém a sua tendência intrínseca seja para o movimento seja para o repouso.

Outro ganho analítico da dimensão conceptual que deve ser salientado foi a demonstração da presença do processo metonímico PARTE PELO TODO nas cláusulas concessivas da CCPN Hiperbólica (*Nem que **chova canivete**, Odete (...)* *nem que o **cinco vire sete**, Arlete *Eu não deixo Dagmar sambar. (Letra da música – Nem que chova canivete de Ataulfo Alves))*), que seleciona, dentro do domínio das experiências concretas impossíveis, um ícone (a parte) que evoca essa cena conceptual de contrafactualidade para representar o domínio todo.*

A mesma natureza dialógica conduziu a análise das construções aqui estudadas para o **plano semântico-pragmático**, dado que a projeção metafórica do esquema da Dinâmica das Forças, intrinsecamente presente em sua constituição, dimensiona a *força* do Ato de Fala.

Nesse passo, ficou evidenciado que as cláusulas nucleares das CCPNs exprimem a natureza do ato de fala (*Ainda vou me formar.*), enquanto as cláusulas concessivas expressam a condição de felicidade deste ato (*Nem que seja aos 50 anos (Revista Elle)*). Quando se constituem como atos diretivos, a Construção Concessiva de Polaridade Negativa demonstra uma imposição de força que, no tipo afirmativo, revela-se como uma remoção de barreira (*Recorra à aromaterapia para relaxar, **nem que seja por 15 minutos** (Revista Cláudia)*), e, no negativo, como imposição de força (***Não** tome remédio por conta própria. **Nem que sua amiga diga que "é bom".** (Revista Boa Forma)*). Já, na enunciação de atos comissivos, há uma descaracterização da prototipicidade do *type* afirmativo, uma vez que, ao invés de selecionar uma condição mínima, como IPP, o contexto afirmativo escolhe uma

condição máxima (*Depois da ceia vou levar os presentes para pelo menos duas de minhas primas, **nem que** minha noite termine as 7h "*, diz Andrade(Corpora NILC))

A análise das CCPN como Atos de Fala demonstrou que a identificação da natureza do ato ilocucionário, presente na nuclear, não prescinde do contexto, haja vista que, ao disponibilizar elementos que guiam os interlocutores, permite “desambigüizar” a interpretação do ato (que, na ausência de um contexto, pode gerar imprecisão interpretativa como, por exemplo, nos casos em que é possível perceber o caráter polissêmico da construção quer como ato assertivo ou diretivo), e, ao determinar o ato ilocucionário, o contexto também interfere na configuração do resultado da Dinâmica das Forças.

Dentro desse panorama pragmático, estabeleceu-se a não sinonímia semântico-pragmática da CCPN em relação às demais construções concessivas a partir de três traços distintivos observados quais sejam (i) a marca de polaridade negativa expressa pela locução conjuntiva *nem que* que, em processo de convencionalização, ainda preserva a semântica negativa do advérbio *nem*, (ii) o valor específico enfático e, às vezes, hiperbólico de expressar, no campo da subjetividade, a frustração de uma expectativa; (iii) e a preferência distribucional discursiva em contexto informais que permitam o dialogismo e a expressão da subjetividade.

Depois de empreendida a análise desses campos – o conceptual e o semântico pragmático –, foi possível “enxergar” que a baixa freqüência do tipo negativo (22,3%) deveu-se à sua complexidade cognitiva, ao caráter subjetivo do julgamento que permeia a negação, bem como a necessidade de um conhecimento partilhado e de um pacto cooperativo entre os interlocutores.

Em relação à dimensão morfossintática, foram verificados:

- 1- A predominância do padrão de ordenação nuclear-concessiva (81,23%). Essa preferência pela posposição da concessiva reflete a presença do esquema imagético CENTRO-PERIFERIA, que determina, no fluxo da organização discursiva, a informação central, principal como CENTRO, e a informação adicional, que confere ênfase à principal, como PERIFERIA. Tal configuração revela, assim, a relação figura-fundo na dinâmica da relevância do fluxo informacional, pondo em evidência o resultado, mais prototípico na CCPN, do embate de forças (ARGUMENTAÇÃO É GUERRA) entre a entidade

presente na cláusula nuclear (mais forte) e aquela presente na cláusula concessiva, cuja força (causa/condição) é desconsiderada de antemão.

- 2- O predomínio do esquema modo-temporal – Presente do Indicativo na nuclear e Presente do Subjuntivo na satélite (43,80%) – que corrobora com a configuração prevista pela Dinâmica das Forças para as concessivas, por indicar que a nuclear, ao preferir o modo verbal indicativo de certeza, aponta para entidade que demonstra a maior força – a agônica.

Enfocadas essas dimensões, propusemos, por fim, uma Rede Construcional parcial, focada na CCPN, exibindo os elos de herança, formados a partir de uma Construção Concessiva Genérica, que se irradia até a instância representativa das Construções Concessivas de Polaridade Negativa Hiperbólicas.

Cabe-nos ainda destacar que nossas análises dimensionadas para o USO discursivo da CCPN são largamente devedoras da contribuição teórica e analítica dos estudos cunhados como Funcionalismo Lingüístico e do aporte metodológico da Lingüística de Corpus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL.COM. **Notícias online**, atualidades e sites Abril. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/>>. Acesso em: julho- agosto de 2007.

AZEREDO, José Carlos. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BARCELONA, Antonio. **The cognitive theory of metaphor and metonymy**. In: Antônio Barcelona. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin – New York : Mouton de Gruyter. 2003a. 1-28.

BECHARA, Evanildo. **Lições do português pela análise sintática**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1983.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CROFT, William & CRUSE, D. Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **A nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FAUCONNIER, Giles. e Mark Turner. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

GOOGLE.COM. **Blog**. Disponível em: <<http://blogsearch.google.com/>>. Acessado em: julho-outubro de 2007.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. **Conectores concessivos e adversativos: uma visão discursiva**. Interletras, Dourados (MS), v. 1, n. 2, 2005.

GOUVEIA, Carlos. A. M. Pragmática. In: FARIA et al. **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, pp. 383-419.

ISRAEL, Michael. **The Pragmatics of Polarity**. In: Horn & Ward (eds.) *The Handbook of Pragmatics*, Blackwell. 2004. pp. 701-72.

JESUS, Izabel Teodolina de. **Construções Condicionais Proverbiais: uma visão sociocognitiva**. Tese de mestrado em Lingüística. UFJF, 2006.

JOHNSON, Mark. **The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: The University Chicago Press. 1987.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1998

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.

.KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1987.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University Chicago Press. 1987.

_____. **Philosophy in the flesh: the Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas. Mercado das Letras, 1980 [2002].

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas**. *Veredas* v.2, nº3. Juiz de Fora: UFJF, 1998. p. 37-56.

MIRANDA, Neusa. S. **Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais**. *Veredas* v. 3, n. 1. Juiz de Fora :UFJF, 1999. p. 81-95.

_____. **A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores**. Tese de doutoramento em Educação. UFMG, 2000.

_____. **Modalidade: o gerenciamento da interação**. In: Neusa S. Miranda e Cristina M. Name (orgs) *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora : Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005. p.171-195.

_____. **O caráter partilhado da construção da significação**. *Veredas – revista de estudos lingüísticos*. v. 5, n.1. Juiz de Fora : UFJF, 2002. p. 57-81.

NEVES, Maria Helena de Moura. **As construções concessivas**. In: In: Maria Helena de Moura Neves (org) *Gramática do Português Falado VII*. Campinas : Unicamp, 1999. p.545-590.

_____. **Gramática de Usos do Português** . UNESP: 2000.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A difusa zona adverbial.** O caso da combinação de orações (The diffused adverbial zone: the case of clause combining). *Revista Lingüística*, ALFAL, v. 20, 2008.

SALOMÃO, M. M. M. **Gramática e interação:** o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora: UFJF -, v. 1, n. 1, 1997. p. 23-29.

_____. **A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem.** *Veredas*, Juiz de Fora: UFJF, v. 4, n. 1, 1999. p. 61-79.

_____. **Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico.** *Veredas*, Juiz de Fora: UFJF, v. 6, n. 1, p. 63-74, 2002.

_____. **Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva.** Juiz de Fora: UFJF, 2005.

_____. **Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua.** No prelo.

SAMPAIO, Thais Fernandes. **O uso metafórico do léxico da morte:** uma abordagem sociocognitiva. Tese de mestrado. UFJF, 2006.

SARDINHA, T, Berber. **Lingüística de Corpus.** Barueri, SP: Manole, 2004.

SILVA, Augusto Soares. **A Lingüística Cognitiva.** *Revista Portuguesa de Humanidades* I, Braga: Faculdade da U.C.P, 1997. 59-101.

_____. **O poder cognitivo da metáfora e da metonímia.** *Revista Portuguesa de Humanidades* VII, Braga: Faculdade da U.C.P, 2003. 13-75.

_____. **Linguagem, cultura e cognição ou a Lingüística Cognitiva.** *Revista Portuguesa de Humanidades* VII, Braga: Faculdade da U.C.P, 2004. 1-18.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. **Force dynamics in language and cognition.** *Toward a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems, v. 1.* Cambridge, MA: MIT Press 2000. p. 409-470.

TOMASELLO, Michael. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAZ, Clara Araujo. **Processos concessivos:** um estudo funcional-discursivo. *Cadernos do Congresso Nacional de Lingüística e Filologia (CNLF)*, v. ix, nº11, 2005. Meio digital.

ANEXO A - Construções Concessivas de Polaridade Negativa (Tipo **Afirmativo**)

Construções Concessivas de Polaridade Negativa (Tipo Afirmativo) **IPP MÁXIMO**

NILC

- 1) Quero seguir música, mesmo se não fizer carreira artística, **nem que** tenha de dar aulas aos miúdos.
- 2) No Jornal Nacional, foi a vez do cearense Tasso Jereissati dizer que FHC será candidato, **nem que** tenham que tirá-lo do cargo «à força»
- 3) Nós vamos combater, **nem que** seja a soco, a pontapé, a paulada, porque eu vou dizer uma coisa, quando um povo se une por um ideal, ele se torna invencível»
- 4) O secretário-geral do Sindicato dos Condutores Rodoviários do ABCD, Cícero Bezerra da Silva, afirmou que vai assumir a presidência da entidade **nem que** seja com a ajuda da polícia
- 5) Do jeito que vão as coisas, no dia 30 todos nós vamos a Brasília para tirá-lo da cadeira **nem que** seja à força.
- 6) Como disse um banqueiro, «com esta taxa de juros e privatização, o valor das ações está lá embaixo e, com ou sem IOF, nós vamos entrar **nem que** seja com carrinho de mão cheio de dinheiro pelo Uruguai».
- 7) É preciso calá-la **nem que** seja pelo não-entendimento
- 8) Viemos dizer que o moço vai ter de dormir na cidade e fazer o show amanhã, **nem que** seja a tiro.
- 9) Sai o aumento **nem que** seja a tiro! ...
- 10) É verdade que a comida na prisão era má, mas eu tinha a concepção que **nem que** fosse pedra, nós tínhamos que comer para sair dali com vida...
- 11) Se as autoridades não puserem cobro a isto, há moradores dispostos a enfrentar a droga, **nem que** seja a tiro, como tem acontecido noutros locais
- 12) Romário também prometeu vir de Barcelona para o desfile, **nem que** tenha que ser expulso de campo, lá
- 13) No entanto, Manuel Ramos, o segundo nomeado para assessorar a gestão da sala e que ontem não acompanhou o seu colega, garantiu que entraria **nem que** tivesse de recorrer ao uso da força.
- 14) O Bruno fugia constantemente da escola, **nem que** tivesse de saltar as grades.
- 15) Mas a três semanas de eleições importantes, **nem mesmo** um bom batista perderia a chance de atacar com dureza uma personalidade tão impopular nos Estados Unidos como Saddam Hussein, **nem que** para isso fosse preciso gastar dinheiro não disponível
- 16) Seu plano era destruir os rebeldes **nem que** para isso fosse São Paulo riscada do mapa

- 17) Assim, caso haja negócio, a Câmara quer estar presente no capital social da empresa que venha a ser criada, **nem que** para isso tenha de participar nos prejuízos da sua exploração, sublinha António Cruz.
- 18) do que a governante não abdica é de fazer qualquer coisa para que os alunos **não** estejam desocupados - **nem que**, para isso, seja preciso ter mais docentes nas escolas sem horários atribuídos
- 19) Depois da ceia vou levar os presentes para pelo menos duas de minhas primas, **nem que** minha noite termine as 7h ", diz Andrade .
- 20) "Vai ter ensaio, sim, **nem que** eu vá em cana ", disse Ivo .
- 21) A mulher deve negar, **nem que** chova canivete!
- 22) Falar mal do Fernando **nem que** a vaca tussa.

ABRIL

- 23) Exame - A arte de mentir
sobrevivência, e é preciso ganhar tempo. O que, no caso do meu colega, se traduziu na frase: "Vamos esclarecer isso hoje, **nem que** eu tenha de passar a noite aqui!" Linha - Um instante de alívio. O pescador vai dando linha, e o fígado tem a sensação <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0681/m0048703.html>
- 24) Veja - Nova York espera o segundo ataque
conversas com o presidente Vladimir Putin, ele insistiu que a guerra contra o terror continuará sendo sua prioridade. **Nem que** os Estados Unidos tenham de cuidar sozinhos do assunto. Depois de revelações feitas por chefe da Al Qaeda preso no Paquistão http://veja.abril.com.br/290502/p_054.html
- 25) Info - INFO Online - Fórum - Manipulação em banco de dados
etc que eu possa aprender a manipular tabelas .dbf somente em clipper? Estou aprendendo clipper, e vou aprender(**nem que** seja de cadeira e chicote)! com duvidas em comandos ou como trabalhar com dbf existe um site otimo para tirar duvidas <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=367681>
- 26) Claudia - "Quem tem projeto de vida não sai gastando feito louca" Copyright © 2005, Editora Abril S.A.
usar a inteligência. Por isso, considero importantíssimo adotar o saudável hábito de doar uma parte do que se tem, **nem que** seja bem pouco. Não há forma melhor de se desapegar do dinheiro e passar a vê-lo apenas como um dos ingredientes http://claudia.abril.com.br/edicoes/514/aberto/carreira_dinheiro/conteudo_83064.shtml
- 27) Veja - VEJA on-line
duas sociedades. Os obtusos, em oposição, acham que seus princípios são melhores e devem ser seguidos pelos outros, **nem que** seja na base da imposição. Minha posição é a seguinte: os moderados devem se unir e rejeitar as polarizações. Se o Ocidente <http://veja.abril.com.br/150206/entrevista.html>
- 28) Veja - VEJA on-line
várias áreas. É estratégico para a indústria fonográfica incluir seus artistas na programação das emissoras, **nem que** seja pagando uma comissão o velho jabá aos programadores. O rádio também demonstra força política. Nos grandes centros ou http://veja.abril.com.br/020305/p_106.html
- 29) Veja - VEJA on-line
deve ouvir tudo com atenção e seguir as instruções, **nem que sejam** as mais esdrúxulas. Se não quiser fazer isso, é sempre as sobremesas mais luminosas e coloridas possíveis, **nem que** para isso o sabor fosse prejudicado. Hillary Clinton adorava http://veja.abril.com.br/090604/p_066.html
- 30) Veja - VEJA on-line
Rocinha com um muro, para evitar sua expansão "Eu me arrependo de ter falado no muro, mas a delimitação será feita **nem que** seja com laser." Luiz Paulo Conde, convencido de que tem de impedir a expansão da favela "Na medida em que George <http://veja.abril.com.br/210404/vejaessa.html>
- 31) Veja - VEJA on-line
diretor da Montblanc no Brasil. "É um estímulo para uma pessoa trabalhar, ter sucesso e alcançar seus sonhos." **Nem que** seja em três vezes sem juros. Um dos atrativos do Brasil é o mercado

relativamente recente e, portanto, ainda não completamente explorado
http://veja.abril.com.br/280104/p_056.html

32) Veja - VEJA on-line

militava na oposição, é fazer barulho. "A oposição passada dizia 'Fora FHC'. Nós queremos que Lula fique, **nem que** seja como castigo", diz ele. Este é um governo de faz-de-conta. (sobre o trabalho de Duda Mendonça) A nova http://veja.abril.com.br/191103/p_044.html

33) Veja - O país da encrenca

os domínios do Taliban não alimenta nenhuma saudade de casa. Não é à toa que muita gente quer fugir desse inferno **nem que** seja seqüestrando um Boeing velho. http://veja.abril.com.br/160200/p_052.html

34) Veja - O CRIADOR E A CRIATURA

razões muito tentadoras para produzir um gêmeo idêntico de um adulto. "É tolice buscar a imortalidade no outro, **nem que** seja um igual", diz Wilmut. "Muito seletivamente, no futuro, talvez a clonagem humana possa servir como alternativa para a adoção http://veja.abril.com.br/241297/p_078.html

35) Viagem e Turismo - Viagem e Turismo

doce e as bolsas de palha trançadas pela mãe. Sua missão - só voltar pra casa depois de ter tudo vendido - ela cumpre **nem que** seja na marra: interpela os turistas, insiste, puxa papo com todo mundo pra despistar. Volta e meia, ainda chama atenção http://viagemeturismo.abril.com.br/edicoes/119/brasil/conteudo_87741.shtml

36) Veja - VEJA on-line

a ela. Dinheiro público para construir e equipar bibliotecas, pode ser. Jamais para financiar turismo literário, **nem que** seja, à moda do francês Xavier de Maistre, numa viagem ao redor do quarto. http://veja.abril.com.br/280307/p_113.shtml

37) Elle - ELLE

aulas particulares de história. Mas mantenho o meu sonho de cursar uma faculdade de arquitetura. Ainda vou me formar. Nem que seja aos 50 anos. Você foi alvo de apelidos, como vassourão, magricela, bocuda. Como conseguiu dar um up na auto. <http://elle.abril.com.br/banca/209/01.shtml>

38) Claudia - Perdi metade de mim

jantar com, no mínimo, cinco ingredientes diferentes", diz. Quando a fome apertava, ela partia para cima das frutas, **nem que** para isso **tivesse** que devorar um melão inteiro, uma manga grande ou cozinhá-las com um pouco de água e adoçante. Outra estratégia http://claudia.abril.com.br/edicoes/548/aberto/beleza_saude/conteudo_228876.shtml

39) Veja - Caça ao tesouro arqueólogos. Enquanto gente como Mel Fisher e Robert Marx

concentram esforços para chegar rapidamente aos objetos de valor, **nem que** para isso **seja necessário** destruir todo o navio submerso, os arqueólogos realizam um cuidadoso e paciente estudo do naufrágio http://veja.abril.com.br/180298/p_046.html

40) Movia-se lentamente e tinha por ambição única "continuar por ali"; nem que, para isso, muitos pagassem com a vida. - FATIS-MAS EXDR-UXULA -. Intimamente ligada a Carlus Careculus, ela era uma mulher espalhafatosa.

Sem título - <http://www.umpaischamadouati.com/blog>

41) Viagem e Turismo - Um toque de Europa

Mediterrâneo - e, de preferência, pagando menos que no Mediterrâneo. E tem mais: você quer variar de praia todo dia, **nem que** para isso **precise** enfrentar um certo trânsito. Então a ilha meio holandesa, meio francesa de St. Maarten/St.-Martin http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/136/externo/conteudo_208763.shtml

42) Veja - VEJA on-line

1998. O líder paquistanês Zulfikar Ali Bhutto dizia, há trinta anos, que o país tinha de possuir bomba atômica, **nem que** para isso a população **precisasse** "comer grama". De fato, o Paquistão é um país paupérrimo, com renda per capita de apenas http://veja.abril.com.br/110204/p_056.html

43) Claudia - A febre da plástica teen **natural, e sim uma aquisição, algo artificial. "Ela é difundida como** recurso para resolver inquietações internas." **Nem que** para isso **seja preciso** sofrer e se mutilar. Segundo Cesarotto, os jovens não se importam com a dor. "Colocam piercing, fazem http://claudia.abril.com.br/edicoes/538/fechado/beleza_saude/conteudo_141260.shtml

44) Exame - Comissão do Senado aprova Henrique Meirelles para o BC Banco Central no governo Lula. "Serei implacável no objetivo de manter a estabilidade da

moeda", disse Meirelles. "**Nem que** para isso **seja preciso** subir ainda mais os juros." Para ele, inflação baixa é a base para o país voltar a crescer <http://portalexame.abril.com.br/economia/m0043952.html>

- 45) Veja - Os cybermanos
 porta até o amanhecer. Ser um cybermano é basicamente tentar infundir cor a um cotidiano cinzento e sem perspectivas. **Nem que** para isso **seja preciso** gastar todo o salário. O mecânico de caminhões Edson Correa do Nascimento, mais conhecido como "Ratão" http://veja.abril.com.br/081299/p_134.html
- 46) Veja - A força católica
 agora", afirma o padre Marcelo Rossi, a maior estrela desse movimento que está levando os católicos de volta à igreja. **Nem que** para isso **seja preciso** celebrar missas que se assemelham aos cultos das seitas evangélicas ou ter presença cativa nos meios http://veja.abril.com.br/201099/p_150.html
- 47) Veja - VEJA on-line
 deve ouvir tudo com atenção e seguir as instruções, **nem que sejam** as mais esdrúxulas. Se não quiser fazer isso, é sempre as sobremesas mais luminosas e coloridas possíveis, **nem que** para isso o sabor **fosse** prejudicado. Hillary Clinton adorava http://veja.abril.com.br/090604/p_066.html
- 48) Veja - VEJA on-line
 na prevenção. Os especialistas recomendam que os pais sejam implacáveis na hora de forçar o filho doente a comer. **Nem que** para isso **sejam necessárias** horas e horas à mesa. Também vale dar comida na boca e prometer recompensas em troca de um prato http://veja.abril.com.br/110204/p_090.html
- 49) Veja - Dentro da guerra
 munições, integrou-se à luta da Resistência dos franceses contra o nazismo. Cada um deveria conquistar sua arma, **nem que** para isso **fosse necessário** um combate corpo a corpo. O batismo de fogo de Apolonio nesse tipo de luta é contado neste http://veja.abril.com.br/060897/p_040.html
- 50) Elle - : : ELLE : : FASHION WEEK
 Sem dúvida, o lounge mais badalado da Bienal é o da Melissa. Todos querem levar uma sandália para casa, **nem que** para isso **tenha** de esperar quase uma hora pela chance, ou entrar nove vezes na fila (isso mesmo, nove vezes) até conseguir http://elle.abril.com.br/livre/fw_verao2004/pimenta_dia03.html
- 51) Exame - Diploma, artigo em alta no campo
 que é gostar de colocar o pé na terra e conversar com os produtores nas fazendas para saber quais são suas demandas -- **nem que** para isso **tenham** de fazer uma viagem de três dias e passar por estradas esburacadas", diz Sílvia. Para o executivo Laerte Moraes <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0869/anuarioagronegocio/m0082215.html>
- 52) Veja - VEJA on-line
 deve ouvir tudo com atenção e seguir as instruções, **nem que sejam** as mais esdrúxulas. Se não quiser fazer isso, é sempre as sobremesas mais luminosas e coloridas possíveis, **nem que** para isso o sabor **fosse** prejudicado. Hillary Clinton adorava http://veja.abril.com.br/090604/p_066.html
- 53) Claudia - "Não durmo enquanto ele não chega"
 interesses além de seu filho? Tem cuidado do espírito, do corpo, da saúde? É uma reflexão necessária nessa fase, **nem que** para isso **precise** de ajuda profissional. Lembre-se de que um adolescente grudado na barra da saia da mãe fatalmente será http://claudia.abril.com.br/edicoes/516/aberto/dilema_mae/conteudo_167709.shtml
- 54) Claudia - Trabalhar com prazer
 deles fazem milagres. Ser positivo, por exemplo, é um bom começo." Em seguida, experimente envolver-se mais. **Nem que** para isso você **precise** ousar um pouco e propor algo novo, como uma mudança de área. Gostaria de liderar uma equipe? Então http://claudia.abril.com.br/edicoes/521/aberto/carreira_dinheiro/conteudo_83058.shtml
- 55) Superinteressante - Superleitor
 Memória (agosto, pg. 48) é a melhor reportagem do ano. Adorei a idéia de estender as matérias em um texto só, **nem que** ocupe três ou quatro páginas. Assim a gente fica ainda mais ligado, mais preso na reportagem. Discordo da tese de http://super.abril.com.br/super2/superarquivo/2000/conteudo_118861.shtml
- 56) Claudia - ESPECIAL
 ao seu chefe o quanto está sobrecarregada e assim justifica atrasos e enganos eventuais. C.

Mostra-se eficiente **nem que** precise dobrar a carga horária ou trabalhar nos finais de semana. D. Administra bem as pressões até um certo limite. A http://claudia.abril.com.br/testes/driblar_stress/driblar_stress.shtml

- 57) Claudia - China - O galope do dragão
Apesar dessas ameaças, dá para sentir a determinação de não repetir os erros do passado e resgatar o meio ambiente, **nem que** leve décadas. O que dá para fazer logo já é facilmente percebido. Os parques são magníficos, espalham-se por todos os bairros http://claudia.abril.com.br/edicoes/528/fechado/atualidades_gente/conteudo_87979.shtml
- 58) Claudia - Amor não é competição
sua tão merecida promoção em breve. - Procurar chegar a um acordo quanto ao nome do bebê, que soe bem aos dois. **Nem que** isso leve horas, dias, meses... -Segurar a bola e deixar que ele brilhe nesse dia tão especial, por mais expansiva http://claudia.abril.com.br/edicoes/512/aberto/amor_sexo/conteudo_82480.shtml

BLOGS:

- 59) Dia mundial sem carro: vestiários e chuveiros nas empresa já!
22 set. 2007 por Alex Hubner
Cobrador e motorista estão bem confortáveis em suas poltronas, seguindo as ordens da empresa: coloque o maior número possível de passageiros em cada viagem, **nem que** eles tenham que ficar espremidos e esperando horas por um único "carro" ...CFGIGOLÔ - <http://www.cfgigolo.com/>
- 60) Conforto nunca é demais. Nem que você tenha que se...
20 ago. 2007 por Luisones
Conforto nunca é demais. **Nem que** você tenha que se levantar para conseguir isso. [Luisones - Frases - http://luisones.blogspot.com/](http://luisones.blogspot.com/)
- 61) Nem que eu tenha que fritar um elefante pra provar que estou certo**
<http://blog.hiro.art.br/2008/02/07/nem-que-eu-tenha-que-fritar-um-elefante-pra-provar-que-estou-certo/>
- 62) Horóscopo
25 set. 2007 por Patrícia
Na verdade, você arruma confusão em todo lugar que passa, simplesmente porque você quer fazer as coisas do seu jeito, **nem que** seja na base da porrada. O que você quer mesmo é poder. Você quer chegar ao poder **nem que** tenha que f ...
[Blog da pati - http://patizinha.wordpress.com](http://patizinha.wordpress.com)
- 63) Não acendi os olhos e nem abri a luz
10 set. 2007 por Camila Pontes
mas eu quero, e eu vou morar lá... independente do que as pessoas que eu amo querem... É isso... amo muitas pessoas, mas elas têm que entender que eu preciso "crescer"... **nem que** seja sozinha.
...
[True Love For Me... - http://trueloveforme.blogspot.com/](http://trueloveforme.blogspot.com/)
- 64) CPI diz que terá acesso aos dados das caixas-pretas nem que seja na marra. 26 jul. 2007
BRASÍLIA - O vice-presidente da CPI do Apagão Aéreo da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), cobrou na manhã desta quinta-feira pressa da Aeronáutica em fornecer as informações sobre o acidente com o Airbus da TAM... Leia mais ...
[O Globo Online » São Paulo - http://www.oglobo.com.br/](http://www.oglobo.com.br/)
- 65) Criança vai para escola, nem que seja em lombo de burro!
1 ago. 2007 por Jackson Rubem
A foto (de fonte desconhecida) é apenas ilustrativa. Sem a EDUCAÇÃO nenhum país entra para o primeiro mundo. O Japão que ficou sem nada na Segunda Guerra Mundial, investiu na educação e cultura do seu povo e hoje é uma potência mundial ...
[Jornal O Brasileiro - http://jornalbrasileirinho.blogspot.com/](http://jornalbrasileirinho.blogspot.com/)
- 66) Pequenas histórias?
10 horas atrás por Edemilson Moraes
O refúgio do taxista é o anonimato das ruas até que um passageiro resolve falecer em seu táxi, obrigando-o a assumir uma identidade, **nem que** seja de alguém que ele não é. Esta pequena história também termina num abraço. ...
[CinemaLido - http://www.cinematido.com.br](http://www.cinematido.com.br)

67) nem tudo é tão bom assim

19 ago. 2007 por juulie

... quem decidiu de me tirar de perto dos meus amigos a 1 ano e meio atras foi ela e agora ela que aceite os meus novos amiguinhos! só sei que eu vou sair dessa casa assim que eu terminar o terceiro ano **nem que** seja a ultima coisa que eu faça .look at me; - <http://enquantodurar.blogspot.com/>

68) nem que seja plantando bananeira

31 jul. 2007

« teses que gostaríamos de ver | nem que seja plantando bananeira | o que todos estavam esperando »

Finalmente um blog de resenhas que pode competir cabeça-a-cabeça com a mídia nacional. Metade dos livros já está na lista do mês. martelada - <http://www.insanus.org/martelada/>

69) Amigo.

7 nov. 2007 por belmiro

Ea Constituição da República que seja distribuída. Nas escolas, nas igrejas e divulgada pelos media. Abaixo o pacifismo, vamos andar de cabeça erguida. **Nem que** pra isso tenhamos que sacrificar alguma vida. Refrão 2x. (Azagaia) ...

Nação Coragem - <http://juventuderebelde.blogspot.com/>

70) MINHA VIDA EM UATI. (XV)

7 out. 2007 por Lord Sarubiano

Movia-se lentamente e tinha por ambição única "continuar por ali"; **nem que**, para isso, muitos pagassem com a vida. - FATIS-MAS EXDR-UXULA -. Intimamente ligada a Carlus Careculus, ela era uma mulher espalhafatosa. ...Sem título - <http://www.umpaischamadouati.com/blog>

71) Nem tudo o que parece ser, é.

17 ago. 2007 por Vanessa N.dos Santos

Quem somos nós para julgarmos quem a pessoa é? Nunca estará escrito quem ela é na verdade. Então, vamos conhecer todas as coisas que estão ao nosso redor! **Nem que** demore anos para descobrir quem, ou como elas são...

Novos Caminhos - <http://vanessansantos.blogspot.com/>

72) Só o Vasco salva!

10 ago. 2007 por The Pavuna Times

Ea promessa que faço é que se o Vascão for pra Tóquio lá estará Jorjão Beijo-de-Mula, **nem que** eu trabalhe todos os dias nos Bailes do Morro do Turano, INPS e Salgueiro, peço dinheiro emprestado ao meu amigo Queixada e vendo meu Chevette .

Não vale nem 1 centavo, mas agrada quem olhar - <http://thepavunatimes.blogspot.com/>

Construções Concessivas de Polaridade Negativa (Tipo Afirmativo) **IPP MÍNIMO**

NILC

- 1) Número um: se a loja quiser mesmo atrair público e não ouvir reclamações, deve sintonizar a TV em canais que transmitam futebol, **nem que** sejam jogos de várzea
- 2) Os profissionais obrigatoriamente aprenderão reengenharia **nem que** seja por repetição
- 3) Só que o perigo mede-se apenas depois de se cortar a meta, até aí não conseguimos saber muito bem o que se passa, só queremos chegar primeiro, **nem que** seja por um metro, diz Fabrizio Bontempi, da Brescialat.
- 4) Eu estarei nessa homenagem **nem que** seja para atrapalhar um pouco como ator.
- 5) Nós é que deveríamos voltar a ensinar a todos como se joga futebol, **nem que** seja por cursos de correspondência.
- 6) Deverá faze-lo, **nem que** seja apenas para tranquilizar a sua consciência»
- 7) E, naturalmente, há muito mais gente apostando que FHC já ganhou, **nem que** seja só no segundo turno.
- 8) E um terá de perder, **nem que** seja nos pênaltis
- 9) Junto com o Brasil, a Colômbia é talvez o time mais pressionado pela torcida para conseguir algum resultado nesta Copa, **nem que** seja chegar às quartas-de-final
- 10) Estamos apelando para os nossos pruridos: morrer com tantos livros comprados e não lidos seria um desperdício, temos que sobreviver **nem que** seja por medida de economia

- 11) Eu vou partir isso tudo, **nem que** seja a última coisa que eu faça na vida!
- 12) Havia sempre qualquer coisa para partilhar, **nem que** fosse – apenas e só – uma palavra de conforto e de alento para a força necessária que cada um tinha que ter para fazer face à vida...
- 13) Era preciso vencer, **nem que** fosse por meio ponto
- 14) É uma pena que isto tenha ocorrido, mas o que se esperava ocorreu: Sport perdeu para o melhor time do Brasil e o Náutico foi derrotado para uma equipe quase imbatível dentro de casa. A lamentação é maior ainda para ambos os lados porque, de certa forma, era possível ter conseguido algo melhor - **nem que** fosse um mísero pontinho

ABRIL

- 15) Capricho - .: Capricho .: seja diferente. seja você .: Capricho .: seja diferente. seja você
ao menino que eu gosto que desculpo tu o que ja fez e dalêe beija ele :D compraria todas as roupas que gostaria de ter **nem que** fosse usar so por algumas oras...comeria mtooo bolo e chocolate ;x perdeia o dia no beto carrero com todas as pessoas
http://capricho.abril.com.br/forum/33704_comentarios.shtml
- 16) Veja - - VEJA on-line
diversas fontes, começou a pingar, e ganhou ímpeto, a proposta de imprimir a imagem de Reagan no dinheiro americano, **nem que** fosse numa moeda de meio dólar. Meio dólar? Seria pouco. Logo a proposta dominante era de que ele tomasse o lugar de Alexander
<http://veja.abril.com.br/160604/pompeu.html>
- 17) Veja - Faxina maravilhosa
Quando sediou a Eco 92, o Rio de Janeiro demonstrou uma insuspeitada capacidade de eliminar suas mazelas urbanas **nem que** fosse por apenas quinze dias. Os mais de 100 chefes de Estado e de governo e milhares de pessoas que se reuniram para discutir
http://veja.abril.com.br/230699/p_118.html
- 18) Info - INFO Online - Fórum - ATI Mobile 64 mb 4 x 3D - é boa??? Se alguém tiver alguma dica... valerá mto!!!
sobre essa placa para notebooks aí da ATI, a RADEON de 64 mb (4X 3d) ... Ela é muito passada já? Será que roda (**nem que** for mínimo) os games de agora aí? Com qual Direct-x ela é compatível? Essa compatibilidade com Direct-x é o mais <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=84445>
- 19) Info - INFO Online - Fórum - Vida Oracle
- 20) cursinho rápido (mais para re-lembrar e atualizar), voltado á desenvolvimento com Oracle, batalhar uma colocação, nem que não tão boa, e depois, enquanto vai trabalhando e aprendendo, iniciar em paralelo uma Faculdade. Periodicamente
<http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=107572>
- 21) Info - INFO Online - Fórum - Macro p/ redimensionar imagens
- 22) macro p/ isso, ela não funciona (dando a impressão que nada é ajustado na imagem). Alguém sabe como faço isso, nem que for na unha (escrevendo em VBA)? Periodicamente, os textos mais antigos são retirados, para evitar sobrecarga
<http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=164741>
- 23) Claudia - Felicidade é...
basta querer, e não é assim. A felicidade é um estado de ânimo prazeroso em que tudo é leve e belo parecendo eterno, **nem que** dure um segundo. Entender que se pode ser feliz envelhecendo é um investimento, um preparo, um ensaio. É saber
http://claudia.abril.com.br/edicoes/535/fechado/emocoes_espiritualidade/conteudo_125678.shtml
- 24) Info - INFO Online - Fórum - !!!!!!!RESIDENT EVIL!!!!!!N64
- 25) Hardware Impressoras WAP Java HTML Vista Modems GALERA ONDE EU POSSO BAIXAR O ROOM DE RESIDENT EVIL PARA N 64???NEM QUE SE FOR JAPONES.... Periodicamente, os textos mais antigos são retirados, para evitar sobrecarga nos fóruns
<http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=223458>
- 26) Info - INFO Online - Fórum - Mudanca de dominio com XP
- 27) o botao opcoes... Meu notebook roda xp e acho que o server da universidade roda 2000... Alguem pode me ajudar nem que apenas pra dizer q nao da pra fazer? Periodicamente, os textos mais antigos são retirados, para evitar sobrecarga
<http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=88240>

28) Viagem e Turismo - Lojinha de Viagem

praça de touros. Hoje corre risco de derrubamento. D'Los Suspiros: calle de los Suspiros, 58, tel. 30-825. **Nem que** seja para dar uma espiadinha, entre nessa casa antiga, onde hoje funciona o ateliê do pintor uruguaio Fernando Fraga
http://viagemeturismo.abril.com.br/edicao94/exterior/onde_e_melhor_uruguai2.shtm

29) Exame - Trabalho transparente

30) executivos livres para fazer besteira. Se você tiver a chance, assumo a defesa do comportamento ético e transparente. **Nem que** seja só pela possibilidade de aumentar a sua fatia na divisão dos lucros, já vale esforço. <http://portalexame.abril.com.br/carreira/m0048756.html>

31) Bons Fluidos - Bons Fluidos

costas apoiadas no encosto da cadeira. ? Respire profundamente e devagar, prestando atenção a entrada e saída do ar. **Nem que** seja só algumas vezes ao dia. Quanto mais tranqüila a respiração, mais a coluna relaxa. ? Troque de colchão regularmente
<http://bonsfluidos.abril.com.br/edicoes/0065/canal3e/b.shtml>

32) Exame - O CEO do Brasil

Preciso que o governo faça progressos concretos." Por exemplo, é necessário que a equipe econômica consiga avançar, **nem que** seja um pouco, na reforma da Previdência. Sem ela, vai ser muito difícil convencer os investidores, especialmente os
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0784/financas/m0052044.html>

33) Exame - Como se faz gente que faz?

que a culpa do desemprego entre os jovens seja das empresas. Longe disso. Só acho que os empresários têm como mudar, **nem que** seja um pouquinho, essa situação. Em vez de impor aquela fórmula informática-inglês-faculdade na hora de contratar
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0692/m0048568.html>

34) Info - INFO Online - Fórum - Precisa de tela ?

de outra cor o que afetaria na qualidade da projeção...Creio que o ideal seria vc realmente ter sua própria tela, **nem que** seja aquela simples estilo mapa, para que não seja surpreendido por eventuais contratemplos. Uma tela de boa qualidade é <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=414170>

35) Info - INFO Online - Fórum - PARABÊNS

Conhecimento não é que acumulamos, mas sim o que compartilhamos. Muito obrigado amigos: Mário, Paulo e tantos outro que, **nem que** seja uma vez, ajudaram alguém. Muito obrigado AMIGOS. Por que amigo é aquele que está ao nosso lado sempre que precisamos
<http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=228603>

36) [Info](#) - [INFO](#) - [Fórum](#)

tivesse uma lista de instalação quilométrica. Estou procurando o material da conectiva. Quem tiver e quiser vender, **nem que** seja uma cópia, eu compro. Estou querendo as 8 apostilas(o material completo), incluindo apache, firewall, samba http://info.abril.com.br/forum/topicos.php?area=172&go_to=24

37) Veja - VEJA on-line

uma (única) contribuição positiva. Sugiro o impeachment da coluna de Diogo Mainardi. Vou fazer um painel, **nem que** seja individual, contra o besteiro que o colunista vem escrevendo ultimamente. Haja paciência para a minha gastrite <http://veja.abril.com.br/170304/cartas.html>

38) Veja - Ele é liiiiindo!

Consultada, a menina dispensa tudo e pede sua parte em dinheiro prefere embarcar para Los Angeles, na esperança de ver, **nem que** seja de relance, seu ídolo Leonardo DiCaprio. Efeito colateral do estrondoso sucesso do filme Titanic, o ator hoje é http://veja.abril.com.br/220498/p_056.html

39) Viagem e Turismo - Viagem e Turismo

brechós, lembrancinhas, discos. Resista! Como ninguém é de ferro, permita-se comprar uma pequena lembrança, **nem que** seja um tamanquinho kitsch, símbolo de Amsterdã, por 1 euro. Não saia da cidade sem visitar o "Quartirão dos Museus
http://viagemeturismo.abril.com.br/edicao032003/europa_barata/amsterda1.html

40) [Info](#) - [INFO](#) Online - [Fórum](#) - [Forum](#) [Chiappa](#)

problema mais facil... por isso mesmo tenho duas sugestões : 1) ou todo mundo tenta ajudar e responder as perguntas, **nem que** seja pra perder 10 minutos por dia, o que realmente é a intenção de qq forum, pois assim todos aprendem e não se sobrecarrega
<http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=61921>

- 41) [Elle](#) - [ELLE](#)
 temos brancos de linhas retas, all em cores neutras e zero enfeites ou bijoux. Nessa mesma linha do simples, esqueça, **nem que** seja por um dia, a vida em tencicolor e caia na vida em Preto & Branco. Faça a qualquer hora e em qualquer estilo esse mix, sempre <http://elle.abril.com.br/banca/214/06.shtml>
- 42) [Veja](#) - [A revanche do rock de bermuda](#)
 alegre-se. Os resultados do Acústico MTV do Kid Abelha comprovam que esse formato continua eficaz para ressuscitar, **nem que** seja por um breve período, medalhões dos anos 80. Em 1997, os Titãs alcançaram a marca de 1,7 milhão de cópias vendidas ao http://veja.abril.com.br/040603/p_108.html
- 43) [Boa Forma](#) - [um encanto de sereia](#)
 queimar 10 calorias aqui, 10 ali, 10 acolá, no fim do dia somam 100! Ela resolveu virar o jogo e colocar a praia, **nem que** seja só para um mergulho, como prioridade. Mas a felicidade fica completa quando surfa. Depois de alongar o corpo, pega onda por pelo http://boaforma.abril.com.br/edicoes/231/fechado/Famosas/conteudo_510.shtml
- 44) [Info](#) - [INFO Online](#) - [Fórum](#) - [Vírus que desconfigura o teclado?](#)
 problema de configuração, mas acho difícil. Preciso da ajuda de vocês. Por favor, quem souber algo a respeito, **nem que** seja apenas uma dica, entre em contato. Mande um e-mail para anderboy007@hotmail.com ... Desde já, eu agradeço <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=110380>
- 45) [Veja](#) - [VEJA on-line](#)
 quem não é nenhum apaixonado por vinhos já incorporou a adega climatizada ao mobiliário doméstico mais sofisticado, **nem que** seja apenas como elemento de decoração, com um lugar garantido entre a televisão de plasma e a cadeira de grife. "É http://veja.abril.com.br/030506/p_072.html
- 46) [Veja - VEJA on-line](#)
 interesse Apresente idéias e sugestões para que o trabalho seja mais eficiente e prazeroso. Eduque-o Deixe claro, **nem que** seja apenas com a expressão facial, sua insatisfação com atitudes descorteses ou injustas. Mas seja sutil. http://veja.abril.com.br/210802/para_usar.html
- 47) Claudia - Criança equilibrada e feliz. Qual o segredo?
 "Crie um cantinho de brincadeiras em casa, **nem que** seja na sala ou na área de serviço. Não vai durar para sempre, em poucos anos a decoração volta a ser o que era - e esse http://claudia.abril.com.br/edicoes/529/fechado/familia_filhos/conteudo_93345.shtml
- 48) Claudia - Você merece uma pausa!
 eco em um mundo onde estar junto é sempre possível, **nem que** seja virtualmente. O MDS tem um líder e um membro, eu igualmente inebriante. Recorra à aromaterapia para relaxar, **nem que** seja por 15 minutos. Algumas gotas de óleo essencial de http://claudia.abril.com.br/edicoes/530/aberto/familia_filhos/conteudo_100610.shtml
- 49) pouco de seu sentido para nós, ocidentais. Desaprendemos o valor do silêncio e fazemos de tudo para preenchê-lo **nem que** seja com discursos vazios. Ter discernimento ao falar e aprender a calar são, mais que uma meta, um caminho para a paz <http://bonsfluidos.abril.com.br/livre/edicoes/0088/12/12.shtml>
- 50) [Bons Fluidos - Bons Fluidos](#)
 forem viáveis, escolha outra hora. O importante é manter a regularidade. Reserve um espaço apenas para meditar, **nem que** seja um pequeno canto. Crie um ambiente inspirador, que o motive a retornar para meditar. Se desejar, monte um pequeno <http://bonsfluidos.abril.com.br/livre/edicoes/0064/canal3d/c.shtml>
- 51) [Bons Fluidos](#) - [Bons Fluidos](#)
 freqüente para você descansar não só o corpo, mas também a mente. Ficar sem pensar, sem muitos estímulos sensoriais, **nem que** seja vinte minutos por dia. xxi fala para Domenico de Almeida Coiro: quais as soluções para cuidar de nossas emoções <http://bonsfluidos.abril.com.br/aberto/chat/0402/b.shtml>
- 52) [Bons Fluidos](#) - [Bons Fluidos](#)
 qualquer outro nível social da população. Uma alternativa é criar meios de comunicação alternativos na sua região, **nem que** seja na própria escola. O importante é que todos se ouçam e valorizem e discutam as mais diversas opiniões. Gracia <http://bonsfluidos.abril.com.br/aberto/chat/0701/b.shtml>
- 53) Boa Forma - tá trstinha ou tá deprê?

pior, até a pessoa não conseguir nem levantar da cama. A tristeza aparece forte, depois dá trégua: vai melhorando, **nem que** seja devagar", explica Carlos Alberto Rodolpho de Oliveira, psicólogo, psicoterapeuta e professor de psicologia do Centro http://boaforma.abril.com.br/edicoes/216/fechado/viva_melhor/conteudo_201.shtml

54) Boa Forma - vida ideal X vida real
muita exploração de lugares e novas culturas. Pura injeção de coragem, alegria e fé na vida! Dê uma volta, **nem que** seja no quarteirão. Preste atenção às pessoas e tente se sentir parte da sua comunidade, diz Márcio Molinari, psiquiatra
http://boaforma.abril.com.br/edicoes/216/fechado/Saude/conteudo_183.shtml

55) Claudia - Guardar dinheiro é com elas
emergências a curto prazo. Os valores não são fixos como na previdência, mas guardo algum dinheiro na poupança todo mês, **nem que** seja 50 reais." Deborah Rodrigues, economista "Poupei durante dez anos para comprar um apartamento à vista. Cheguei
http://claudia.abril.com.br/edicoes/510/fechado/carreira_dinheiro/conteudo_83032.shtml

56) Claudia – Teste a sua libido (são várias)

... o casal vai precisar tratar da ferida, **nem que** seja na terapia.

vantagens se você encontrar um cara que adore meninas extremamente tímidas. Do contrário, você terá que se soltar mais, **nem que** seja mandando um e-mail mais emocionante ou soltando uma frase bem-humorada. Você tem potencial para ser sexy, só não
http://elle.abril.com.br/n_testes/voceSexy.shtml

57) Elle - : : FASHION WEEK : :

usam roupa de aviador, skatista, trabalhadoras. A moda da Carlota Joaquina trouxe aquilo que toda mulher deve ser - **nem que** seja um pouquinho. O make up seguiu esta linha jovem. Os cabelos, assinados por Wanderley Nunes (Studio W), estavam
http://elle.abril.com.br/fw_verao2003/beleza_carlota.html

58) Elle - SPFW inverno 2007 - ELLE

deixassem tudo mais exclusivo, como costurar os bordados com crina de cavalo. Vou tentar viabilizar essas peças para venda, **nem que** seja sob encomenda. Sempre resgato alguma coisa. Desta vez fui atrás da mão-de-obra antiga de alfaiataria, daí
http://elle.abril.com.br/spfw/inverno2007/index_entrevistas.shtml?32954

59) Exame - O desafio de suceder uma lenda

dogmáticas similares à infalibilidade papal. O problema, claro, é que mesmo esses executivos saem de cena alguma hora (**nem que** seja quando morrem, como aconteceu na Coca-Cola de Goizueta). E o pior vem depois: alguém, vindo diretamente do reino do
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0902/gestaoepessoas/m0138945.html>

60) Exame - O que fazer para não errar
melhor não ter site? Não ter site é igual a não ter telefone. Na era digital, é preciso fincar bandeira na internet, **nem que** seja com uma página estática com histórico, principais produtos e telefone. "Um site, por pior que seja, marca presença
http://portalexame.abril.com.br/static/aberto/pme/melhores_praticas/m0133204.html

61) Exame - Onde investir em 2003

pendentes para o dia seguinte (segundo o relato de outro ministro, Dirceu sempre retorna os telefonemas no mesmo dia, "**nem que** seja depois das 11 da noite"). É organizado e tem boa memória, o que o leva a cobrar assuntos que os colegas de governo já julgavam
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0811/economia/m0051840.html>

62) Exame - Respeito é bom e..Não inicie sua mensagem expondo diretamente um problema. Saúde a pessoa, **nem que** seja com um "oi, tudo bem?" Preste atenção na gramática, na ortografia e na pontuação. Nada de considerar que "é apenas
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0723/m0047985.html>

63) Exame - Não quero ser uma estatística

mo pensar nelas." O fundador precisa de uma estratégia de saída. "Você vai querer fazer algo com o seu negócio, **nem que** seja daqui a 20 anos", diz Julian Lange. Esta foi uma lição decisiva para o brasileiro Mauro Peres, de 34 anos, formado
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0721/m0048049.html>

64) Exame - O caçador virou caça

Está escrito em meu currículo." Mais uma vez entra em cena a etiqueta. Ela recomenda que se responda a currículos, **nem que** seja de uma forma gelidamente protocolar. "Antigamente, cada

currículo enviado gerava uma carta acusando seu recebimento", diz Minarelli
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0619/m0054049.html>

65) Exame - Azeitando a Rede

sua networking. Almoços e happy hours sempre funcionam 3 Não deixe os telefonemas sem resposta. Ligue de volta, **nem que** seja uma semana depois 4 Mantenha sua rede atualizada sobre você. Avise em caso de mudança de emprego, telefone ou
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0616/m0054083.html>

66) Exame - A adrenalina do pregão incomoda

certo? Errado. Com os juroes em queda, mesmo os investidores mais reticentes vão ter de começar a pensar em ousar, **nem que** seja timidamente. Como Souza tem o caixa relativamente folgado, o Citibank destinou 15% da carteira a aplicações de
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0603/m0049360.html>

67) Info - INFO Online - Fórum - Como formatar célula?

nessa mesma célula um telefone do tipo (99) 999-9999 e ficar formatado corretamente? Agradeço por qualquer ajuda. **Nem que** seja um endereço ou uma dica para eu correr atrás depois. Já postei isso anteriormente mas acho que ninguém teve tempo
<http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=645769>

68) Info - INFO Online - Fórum - Fechamento de Arquivo

bureau de serviços" para salvar seu arquivo fechado cara... quer um conselho? faça um estágio em qualquer gráfica, **nem que** seja uma bem podrinha por uns meses sem ganhar muito... assim com certeza vc pega dicas descentes! Periodicamente <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=492954>

69) Info - INFO Online - Fórum - Uma ajudinha por favor?

NÃO VAI , imho, te levar muito longe, cedo ou tarde (provavelmente CEDO) vc vai sim precisar fazer um treinamento, **nem que** seja não-oficial (já que o oficial da Oracle é caro pracas!), comprar livros, sem muita fuga possível.... <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=280735>

70) Info - INFO Online - Fórum - EDITOR DE WAVE OU MP3

HTML Vista Modems Preciso de um software que edite wave ou Mp3. Preciso de um que me permita separar algumas trilhas, **nem que** seja só uma. Separar trilha de baixo ou de bateria. Se alguém soube de algum, por favor me diga pelo o menos o nome <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=104670>

71) Info - INFO - Fórum

procuramos resumir a maneira de corrigir o problema do usuário do Forum. Vamos ser um pouco mais educados e responder **nem que** seja com um simples "muito obrigado".[]s Já vi essa dica na info-exame, mas não tenho a revista, preciso criar http://info.abril.com.br/forum/topicos.php?area=254&go_to=14

72) Info - INFO - Fórum

muitas coisas, mas agora eu quero mais. Me desafie, Hacker, me mostre como é e me desafie, que eu ainda te supero, **nem que** seja daquio ha uns 50 anos!!! Peço ajuda. Me mande programas, vírus, tudo até joguinhos, leio meu email 1 vez por
http://info.abril.com.br/forum/topicos.php?area=130&go_to=50

73) Info - info Corporate

FHC, ambos os economistas elogiaram o Plano Real, que segundo Delfim entrará para a história da economia no século XX, **nem que** seja um "rodapé". Também ambos criticaram a atual cúpula econômica do Palácio do Planalto, mas acreditam que as reformas
<http://info.abril.com.br/aberto/ciomeeting/financeiro/2007/noticias22032007-7.html>

74) Veja - VEJA on-line

para assimilar a nova mãe, e vice-versa. No Brasil, as coisas tendem a se encaminhar para um final conciliatório. **Nem que** seja só de fachada, frise-se. Depois das rusgas, as pessoas contemporizam mas nem por isso deixam de falar poucas e boas da intrusa
http://veja.abril.com.br/181006/p_162.html

75) Veja - VEJA on-line

ambas as partes. A tentativa pode terminar em boas risadas e abrir as portas para um segundo encontro entre o casal, **nem que** seja como bons amigos. "A mensagem contida na cantada nunca fica totalmente clara, o que permite colocar as idéias numa http://veja.abril.com.br/151106/p_116.html

76) Veja - VEJA on-line

ano eleitoral, a missão também é uma boa oportunidade de marketing para Lula. É a ciência a serviço do progresso **nem que** seja o de alguns poucos. Todo mundo se desfaz de roupas

velhas. Mas o que fazer com um traje espacial que já não serve para nada http://veja.abril.com.br/010306/p_078.html

77) Veja - VEJA on-line

é o tal do vídeo clandestino. De uma forma ou de outra, Paris Hilton finalmente atingiu a fama que sempre procurou. **Nem que** seja má fama. http://veja.abril.com.br/031203/p_115.html

78) Veja - VEJA on-line

pessoas e à sua maneira de viver", garante. O que faz um filho rico e mimado de roqueiro? Vira modelo, claro. **Nem que** seja fugazmente, como no desfile de uma grife moderninha de Los Angeles. O rapaz, Jake Sumner, 18, é filho de Sting <http://veja.abril.com.br/191103/gente.html>

79) Veja - VEJA on-line

Alca). "O Brasil ainda é uma economia muito fechada. Para gerar superávits, é preciso derrubar as barreiras, **nem que** seja de forma gradual", afirma Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação http://veja.abril.com.br/051103/p_050.html

80) Veja - VEJA on-line

bolso, talvez os fumantes franceses finalmente se convençam de que fumar pode de fato causar sérios problemas à saúde. **Nem que** seja a saúde financeira. http://veja.abril.com.br/291003/p_064.html

81) Veja - O califado do medo

rotina, e antecede o interrogatório propriamente dito. O suspeito só é liberado depois de fazer uma revelação, **nem que** seja uma fofoca íntima do vizinho ou colega de trabalho. Tudo é registrado em relatórios detalhados. Para os que ousam desafiar http://veja.abril.com.br/050203/p_066.html

82) Veja - Uma prática em queda livre

Rigorosíssima na vigilância contra quase todas as formas de contracepção, a Igreja Católica combate o uso inclusive da pílula do dia seguinte. Para as autoridades católicas, abortar é tirar uma vida, **nem que** seja potencial. A base dessa afirmação, devidamente acompanhada de argumentações éticas, morais e religiosas, é a definição http://veja.abril.com.br/281101/p_098.html

83) Veja - Veja on-line

Vilela em ótimo desempenho. Porteiro apaixonado, ele acha que, para conquistar sua amada, precisa aparecer na televisão **nem que** seja como assaltante. Na linha comédia rasgada, Um Edifício Chamado 200, baseado em peça de Paulo Pontes, traz Luiz http://veja.abril.com.br/271200/veja_recomenda2.html

84) Veja - Como gente grande

calça boca-de-sino, bordados, miçangas, plumas e pêlos. Gente chique usa bolsa Louis Vuitton? Criança também, **nem que** seja de imitação. Se o guarda-roupa fashion da mamãe tem calça corsário, twin set e sapato boneca, as menininhas querem http://veja.abril.com.br/210799/p_094.html

85) Veja - A sombra do samurai

guerreiro, quando desembainha sua espada, tem de sujá-la, **nem que** seja com o próprio sangue. Senão, a espada perde a alma guerreiro, quando desembainha a espada, tem de sujá-la, **nem que** seja com o próprio sangue", disse ele. "Caso contrário http://veja.abril.com.br/270199/p_156.html

86) Veja - A ferro e fogo

não é chato e, acima de tudo, tem a coragem que deveria ser a de todos os diretores estreados, a de experimentar, **nem que** seja uma vez na vida. Quase não tem história para contar, mas casos para evocar nas conversas entre dois marginais de segunda http://veja.abril.com.br/270897/p_115a.html

87) Viagem e Turismo - Lojinha de Viagem

As viagens de TGV (www.tgv.com) são mais caras do que as de TER, e sempre é preciso reservar com antecedência, **nem que** seja de 10 minutos. Mas o trem rápido atinge até 300 km/hora e é capaz de ir de Paris a Marselha em apenas 3 horas, enquanto regional http://viagemeturismo.abril.com.br/especiais/franca_imperdivel/essencial1.shtml

88) Boa Forma - O trabalho está engordando você?

na academia ou dar uma volta no quarteirão. Relaxa e emagrece! Você passa o dia sentada? Pois comece a andar já! **Nem que** seja para ir até o bebedouro. Identifi que a seguir outras ciladas do trabalho que podem fazê-la engordar. A gente aponta http://boaforma.abril.com.br/edicoes/242/fechado/viva_melhor/conteudo_643.shtml

89) Capricho - .: Capricho .: seja diferente. seja você .: Capricho .: Dormindo com a inimiga pais antes. "O sítio não é dele. Não quero nem saber. Eu e minhas amigas já compramos nossos ingressos e vamos **nem que** seja para chegar lá só para dormir", protesta ela. Mona reclama que também tem menos liberdade que os irmãos. "Tirei carta http://capricho.abril.com.br/quarto/conteudo_107643.shtml fut.pres

- 90) Claudia - Simplicidade feminina
vai tratá-lo como se trata um cachorro. Elas são assim. Mas vocês, homens, ainda não aprenderam? Custa ligar? **Nem que** seja para dizer que ela esqueceu os brincos? Danuza Leão é cronista, autora de vários livros, entre os quais http://claudia.abril.com.br/edicoes/549/aberto/atualidades_gente/conteudo_233200.shtml
- 91) Elle - ELLE
lustre. Algo que a ajude a esquecer esse período. PINTAR as unhas dos pés de vermelho. É óbvio e sempre funciona **nem que** seja para lembrar que você precisa parar de olhar para baixo. SAIR da cidade, mesmo que por um dia. À distância http://elle.abril.com.br/banca/213/01_02.shtml
- 92) Exame - Steinbruch explica a fusão CSN-Corus
fora. Hoje, com a vinda de empresas estrangeiras para o país, nossa prioridade é buscar o mercado internacional, **nem que** seja para voltar mais tarde. Não adianta montar um bloco brasileiro, sem participação lá fora, para competir com empresas <http://portalexame.abril.com.br/empresas/m0061798.html>
- 93) Exame - Cobrar mais para vender mais
Se ficamos todo o tempo trancados na sede da empresa, acabamos esquecendo da alma desse negócio. É importante se reconectar. Durante as festas de fim de ano, quando o fluxo de consumidores aumenta, muita gente do escritório é realocada para as lojas, **nem que** seja para a limpeza. Essa é uma parte crucial de nosso negócio e para todo o setor de café. Estamos crescendo muito rápido <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0770/empresas/m0050602.html>
- 94) Exame - Não basta ser executivo... tem que ser pai
considera "um pouco omisso" em casa por não conseguir se desligar do trabalho. "Eu vou ao escritório até no domingo, **nem que** seja para pegar o jornal." No ano passado, ao assistir a um seminário de auto-ajuda, percebeu que o sucesso da empresa <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0694/m0053549.html>
- 95) Info - INFO Online - Fórum - SERIAIS, CRACKS, E ETC.. A PREÇO DE BANANA!!
TAL GERADOR DE CREDITOS COMO EU...PORRA...PODEM ME ADD NO MSN..PRA FALA COMIGO...QUE EU DO UM JEITO..**NEM QUE** SEJA PRA FALA PELO TEL...É ISSO AI...SE QUIZER ACREDITARACREDITEM SE NAO PACIENCIA... Periodicamente <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=424834>
- 96) Superinteressante - Deixai dizer
conseqüências disso, inclusive legalmente. Mas você deve ter o direito de dizê-lo. E eu o direito de ouvi-lo, **nem que** seja para processá-lo logo em seguida. Não aceito ninguém regulando antecipadamente essa relação. Afinal, não há ninguém http://super.abril.com.br/super2/superarquivo/2004/conteudo_125369.shtml
- 97) Veja - Revista VEJA | Edição 2026 | 19 de setembro de 2007
não é problema. "O importante é ter à disposição. Funciona como as jóias: as mulheres são loucas por elas, **nem que** seja para guardá-las no cofre", brinca. Devido à oscilação da demanda, a tendência é que os serviços sejam terceirizados http://veja.abril.com.br/190907/p_070.shtml
- 98) Veja - VEJA on-line
saída honrosa. A sogra está possuída por mil elfos natalinos extraordinariamente mal-humorados? Dê-lhe um beijo, **nem que** seja para ver a expressão de espanto. A nova mulher do seu ex lhe deu um conjuntinho de panos de prato? Use para abafar http://veja.abril.com.br/201206/p_084.html
- 99) Veja - VEJA on-line
para o convívio social, as pessoas, mais cedo ou mais tarde, vão sentir falta de um bom e velho conjunto de regras **nem que** seja para transgredi-las com conhecimento de causa, o que é plenamente permitido. Uma vantagem da individualidade reinante http://veja.abril.com.br/010904/p_078.html
- 100) Veja - Sábado popozudo
Neogama, Alexandre Gama, afirma que as coisas estão mudando. "Hoje em dia, as mulheres também se ligam nessas atrações, **nem que** seja para falar mal das garotas que mostram seus atributos", diz ele. Não deixa de ser uma tese interessante para você http://veja.abril.com.br/230800/p_150.html
- 101) Veja - Obra instantânea
campo artístico o número de frustrações também deverá diminuir bastante: sempre será possível

editar um livro, **nem que** seja para distribuir entre os amigos e familiares. Mas atenção: se seu objetivo é alcançar o grande público e virar um http://veja.abril.com.br/040899/p_157a.html

102) Viagem e Turismo - Portillo

e "poortillo". Compensa pagar a taxa adicional de US\$ 30 para jantar no classudo restaurante do andar de cima, **nem que** seja apenas por uma noite. Felizmente, as 35 pistas, as piscinas térmicas no deque e a sauna são abertas a todos os hóspedes http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/140/externo/conteudo_234489.shtml

103) Viagem e Turismo - Maldito portunhol

deles. Você não sabe como se diz: "Onde é o banheiro, por favor?" Então faça mímica. Aponte para algum lugar. **Nem que** seja para uma parte do seu corpo. Mas, por favor, deixe esse portunhol maldito em casa. J. PINTO FERNANDES toco

http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/138/viajantes/conteudo_221846.shtml

104) Viagem e Turismo - Fiesta da uva

68%, segundo o Departamento de Turismo). O fenômeno tem até nome: "efeito Gehry". De fato, vale a viagem. **Nem que** seja para acabar como a maioria dos curiosos, barrados pelos seguranças e obrigados a escalar um dos morros das redondezas para http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/136/externo/conteudo_209059.shtml

105) Viagem e Turismo - Num piscar de séculos

Além disso, há o Mercado Central de Kharkhorim, onde os mongóis exercitam um pouco de sua agressividade genética **nem que** seja para encaçapar bolas de bilhar. Um dia de viagem depois, entrávamos nos limites de Ulan Bator. Blocos de apartamentos http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/134/externo/conteudo_191904.shtml

106) Viagem e Turismo - Chega de Saudade

intermináveis. Há muito tempo não se discute o existencialismo francês nessas areias. Mas ainda se faz alguma filosofia **nem que** seja para explicar a profusão de corpos sarados entre os postos 9 e 10, já em Ipanema. Sentei numa cadeira de praia alugada http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/125/brasil/conteudo_120780.shtml

107) Viagem e Turismo - RJ - Rio de Janeiro

logomarca internacional - o padrão ondulado branco e preto, cortesia de Burle Marx; vale uma entrada no Copacabana Palace **nem que** seja para conhecer a tal "pérgula", onde pode-se tomar uma água mineral a 18 reais. E passe, junto com outros 2 milhões http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/132/brasil/conteudo_180119.shtml

108) Viagem e Turismo - [Praias]

bangalôs do Nannai Beach Resort (81/3552-0100. Diárias desde R\$ 1 440). Estique até Cabo de Santo Agostinho **nem que** seja para um mergulho na pequena Praia de Calhetas ou para ter uma visão de pelo menos 180 graus do Atlântico, de cima http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/132/brasil/conteudo_181772.shtml

109) Viagem e Turismo - Viagem e Turismo

Abre às 16h). Não deixe também de passar no Verb Café (218 Bedford Avenue, entre a 4th e a 5th, 599-0799), **nem que** seja para ver os tipos do bairro. Vale também andar até o super cool Diner (85 Broadway com a Berry Street, 486-3077 http://viagemeturismo.abril.com.br/edicoes/130/externo/conteudo_151599.shtml

110) Viagem e Turismo

Uma visita ao Aquário (Nordnesbakken, 4, 47/5555-7171. US\$ 15) vale, mesmo com o preço salgado da entrada. **Nem que** seja para conhecer os peixes que fizeram a fama de Bergen, como os bacalhaus, dispostos num imenso tanque (você já viu http://viagemeturismo.abril.com.br/edicoes/124/supertour/conteudo_114967.shtml

111) Viagem e Turismo - Lojinha de Viagem

entrar e sair dos sobradões seculares da quadra. Muitos ocupados por antiquários. Entre no Lila, no número 607, **nem que** seja para conhecer o belo pátio dos fundos. Outro sobrado dali, com bonita fachada de azulejos, é o do Museu da Energia (o acervo http://viagemeturismo.abril.com.br/edicoes/131/viagemsp/vt131_itu.shtml

112) Superinteressante - Mercado de excentricidades

próprias home pages, era totalmente desconhecida. Pelo menos dois desses anônimos célebres merecem uma visitinha, **nem que** seja por curiosidade. Cindy Margolis (www.cindymargolis.com) talvez seja a campeã de visitaçao nessa categoria. Mas o http://super.abril.com.br/super2/superarquivo/2001/conteudo_119438.shtml

- 113) **Exame - Na China, nem todo negócio tem sucesso garantido**
trader "Para se vender commodities, é bom ver uma forma de ter um contato mais próximo com as empresas chinesas, **nem que** seja por meio de um representante. Se a pessoa está em um negócio de venda direta para clientes, é bom vir à China montar <http://portalexame.abril.com.br/internacional/m0061228.html>
- 114) **Claudia - Ao tempo perdido**
você, onde estiver. Cancelarei compromissos, emendarei feriados, mas tenho certeza de que te encontrarei de novo. **Nem que** seja por um só segundo. Quem sabe, então, quando estivermos frente a frente, verei que você não se foi em vão http://claudia.abril.com.br/edicoes/547/aberto/atualidades_gente/conteudo_221670.shtml
- 115) **Veja - VEJA on-line**
quando o trabalho está mais puxado, até a reza antes de dormir são fiscalizados por telefone. "Tento estar presente, **nem que** seja por mensagens de texto", diz Karina. Drogas, comuns no mundo dos pais moderníssimos, são, sim, uma preocupação http://veja.abril.com.br/010306/p_088.html
- 116) **Veja - VEJA on-line**
pagadores de impostos a conviver anos a fio. Mas, embora não seja o ideal, uma explicação de Lula já bastaria. **Nem que** seja por etiqueta, elegância ou respeito. http://veja.abril.com.br/260504/andre_petry.html
- 117) **Veja - Glória efêmera**
anonimato. A maioria das pessoas convive bem com o fato de não ser estrela, mas experimente prometer-lhes o gosto da fama **nem que** seja por quinze minutos, como quantificou o artista pop americano Andy Warhol. Demonstrando fé inaudita na vaidade humana http://veja.abril.com.br/100299/p_110.html
- 118) **Viagem e Turismo - Viagem e Turismo**
Quer conhecer direitinho a cidade? caminhe. Cinco roteiros para você se sentir carioca **nem que** seja por uma tarde Quem vai ao Rio a passeio é logo acometido de uma vertiginosa sensação de falta de tempo. Como aproveitar <http://viagemeturismo.abril.com.br/edicao082002/rio/index.html>
- 119) **Viagem e Turismo -**
antiga capital do país, há trens praticamente a cada hora (170 quilômetros em duas horas). Ou seja, vale a visita **nem que** seja por apenas um dia. A caminhada do castelo à catedral pela margem do Rio Aura vale a viagem. Mas não há muito mais http://viagemeturismo.abril.com.br/edicoes/106/viajantes/conteudo_45180.shtml
- 120) **Veja - VEJA on-line**
biólogos como Stephen Jay Gould e Richard Dawkins. Nos últimos tempos, porém, os números vêm ganhando em popularidade (**nem que** seja pela via de passatempos numéricos como o sudoku). Dois lançamentos revelam o potencial da matemática para fascinar o leigo. O Universo http://veja.abril.com.br/181006/p_156.html
- 121) **Veja - Utopia ao piano**
treze minutos não é mais uma diferença. É uma eternidade. Paradoxalmente, vale a pena ouvir o CD de Zimerman. **Nem que** seja pelas discussões que provoca. http://veja.abril.com.br/050100/p_138.html
- 122) **Veja - Veja 24/02/99**
avião ou trem, quadruplicam os riscos de entupimento das veias das pernas. De hora em hora, levante-se e caminhe **nem que** seja pelo corredor. Um estudo da Universidade Johns Hopkins revela que visitar o dermatologista duas vezes por ano é importante http://veja.abril.com.br/240299/p_036.html
- 123) **Bons Fluidos - Bons Fluidos**
inclusive, colocar a vida ou a saúde deles em risco. Mas, muitas vezes, tudo o que querem é um aval para voar, **nem que** seja pelo quarteirão. Nesse sentido, o escritor mineiro Paulo Mendes Campos tem um texto incisivo: "Nosso amor pela <http://bonsfluidos.abril.com.br/edicoes/0065/canal3c/a.shtml>
- 124) **Exame - Para setor agrícola brasileiro, Alca light é indesejada**
CNA. O esforço dos governos se limita, portanto, em fazer andar as negociações (o que não aconteceu em Cancún). **Nem que** seja apenas um passo de tartaruga. [utils.moveBanner\('oas_top', 'oas_top_display'\); utils.moveBanner http://portalexame.abril.com.br/economia/m0058336.html](http://portalexame.abril.com.br/economia/m0058336.html)
- 125) **Info - INFO Online - Fórum - burlar firewall**

5 MB, ou seja, não consigo mais baixar filmes pela net... Alguém conhece alguma forma de burlar o firewall? **nem que** seja apenas pra usar o messenger? Que eu saiba não aparece nos servidores linux, nem no win 2003 server!!! <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=202119>

126) **Veja - Revista VEJA | Edição 2022 | 22 de agosto de 2007**

fica. Mas basta observar algum tempo qualquer pessoa sentada pra perceber que a mudança é fundamental ao ser humano. **Nem que** seja apenas pra descansar a outra parte da bunda. O famoso arquiteto Sérgio Rodrigues, sentado em sua famosa Poltrona <http://veja.abril.com.br/220807/millor.shtml>

127) **Veja - Sexo sem culpa**

moralista, mas o sexo é realmente melhor quando as pessoas se conhecem, se amam e estão dispostas a ficar juntas. **Nem que** seja apenas por um período. Veja Em especial, qual é o fascínio que o sexo casual exerce sobre as pessoas? Regan Basicamente <http://veja.abril.com.br/210600/entrevista.html>

128) **Capricho - :: Capricho :: seja diferente. seja você :: Capricho :: seja diferente. seja você**

perfeita...ou seja..que sou assim sem esforço nenhum!! : Eu quero largar tudo que eu tenho pra ficar contigo! **Nem que** seja só pra te olhar, ficar perto de você e sentir seu cheiro, pro resto de minha vida (do meu namorado) :D Deveria http://capricho.abril.com.br/forum/55603_comentarios.shtml

129) **Capricho - :: Capricho :: seja diferente. seja você :: Capricho :: seja diferente. seja você**

sentirem assim, caso isso aconteça eu já dou um jeitinho de pensar em algo positivo, e pronto, me torno linda novamente, **nem que** seja só pra mim. (melhor que ninguém neh) Auto estima? o q é isso ? é de comer? ... foi isso q eu vi em uma comunidade http://capricho.abril.com.br/forum/34753_comentarios.shtml

130) **Claudia - Madonna, querida**

que falo de peito, não seios. E que o pior medo é aquele de si própria. Assim, lá vamos todas nós errar, felizes, **nem que** seja só para dar um ruído à pasmaceira. Pois bem, você sabe como se sente uma garota nos dias de hoje? Ela se sente http://claudia.abril.com.br/edicoes/532/aberto/atualidades_gente/conteudo_111019.shtml

131) **Viagem e Turismo - Onde é Melhor**

ajude a mudar isso). Mesmo assim, vale a pena percorrer os 10 km que separam a Praia do Francês dessa cidade histórica **nem que** seja só para ver (e comprar) as bonitas e baratas rendas de bilro e labirinto. O código telefônico da Praia do Francês http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/133/brasil/mt_ondemelhor_184900.shtml

132) **Viagem e Turismo - A mais sofisticada**

está o descolado e elegante Capuccino Gran Café, construído num palacete do século 18. Vá até o pátio interno **nem que** seja só para tomar um capuccino com creme e conhecer o lugar, freqüentado pelas mulheres mais bonitas das Baleares. Saindo da Plaza http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/94a/externo/conteudo_217122.shtml

133) **Viagem e Turismo - Viagem**

E, quando se cansar da paz, o hotel Conrad estará sempre lá, com seus shows e seu cassino. Diversão garantida. **Nem que** seja só para olhar. Foi o que fizemos na manhã em que pegamos o lindo caminho que liga Punta a nosso próximo destino http://viagemeturismo.abril.com.br/edicao94/externo/leia_reportagem_uruguai.shtml

134) **Viagem e Turismo - Viagem e Turismo**

poeta (que dois dias depois participaria de um congresso de poesia na Vancouver Public Library, outro lugar para ir, **nem que** seja só para ficar ali no saguão, tomando um café ou escrevendo um diário). "Quero espalhar sorrisos", ela disse <http://viagemeturismo.abril.com.br/especiais/canada/vancouverites2.shtml>

135) **Claudia - Xamanismo**

intuição aguçada e o dom de compreender os outros. Romântica, apaixonada-se muito e pode ir atrás de pares amorosos... **nem que** seja só por curiosidade. Sua tarefa é colocar os pés no chão, pois corre o risco de realizar pouco. Aprenda a lidar http://claudia.abril.com.br/edicoes/548/aberto/emocoes_espiritualidade/conteudo_229140.shtml

136) **Info**

natureza, caleidoscópios. Tudo isso combinado compõe o kit de relaxamento e meditação oferecido pelo Natura Sound Therapy, um software para quem quer se desconectar da dura realidade do mundo físico **nem que** seja só por alguns minutos. <http://info.abril.com.br/download/3853.shtml>

137) **Viagem e Turismo - Arrombassi!**

idades mais dinâmicas do mundo. Floripa continua arrebatando - e, mais do que nunca, todo mundo quer ser manezinho, **nem que** seja só por uns dias de verão. 10 motivos para ir e voltar sempre: 1. A BR-101 duplicada - Caminho do mar http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/133b/brasil/conteudo_219021.shtml

138) Viagem e Turismo - Sábado de arte e luxo

9h00 Um pouco de história As ruas da capital portenha abrigam diversas construções antigas que valem a pena conhecer - **nem que** seja só por fora. Por isso, quem conseguiu dormir relativamente cedo pode fazer uma caminhada para ver os edifícios históricos da Av http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/externo/conteudo_184410.shtml

139) Exame - Amo o caos

fosse proprietário das gravadoras e produtoras de cinema, o que faria? Muito simples: tentaria achar algum meio, **nem que** fosse experimental, para colocar tudo na internet. Fazer a transição do vinil para o CD foi fácil, mas mudar do CD para a Internet <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0768/tecnologia/m0052445.html>

140) Veja - VEJA on-line

dirigentes envolvidos na criminalidade. A comissão de ética do partido está empoeirada. Em vez de pedir um julgamento, **nem que** fosse apenas para dar um verniz de democracia partidária, um pedaço do PT já pede perdão. É o acobertamento em seu figurino http://veja.abril.com.br/140207/andre_petry.shtml

BLOGS

141) 10 ago. 2007 por thatyhamada

Ele invade como um maremoto o coração até dos mais sofridos, dos mais amargurados, e **nem que** seja por um segundo desfaz tudo aquilo que as circunstâncias criaram, mesmo que pelo segundo seguinte elas voltem a torturar e espremer o ...nem toda brasileira é bunda. - <http://thatyhamada.livejournal.com/>

142) Timidez Sexual

Outubro 8th, 2007

Vou contar um segredo e talvez vocês até achem que é brincadeira, mas juro que não é. Sou tão neurótica com esta coisa de consensualidade, que até pra dar um beijo na boca, tenho que perceber no outro a intenção. Quem dirá chupar um pau... **Nem que** seja com o olharzinho safado e um falso-tímido: "Posso?!" eu pergunto. <http://meandmysecretlife.wordpress.com/2007/10/08/timidez-sexual/>

143) Nem sempre vale a pena

4 out. 2007 por crownedvic

E acreditam, mesmo existindo sob uma condição tão asfíxica, que no fundo no fundo são felizes, ou que algum dia virá a felicidade (**nem que** seja após a morte), e que tudo ou quase tudo é lindo e maravilhoso, que coisas ruins acontecem ...Nada Pensativo! - <http://pensativo.wordpress.com> EU NÃO SIRVO

144) 12 set. 2007 por weslei candido

O próprio blog é um desejo incalado em ser lido, de abrir nossa intimidade aos outros homens e mulheres que um dia poderão olhar, **nem que** seja de soslaio, para nosso material textual, este adúltero que não aceita ser preso de só dois weslei candido - <http://wesleicandido.blogspot.com/>

145) DUAS CABEÇAS (NEM SEMPRE) PENSAM MELHOR DO QUE UMA

15 ago. 2007 por MURILO MESQUITA

Acordar domingo de manhã em Corumbataí é uma das coisas mais prazerosas que eu gosto de fazer, **nem que** seja para não fazer nada. Alguns vão a missa, outros irão passar o dia na casa de parentes, passear com o cachorro, lavar o carro, ...MURILO MESQUITA - <http://muriloadministrador.blogspot.com/>

146) Tomaz Morais: «Ganhar **nem que** seja por 1 ponto»

24 set. 2007 EM TOULOUSE.
«LOBOS» JÁ ESTÃO

Record online - <http://www.record.pt> - Referências

147) nem FROID explica

17 set. 2007

... pra não te ver partir nem tão perto, nem tão longe sei bem onde você está e mesmo sem ter muita chance ainda pretendo te alcançar **nem que** seja em um segundo eu já vou poder sentir o que senti

naquela noite que me faz não desistir..
 ♪Käkä & Gä&@;ëf♪ - <http://kakaegabi.spaces.live.com/>

148)[Unknown] Eu escrevo aqui, **nem que** seja qualquer ... 10 ago. 2007 por Erica
 [Unknown] Eu escrevo aqui, **nem que** seja qualquer coisa. Fala comigo, **nem que** seja qualquer coisa. O que é que te tira o sono à noite ou te bota gelo no estômago pela manhã? Eu saí correndo, dava pra ver o vento escapando no meu cabelo, ...
 A vida moderna de Erica Hans - <http://ericahans.blogspot.com/>

149)Mas nem soh de rosas....

17 set. 2007 por Lenora
 Na verdade nao, o mar eh calmo e quente. Ou seja, surfistas, nanao... Adorei, nem conto. Mas ja deu para reaver meu bronzeadado =P Pessoal, mais noticiais alem. Por favor, comentem, perguntem, contem alguma coisa, **nem que** seja mentira. ...
 Lenora nos EUA - <http://lenoranoseua.blogspot.com/>

150)Boca, pele, cheiro Preciso te ver Nem que seja p..

9 ago. 2007 por Fê Grimaldi
Nem que seja por um instante. Uma pequena fração do tempo. Preciso te ver. Poder sentir a segurança das suas mãos. O afago do teu abraço. O calor do seu beijo. A sensação da sua presença. Pois a cada dia que passa ...
 Welcome to the jungle - <http://withthecloud.blogspot.com/>

151)24 ago. 2007 por MULHER E GUERREIRA POR NATUREZA!!!!

Pôxa, quando queremos somos fortes, decididas, enérgicas, habilidosas, sutís, extremamente responsáveis, eficientíssimas, organizadíssimas, ... **Nem que** seja em algo específico...mas não deixamos tais habilidades abandonadas ao léo! ...
 MULHER E GUERREIRA POR NATUREZA - <http://mulhereguerreirapornatureza.blogspot.com/>

152)Admiração

8 out. 2007 por Lealdade Feminina
 Se ele cozinha, seja lá a gororoba que for, elogiamos, incentivamos, **nem que** seja pra ver se ele melhora (será?...rs...). Mas se é uma amiga, ou outra mulher é sempre uma criticazinha, mesmo se estiver doendo de bom, ao invés de elogiar .
 LEALDADE FEMININA - <http://lealdadefeminina.blogspot.com/>

153)Crescer

4 out. 2007 por Revisora do p...
 Um dia você vai descobrir que dançar ao som do Calypso ou de quem quer que seja é questão de permitir-se, **nem que** seja por um momento. Um dia você vai descobrir que gostar do livro x ou y é questão de abster-se de parâmetros e tentar Revisora do Prazer -
<http://revisoradoprazer.blogspot.com/>

154)Deslizes

6 set. 2007
 As coisas que faço realmente demoram, mas espero que saiam perfeitas e do jeito que imaginei que fosse, estou amando ainda mais quem amava e acabei perdendo por besteiras, mas em outras bocas estou tentando te esquecer **nem que** seja por um segundo...Fiz um acordo de coexistência com o tempo:... - <http://amandabacelar.spaces.live.com/>

155)Delicia da minha vida!!! Nem consegui falar com vc

9 ago. 2007 por Olhos de Queijo
 Essa distância, muito maior que antes, que me deixa aflita, eu preciso de vc, já disse, **nem que** seja apenas pra vê-lo por alguns minutos, mas é importante pra mim poder sentir vc por perto!! Sei que qdo estamos juntos sai até faísca, ...
 Olhos de Queijo - <http://olhosdequeijo.blogspot.com/>

156)Amigo.

16 nov. 2007 por Boninha
 Amigo agüenta suas crises no MSN de madrugada, liga pra você **nem que** seja pra ficar em silêncio, conversa com você **nem que** seja sobre a falta de assunto, espera você voltar pra casa pra conversar, faz farra com você, te entende só por ...Procurando a ponta do durex. -
<http://pontadodurex.blogspot.com/>

157)Mande Nem Que Seja Um Telegrama Odair José

<http://letras.terra.com.br/odair-jose/357672/>

158)8 ago. 2007 por E.I.

... renovar sem primeiro se tornar cinzas? - Assim falou Zaratustra Se você já perdeu seu tempo lendo o que eu escrevi não custa nada perder mais um pouquinho e comentar! ;) **Nem que** seja

um Vai se foder!, mas ta valendo. Sejam felizes! :)

Nem desconfio - <http://nemdesconfio.blogspot.com/>

159)Olá :)

Essa Noite Hoje, **nem que** fosse só por um momen...

ago. 2007 por CRAZY in LOVE

Hoje, **nem que** fosse só por um momento,. Eu queria ter o prazer de te encontrar. Olhar nos teus olhos e ter a certeza;. De que a linguagem do silêncio,. Falaria mais do que nossos lábios. Queria tocar teu rosto de mansinho, ...

Crazy in Love - <http://crazyinlovetoo.blogspot.com/>

160)“QUERIA TER VOCÊ, **NEM QUE** FOSSE POR UM MINUTO. SÓ DE TE OLHAR FICO LOUCA DE FELICIDADE. MAS A VIDA É ASSIM, SE EU AINDA NÃO PUDE TE TER É POR NÃO CHEGOU A HORA DE NÓS DOIS. O TRISTE É SABER QUE VOCÊ JÁ ME OLHOU TANTAS VEZES E NEM NOTOU ...

★...Blog...★...da...★...Dre...★ - <http://andressaprato.blogspot.com/>

161)**Nem relativizando...**

12 nov. 2007 por Francisca Correia

Só pedia alguma coisa que me teletransportasse para longe do centro da minha ansiedade, **nem que** fosse trágica! Estava tão desesperada que nem sabia o caminho da faculdade, não parava de pensar que me faltava alguma coisa, um código, ...

iFrancisca - <http://ifrancisca.blogspot.com/>

162)A irrelevância é o único e verdadeiro Inferno

6 out. 2007 por Cardoso

Ela chegou a ter crise de choro por perder o ônibus na saída do curso, pois os pais sabiam os horários e se ela chegasse atrasada (**nem que** 10 minutos) ficaria de castigo. Ela só falava comigo dentro do curso, do lado de fora algum ... Contraditorium - <http://www.contraditorium.com> -

Referências

163)O Mágico de Floyd ?

2007 por Giselle

Assim, a gente fez uma espécie de guia para quem quiser fazer a experiência e adiantamos: vale a pena, **nem que** apenas por curiosidade. (Siga o link de tijolos amarelos e termine de ler, me arrepiou só de ler). ...

arroz-feijão - <http://gisellezayat.wordpress.com>

ANEXO B – Construções Concessivas de Polaridade Negativa (Tipo **Negativo**)

Construções Concessivas de Polaridade Negativa (Tipo **Negativo**): **IPN MÁXIMO**

NILC

- 1) **Não** se afobe, **nem que** tenha que esperar até os 25 anos para perder a virgindade. "
- 2) E **nem que** tivesse, eu **não** falaria», disse Serra
- 3) a altura, a gente já sabia que quem fosse para a tropa não se livrava, **nem que** fosse manco, ninguém se livra não é, na altura era assim .
- 4) Eu **não** o apoiaria **nem que** ele fosse o último dos moicanos.
- 5) havia prometido a mim mesmo que **não** iria a Manhattan **nem que** por lá aparecesse o King Kong em cima do Empire State cena que vi no cinema
- 6) Ou, então, como seu contrário, o fleumático Ademir da Guia, cuja pressão **não** subia, nem descia, **nem que** chovesse canivete .-
- 7) «Ela **não** perdia uma frase, **nem que** isso custasse perder um amigo», diz a paulistana Maitê Proença, estrela principal do musical «Histórias de Nova York»
- 8) E Mazinho **não** se ajustaria às funções de Raí **nem que** a Copa levasse cem anos de duração
- 9) Não haverá paz **nem que** vivamos dezenas ou centenas de anos, frisou Assad
- 10) E daqui **não** saio, **nem que** me empurrem .
- 11) A gente já sabe que a Globo **não** tira a novela das oito do ar **nem que** César Maia ponha fogo na cidade
- 12) Agora, **nem que** eles nos procurem **não** sentimos mais vontade de ter um diálogo com eles
- 13) Senhor Sampaio, **nem que** chova daqui **não** saio
- 14) Um aviso ao departamento técnico da Federação de Futebol do Rio de Janeiro: no estádio de Barreira **não** cabem dez mil pessoas **nem que** se passe vaselina no corpo de todas elas .-
- 15) Eu falei para eles: **nem que** vocês me paguem um milhão de dólares *eu gravo um comercial dizendo*

ABRIL

- 16) Exame - Grupo que comprou Varig avalia plano de contingência
operações devido aos movimentos judiciais das empresas de leasing norte-americanas. "Não vamos deixar a Varig parar, **nem que** tenhamos de implementar um plano de contingência, com um número menor de aeronaves, para passar esse momento de transição <http://portalexame.abril.com.br/negocios/m0082664.html>
- 17) Info - INFO Online - Fórum - Como gravar no zelda majora's mask!
dar o load na coruja, seu jogo ira automaticamente se apagar, entao nao se esqueca de sempre salvar antes de desligar, **nem que** voce tenha q voltar no tempo. Periodicamente, os textos mais antigos são retirados, para evitar sobrecarga nos <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=500299> –
- 18) Veja - VEJA on-line
está hoje mais para pretexto do que para finalidade do MST. Não há mais latifúndios improdutivos para ser distribuídos. **Nem que** houvesse, o MST **não** os aceitaria. Quer a coisa pronta, com infraestrutura já instalada. Não há terras improdutivas mas também http://veja.abril.com.br/250505/tales_alvarenga.html
- 19) Info - INFO Online - Pergunte à Lúcia
combina com a função e com a empresa. Agora, imagine esse mesmo indivíduo concorrendo a uma vaga de consultor SAP. **Nem que** ele vestisse terno, raspasse a cabeça e tirasse o piercing *teria*

chance a tatuagem o eliminaria da disputa. Quem contrata
http://info.abril.com.br/carreira/pergunte/arquivos/pergunta_283.shl

- 20) **Info - INFO Online - Plantão Info - MP dos chips só terá efeito em 2007, diz Furlan**
 pelo secretário de Política Econômica da Fazenda, Júlio Sérgio Gomes de Almeida. O secretário chegou a dizer que "**nem que** o governo arriasse as calças" teria *condições de conceder incentivos fiscais*. Todas as notícias do mês Outubro
<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/082006/21082006-8.shl>
- 21) **Superinteressante - Se você fosse bicho**
 matéria sólida. Os restantes 99% são água pura. No homem, a água equivale, em média, a 65% da sua massa. **Nem que** você derretesse todos os seus ossos (20% de seu peso), *conseguiria ficar tão aguado quanto as águas-vivas*. O guepardo
http://super.abril.com.br/super2/superarquivo/1997/conteudo_115862.shtml
- 22) **Superinteressante - Superatleta**
 Até porque, dependendo do esporte, determinadas características físicas são essenciais. Veja o caso do basquete. **Nem que** se esforçasse como louco, *um baixinho teria chances de competir hoje em dia*. Além disso, não são incomuns os casos de
http://super.abril.com.br/super2/superarquivo/1996/conteudo_115461.shtml
- 23) **Veja - À sombra da crise**
 certo, a vida não será fácil em 1999", afirma Marcel Solimeo, economista da Associação Comercial de São Paulo. "**Nem que** as exportações cresçam muito *será possível criar postos de trabalho em número suficiente para manter a taxa de emprego*
http://veja.abril.com.br/100399/p_042.html
- 24) **Veja - A regra é dobrar**
 compra-se uma inteira no supermercado. No vizinho Splendido, uma garrafa de Châteauneuf du Pape sai por 115 reais. **Nem que** fretasse um avião *justificaria os 140% de acréscimo sobre os 48 reais da prateleira*. Já no carioca Margutta, onde o português Quinta
http://veja.abril.com.br/251198/p_114.html
- 25) **Veja - VEJA on-line**
 fazer da melhor forma possível só e apenas uma comédia romântica. Mas o verdadeiro ás aqui é Bettany, um ator que, **nem que** quisesse, *conseguiria errar*. Bettany tem brilhado em papéis tão diversos quanto o médico de bordo de Mestre dos Mares, o amigo imaginário
http://veja.abril.com.br/201004/p_159.html
- 26) **Veja - A colônia, de A a Z**
 é o da madre Vitória da Encarnação, do convento baiano de Santa Clara do Desterro. Quando menina, *ela dizia que nem que* lhe cortassem a cabeça *entraria num convento*. Mas entrou e que freira nos saiu! Só comia sentada no chão. Carne, nunca http://veja.abril.com.br/041000/p_218.html
- 27) **Veja - Com luz própria**
 tradicional de esposa de governador. "Não vou a chazinho **nem que** me paguem" A primeira-dama baiana Tércia Borges, 36 anti-social do planeta. Não vou a chazinho e a desfile **nem que** me paguem", diz. Renata Jereissati, rica e poliglota http://veja.abril.com.br/230102/p_036.html
- 28) **Boa Forma - As meninas da BOA FORMA**
 pode fazer mal. Conversem com o educador físico. Não tomem nenhum tipo de medicamento para "queimador de calorias", **nem que** lhe digam que é "natural". Cuidado com produtos como "hormônio do crescimento". Poderão lhe dizer que queimam calorias
http://boaforma.abril.com.br/edicoes/235/fechado/Artigo/conteudo_559.shtml
- 29) **Boa Forma - Comemore as pequenas vitórias**
 gorda. Mas isso não quer dizer que não sou inteligente e **nem que** não mereça ser feliz. A gordura a incomoda? Então, vou não a você. Não tome remédio por conta própria. **Nem que** sua amiga diga que "é bom". Pode ser bom para ela e para
http://boaforma.abril.com.br/edicoes/202/fechado/Artigo/conteudo_360.shtml
- 30) **Exame - Mais de 55 000 km de buracos**
 precisam defender os contratos, e não questioná-los na Justiça. Nesse caso, o empresário não vai querer a estrada **nem que** o Estado implore. O setor de transporte é atingido por falta de investimentos e também por um planejamento falho. O Brasil aplicou um volume pesado de recursos <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0830/economia/m0041126.html>
- 31) **Exame - Sobe e desce**
 acende-apaga das luzinhas que indicam os andares, não se move um milímetro para lado nenhum e não baixa o queixo erguido **nem que** o elevador despenque no poço. Os isolados acreditam que o

resto da humanidade só está aí ocupando espaço. No dia em que <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0689/m0048864.html>

32) Exame - Alta ansiedade

da área, não deixa nada parado na mesa nem sai do escritório sem ter checado toda a correspondência no computador - **nem que** isso demande jornadas de trabalho de 12 horas. Fábio Nogueira, 35 anos, diretor de crédito imobiliário e poupança do Banco <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0624/m0051289.html>

33) Elle - ELLE

saída é: A. Dividir a compra em cinco parcelas sem juros. Você não vai perder essa oportunidade de jeito nenhum. **Nem que** passe quase a metade do ano pagando as prestações. B. Se ajoelhar na loja e pedir mais 10% de desconto à vista. Se http://elle.abril.com.br/n_testes/financas.shtml

34) Info - INFO Online - Fórum - Problema no Crystal Reports 9

APARECE QUANDO ABRO O REPORT VIEWER PELO VB6: Bom dia amigo, por favor tem como voce me passar o CR9.0 num acho **nem que** a porra, pode me passar o link para que eu possa baixar? grato solooplayermaster@pop.com.br Periodicamente <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=226025>

35) Exame - Um imposto a menos

da educação. "Essa tributação é um atentado", dizia. "Vou continuar não recolhendo nem um centavo ao INSS, **nem que** seja multado mil vezes". Hoje - Não precisou. Silvino Geremia não é mais um fora-da-lei. De acordo com a Lei no 9528, de 10 de dezembro <http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0656/m0046155.html>

36) Viagem e Turismo

O único conselho que se pode dar a quem pensa em ir a Veneza é: não vá sozinho. **Nem que** você seja movido por uma incontrolável fome de arte ou por um súbito interesse pelos povos da Itália. Tudo na cidade flutuante conspira. Casais http://viagemeturismo.abril.com.br/edicoes/100/conteudo_29100.shtml

37) Claudia - Carta-desabafo-padrão

sério. Nunca mais quero ouvir a sua voz, mesmo que seja se derramando em desculpas. Nunca mais quero ver a sua cara, **nem que** seja se debulhando em lágrimas arrependidas. Quero que você suma do meu contato, igual a um vírus ao qual já estou imune http://claudia.abril.com.br/edicoes/534/aberto/atualidades_gente/conteudo_158245.shtml

38) Info - INFO Online - Fórum - EMULADOR PARA PLAYSTATION 2

pelo menos até onde eu joguei rodou(sem falhas e velocidade normal),o resto é resto. Nome do emulador:Ñ digo **nem que** a vaca tussa!!!!Meu amigo teve um trabalhão de acha e eu num vou divulgar. Onde achar: Tb ñ digo, se ñ revelei <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=114372>

39) Info - INFO Online - Fórum - COMO IMPRIMIR COM IMPRESSORA USB VIA DOS NO WIN98SE ?

agilizaria o meu trabalho , só que a maioria dos meus programas são em clipper , ou seja , no dos e a danada não imprime **nem que** a vaca tussa. pro favor me ajudem o mais depressa possivel.Para maiores informações : sistema windows 98SE No Brasil <http://info.abril.com.br/forum/forum.php?topico=357831>

BLOGS:

40) Receita de Cheesecake com logurte e razões pelas quais esse blog ...

22 set. 2007 por Nem

(não... **nem que** ela tivesse a estilista da Diana... nem assim *ela deixaria de ter aquela aparência de pobre...*) Talvez eu fale muita auto-ajuda nesse blog e esteja ficando a cada dia mais loiro do que já sou graças ao excesso de sol ...

Nem - <http://nananinanem.blogspot.com/>

41) 2Out. 2007

Nem que eu tivesse dois pulmão *eu alcançava essa bola...* Clique no link para ler a piada completa.

ZéBisteca! - o site da diversão - <http://www.zebisteca.com.br>,

42) Por incrível que pareça eu

2 horas atrás por Paranoid
 Imagina eu, formatando o Mac OS X do meu MacBook e instalando o "Vizta", ou alguma outra coisa terminada em "ista" ou pior, qualquer outro software da Microsoft, **NEM QUE ELES ME PAGASSEM!!! DE JEITO NENHUM!!!**. :-D. Meio Bit - Comentários - <http://www.meiobit.com>

43) Nem que chova canivete
 (Ataulfo Alves)

Nem que chova canivete, Odete
 Nem se o sol refrigerar, Guiomar
 Nem que o cinco vire sete, Arlete
 Eu não deixo Dagmar sambar
 Sei que sou um ciumento, João Bento
 Sei que sou um egoísta, Batista
 Mas não vou dar grão de milho, Castilho
 Pra criação do vizinho, Carlinhos

44) 1 hora atrás

Mas **nem que** o homem esteja com a mãe com um pé na cova ou sob tortura extrema você *logrará escutar isso da boca de um*. Coisas que um homem jamais falará. Metamorfose Digital - <http://www.mdig.com.br/>

45) Nem sob tortura

O caminho mais fácil nem sempre eh melhor que o da dor

7 ago. 2007 por Verônica =)
 Senti muita falta de alguém. Mas já passou... essa pessoa, esse medo, aqueles sonhos... Eo coração está melhor. Mas nada vai ser como antes, não vou mudar por ninguém. **Nem que** isso custe uma grande perda.
 Meu mundo de cabeça pra baixo - <http://mundorosadave.blogspot.com/>

46) Nem só de guitarra vive o homem

18 nov. 2007 por Ernesto Dias Jr.
 Passa aqui pra gente montar junto -- e disse meu apelido de família que eu não revelo aqui **nem que** a vaca fique roxa de tanto tossir (não somos da mesma família apesar do sobrenome -- mas ele descobriu, fazer o que...) ...
 Assertiva - <http://assertiva.blogspot.com/>

47) Passado o ímpeto de imaginar colocar aqui um 'furo de reportagem', que nenhum outro órgão foi capaz, fiquei com a sensação que foi preferível perder a notícia do que protagonizar nova tragédia...

E a certeza de que se atropelo a ética caio na armadilha do sensacionalismo barato que irá me afastar definitivamente das pessoas que me confidenciam na confiança de serem preservadas...

Nem que apareça alguém do porte de um Paulo Maluf e me entregue o número de suas contas no exterior...

Quer dizer, aí não tenho certeza... <http://jorgeschweitzer.spaces.live.com/blog/cns!335E0E21D84FF041!8815.entry>

48) Brinquedos que eu nunca vou conhecer Esse brinquedo ao lado é o Slingshot Ride, uma espécie de catapulta para duas pessoas que se sentam inocentemente em duas cadeiras confortabilíssimas e depois são arremessadas a uma altura de 60 metros somente presas por dois cabos tipo elásticos manja?

Passa pela cabeça de vocês que eu iria num brinquedo desses?
 Mas neeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeem ferrando! **Nem que** me paguem!
 Na verdade, se me pagarem bem eu até vou, caso contrário continuarei no carrossel mesmo...

<http://impressionanteblog.blogspot.com/2008/06/brinquedos-que-eu-nunca-vou-conhecer.html>

49) Cuecas 2 PRES DO SUBJ
 Camisa física, ou regata não pode, de jeito nenhum. **Nem que** você seja o Cauã Reymond, tá legal?
 Calça estilo capoeirista e havaianas, só se você for mesmo capoeirista, entende? Cantinho do Pavão - <http://cantinhodopavao.blogspot.com/>

50) 7 out. 2007 por Paula Góes
A população, acuada, não quer nada além de tranqüilidade, **nem que** ela seja alcançada à base de bala. E embora o filme de José Padilha apresente em algum momento a complexidade da questão, ela não é aprofundada. ...[Global Voices em Português - http://pt.globalvoicesonline.org](http://pt.globalvoicesonline.org)

51) **Não largo nem que a vaca tussa**

Que "Maldição do 71" o que, companheiro.

Demoro para achar, e quando acho, vem uma maldição logo de cara. Eu hein...é ruim de tomar de mim, visse?

posted by Julio Nunes at 18:44 [Siberian Kiss - http://03111979.blogspot.com/](http://03111979.blogspot.com/)

52) **Nem que a vaca tussa**

3 ago. 2007 por Angelo Rigon

Ele disse: "De minha parte, uma dobradinha dessa não se viabilizaria nunca, nem nessa e nem em outra encarnação. A especulação é livre, e eu também sou livre, para dizer em alto e bom som: nem que a vaca tussa!". [Blog do Rigon - http://angelorigon.blogspot.com/](http://angelorigon.blogspot.com/)

Construções Concessivas de Polaridade Negativa (Tipo Negativo): **IPN MINIMO**

NILC

1) **Não** é possível guardar uma cópia de cada filme, **nem que** se queira

ABRIL

2) **Viagem e Turismo - Da ginjinha ao leitão**
portuguesa Da ginjinha ao leitão Quem está em Lisboa não pode perder a chance de percorrer as cidades em volta, **nem que** seja por apenas um dia. O ponto de partida é Óbidos, a 100 quilômetros - o trecho mais comprido do trajeto -, uma vila medieval
http://viagemeturismo.abril.com.br/vt/edicoes/141/externo/conteudo_239445.shtml

3) **Veja - VEJA on-line**
Vanessa, e uma colega: vale tudo, até biquíni em Manhattan Seria reconfortante poder dizer que Gisele Bündchen, **nem que** fosse por ser tão linda, escapa ilesa do desastre que é Táxi (Estados Unidos, 2004), em cartaz no país a partir de sexta-feira http://veja.abril.com.br/031104/p_143.html

4) **Capricho - .: Capricho .: seja diferente. seja você A incrível história... do cineasta que nunca tinha ido ao cinema :: Capricho .:**
São Paulo, ficou um pouco preocupado, me disse para tomar cuidado e não sair sozinho à noite", acha graça. Mas **nem que** ele **quisesse** cair na balada *daria conta*: o ritmo do curso foi puxado. Durante 15 dias, Marcondes teve aulas de direção, roteiro
http://capricho.abril.com.br/quarto/conteudo_152299.shtml

5) **Exame - A sombra do triângulo**
meio de cheques pré-datados. O sistema facilita a vida da clientela, mas também é bom para o Arcom. Explicação: **nem que quisesse** o *Arcom* *daria conta de sustar um cheque* (semanalmente são emitidas cerca de 60 000 notas fiscais, às quais corresponde
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0643/m0053143.html>

6) **Exame - A briga na Granja chegou à rua**
do total de ações e Alfredo passará de majoritário a minoritário. Sua participação se reduziria a uns 14%. "**Nem que queira** o *Alfredo* *pode passar as ações para a Dona Helena* , diz Pinto. "A incomunicabilidade não deixa." O advogado
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0639/m0052954.html>

7) **Exame - Cliente ausente paga menos**
banco a distância: o virtual puro-sangue e o híbrido. Num puro-sangue, os clientes jamais vão à agência. E **nem que quisessem** *poderiam ir*, porque ela simplesmente não existe. Tudo gira em torno de uma central de atendimento instalada
<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0627/m0051281.html>

- 8) Veja - Muito barulho por nada
 atual do progresso humano. Os países industrializados não vão bancar os projetos de longo alcance, *os países pobres nem que quisessem teriam como fazê-lo*. Não houve acordo para a maioria dos temas debatidos. Entre os poucos avanços, os participantes http://veja.abril.com.br/110902/p_078.html
- 9) Veja - VEJA on-line
 verdade. Mais de 80% do Orçamento está comprometido com despesas obrigatórias, das quais o governo não pode abrir mão **nem que** queira. São, por exemplo, os pagamentos vinculados de pensionistas do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e os repasses http://veja.abril.com.br/080605/p_044.html
- 10) Veja - Uma CUT diferente
 brasileira e das relações trabalhistas dentro das fábricas. Trinta anos atrás, o sindicato não tinha com quem negociar, **nem que** quisesse. Por isso fazia greves. Hoje, o sindicato é mais forte, está mais organizado nas fábricas e há respeito na relação http://veja.abril.com.br/250398/p_011.html

BLOGS

- 11) Nem sei –
 26 out. 2007 por Márcia
 ... hoje moram de favor em uma casa da minha sogra, e mesmo assim não aprendem, gastam dinheiro em besteira mas **não** economizam um centavo para comprar a deles, **e nem** falam nada em pagar um aluguel, **nem que** seja simbólico! ...Retalhos - <http://fenixmcs.blogspot.com/>
- 12) Você sempre me disse que sua maior mágoa era eu nunca ter escrito um texto sobre você. **Nem que** fosse te xingando, te expondo. Qualquer coisa. Você sempre foi o único homem que me amou. E eu nunca te escrevi nem uma frase num papelzinho amassado. Você sempre foi o único amigo que entendeu essa minha vontade de abraçar -
 Lete's Style - <http://estilolete.blogspot.com/>
- 13) 7 out. 2007 por miltonribeiro
 (Tenho uma pequena empresa e sei que simplesmente **não** posso sonegar impostos federais **nem que** queira.) Por que Yedinha, que faz uma administração repugnante e é naturalmente limitada - mas que conhece o caminho da

ANEXO C – Itens de Polaridade sem Classificação

Título de Filme

Nem Que A Vaca Tussa (1991)

http://www.netmovies.com.br/titulo/Nem_Que_A_Vaca_Tussa

Títulos de música

–

Nem Que Seja A Nado

Rosalia de Souza

[http://beemp3.com/download.php?file=329774&song=Nem+Que+Seja+A+Nado+\(feat+Toco\)](http://beemp3.com/download.php?file=329774&song=Nem+Que+Seja+A+Nado+(feat+Toco))

Nem Que Pare o Coração

Jorge de Altinho

http://www.allbrazilianmusic.com/en/artists/Artists.asp?Status=DISCO&Nu_Artista=310&Nu_Disco=6962

Títulos de Posts

Nem que fosse pela última vez

26 jun. 2008 por Vendo Sonhos

A tensão estava estabelecida eo silêncio sepulcral foi rompido quando Josephine espalmou as duas mãos na parede com força e então voltou-se para ele, dilatando as narinas como sempre fazia ao exasperar-se. ...

.. * " Vendo Sonhos " * .. - <http://vendo-sonhos.blogspot.com/>

Nem que morra.

A vista aqui de cima é linda!

<http://www.nemquemorra.blogspot.com/>